

ENTRE O CARLISMO E O LULISMO NO ESTADO DA BAHIA:

Tendências e Articulações em Macarani

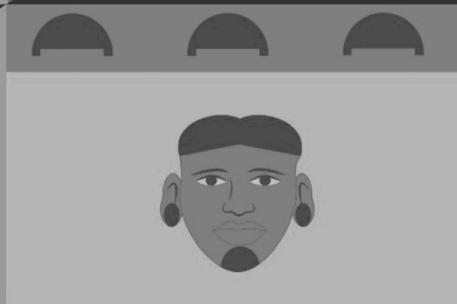
Gabriel de Oliveira Ferraz



ENTRE O CARLISMO E O LULISMO NO ESTADO DA BAHIA:

Tendências e Articulações em Macarani

Gabriel de Oliveira Ferraz



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 O autor

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof^a Dr^a Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
 Prof^a Dr^a Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
 Prof^a Dr^a Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
 Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^a Dr^a Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^a Dr^a Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
 Prof^a Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof^a Dr^a Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof^a Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande

- Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
- Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
- Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
- Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
- Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
- Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
- Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
- Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
- Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
- Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
- Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
- Profª Drª Vanessa Freitag de Araújo – Universidade Estadual de Maringá
- Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
- Universidade de Coimbra
- Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Entre o Carlismo e o Lulismo no estado da Bahia: tendências e articulações em Macarani

Diagramação: Ellen Addressa Kubisty
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Gabriel de Oliveira Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F381 Ferraz, Gabriel de Oliveira
Entre o Carlismo e o Lulismo no estado da Bahia: tendências
e articulações em Macarani / Gabriel de Oliveira
Ferraz. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2581-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.816240805>

1. Bahia. I. Ferraz, Gabriel de Oliveira. II. Título.

CDD 918.142

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Este livro resulta de dissertação de mestrado defendida em 10 de dezembro de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (PPGDS / Unimontes). A etnografia resulta de pesquisa realizada nas eleições de 2018 e 2020 nas cidades de Macarani e Itapetinga, onde permaneci durante alguns meses.

Agradeço aos entrevistados e interlocutores, que durante trabalho de campo contribuíram significativamente para a realização dessa pesquisa que deu origem a este livro. Meus agradecimentos aos macaranienses, sem a participação deles não seria possível a realização dessa pesquisa.

Agradeço o apoio do amigo Rony Moitinho, presidente do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável do Médio Sudoeste da Bahia – COTEMESB, e prefeito da cidade de Iguai.

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento ao Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro a realização da pesquisa, através da bolsa de estudos.

Agradeço ao professor Valter Nascimento (in memoriam) que fez parte da história deste trabalho, contribuindo com sua perspectiva analítica do desenvolvimento regional do nosso território.

Agradeço ao professor João Batista, professor de Antropologia cujo sensibilidade antropológica soube estimular a minha vocação nos estudos das Ciências Sociais.

Sou grato a Giancarlo Machado, que orientou a dissertação que deu origem a este livro, que compreendendo a pretensão deste estudo, dedicou-se com respeito, atenção e amizade, na orientação desta pesquisa.

A minha família agradeço pela generosidade e força, à minha mãe Rosângela, meu pai Wadmillan, e meu irmão Miller.

Agradeço a minha parceira e companheira Alana Souza pelo afeto, carinho e cuidado.

O TEMPO NA E DA POLÍTICA EM MACARANI - BA

A história de Macarani, município localizado no Centro-Sul da Bahia, distante cerca de 600 quilômetros de Salvador, é marcada por demasiadas camadas. A sua região já esteve vinculada, administrativamente, à Vitória da Conquista, de onde fora emancipado outro município, em 1922, nomeado Encruzilhada. Macarani, que passou a ser distrito deste novo município, também não tardou a adquirir a sua autonomia administrativa: ao se emancipar de Encruzilhada, fora alçado à condição de município, algo que ocorreu em 1944. Desde então, sob esta nova condição, o povo macaraniense vem inventando e reinventando os rumos de sua política local.

Gabriel Ferraz é originário desta terra e, tal como um inquieto desbravador de suas vicissitudes relacionais, teve o ímpeto de direcionar a sua formação acadêmica a fim de compreender a complexidade de certos processos que lhe transpareciam ser familiares. O autor desde cedo não apenas acompanhava, mas também participava ativamente do *tempo da política* de Macarani. Aproveitando-se desta condição, ainda em sua graduação em Ciências Sociais, realizada na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes-MG), teve a proeza de investigar uma nova conjuntura política que se estabeleceu no município a partir de 2002, momento em que Luís Inácio Lula da Silva (PT) assumiu, pela primeira vez, a condição de presidente da república. Um fato em nível nacional, porém com reflexos em nível local – a ponto de embaralhar a hegemonia outrora consolidada pelas redes políticas de Antônio Carlos Magalhães na região.

Macarani, deste modo, passou a lidar neste novo século com os efeitos de dois fenômenos que aparentemente concorriam entre si, quais sejam, o *carlismo* em sua decadência, e o *lulismo* em sua ascensão. A decadência e a ascensão destes diferentes fenômenos não implicavam, todavia, numa clareza tampouco numa previsibilidade quando se tratava de eleições no município. Havia nuances decorrentes das controvérsias que permeavam a produção de redes entre diferentes atores com interesses segmentados. Gabriel Ferraz, enquanto exímio pesquisador, fez uma imersão detida no cotidiano citadino macaraniense para coletar dados com vistas a revelar uma profundidade cara ao fazer política num município com menos de 20 mil habitantes.

Após finalizar seu trabalho de conclusão de curso, o autor passou a enfrentar outras inquietações decorrentes da emergência de um novo fenômeno na política nacional: o *bolsonarismo*. Qual seria o seu impacto frente às forças vinculadas ao *lulismo* e ao *carlismo* em Macarani? Com esta indagação em mente, Gabriel Ferraz se inseriu no Mestrado em Desenvolvimento Social (PPGDS), também pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes-

MG), sob minha orientação, com vistas a ampliar e desdobrar suas análises iniciadas na graduação. O autor não parte de meras elocubrações apriorísticas, mas vale-se, ao contrário, de uma análise etnográfica apurada para reconstituir e problematizar as mediações e as disputas necessárias a fim de consolidar quem seria eleito para o cargo de prefeito.

O *bolsonarismo* complexificou o *tempo da política* no município, exigindo dos atores novas alianças, discursos, práticas e representações tendo em vista a captura do eleitorado. Gabriel Ferraz diferencia-se por se preocupar com aquilo que se passa em palanques e nos seus bastidores, mas também para as táticas que o próprio povo macaraniense, considerado em toda a sua diversidade, aciona frente às estratégias eleitoreiras fomentadas por certos grupos políticos.

Este livro traz um importante registro tanto do *tempo da política*, conceito que será discutido no decorrer dos capítulos, quanto do tempo de Gabriel Ferraz na política do município. Portanto, o autor oferta contribuições à Antropologia da Política – em decorrência da etnografia que desenvolve –, e, de igual maneira, também deixa um legado para Macarani ao reconstituir e consolidar análises que revelam que a dominação política não é uma condição simplória meramente atrelada à disposição de recursos materiais, mas, antes, algo que depende da construção de múltiplas redes complexas e heterogêneas a partir das quais serão produzidas certas lideranças. Com efeito, ao romper polarizações, este livro nos permite compreender as contradições e as coalizações do *lulismo*, *carlismo* e *bolsonarismo* frente a um cenário de incertezas. Gabriel Ferraz segue perscrutando as dinâmicas políticas de Macarani, sendo, por isto, não apenas testemunha ocular daquilo que se passa nas brechas das institucionalidades, mas também um importante ator disposto a trazer mudanças significativas para a realidade local.

Montes Claros – MG, março de 2024.

Giancarlo Marques Carraro Machado

Professor permanente do Programa de Pós-graduação em
Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (PPGDS/
Unimontes-MG)

Este livro é um estudo descritivo e analítico das relações, e dos conflitos estabelecidos entre as agremiações políticas com conteúdos ideológicos diferenciados. Para realizar a interpretação, através de pesquisa etnográfica de eleições locais, tomei como dado para a interpretação dos fenômenos do Carlismo e do Lulismo, o tempo da política e as estratégias políticas por meio das quais o município de Macarani se articula com o mundo regional, estadual e nacional. Para construir interpretação recorri à perspectiva teórico-metodológica da análise situacional, na qual desenvolvi a leitura sobre as elites políticas locais que detêm a hegemonia e o poder no município.

"Este é bem um estranho guia, moça. Com ele não verás apenas a casca amarela e linda da laranja. Verás igualmente os gomes podres que repugnam ao paladar. Porque assim é a Bahia, mistura de beleza e sofrimento, de fartura e fome, de risos álacres e de lágrimas doloridas".

(Jorge Amado)

INTRODUÇÃO	1
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DA POLÍTICA NA BAHIA	8
O CARLISMO E A MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA NA BAHIA.....	8
PÓS-CARLISMO? O PT E ASCENSÃO DO <i>LULISMO</i>	19
CONTRIBUIÇÕES E CONTROVÉRSIAS DO <i>LULISMO</i>	23
ARTICULAÇÕES E ALIANÇAS: O JOGO POLÍTICO.....	27
ELEIÇÕES 2018: AS VINCULAÇÕES LOCAIS COM A POLÍTICA BAIANA E NACIONAL.....	33
DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS DA POLÍTICA EM MACARANI: TECENDO AS REDES.....	33
O MANDONISMO NA POLÍTICA LOCAL.....	40
ETNOGRAFIA DO PALANQUE	50
TRAJETÓRIA POLÍTICA – DEPUTADO ESTADUAL ROSEMBERG PINTO.....	59
LULISMO X BOLSONARISMO EM MACARANI	64
AS ELEIÇÕES DE 2020: OS IMPACTOS DA POLÍTICA ESTADUAL E NACIONAL NO CONTEXTO LOCAL	70
CARISMA E CRISE DE LIDERANÇA.....	70
TEMPO DA POLÍTICA: OS ATORES EM AÇÃO	75
ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM MACARANI 2020: A CONFIGURAÇÃO DO PODER EM DISPUTA	83
A ADAPTAÇÃO DA ELITE POLÍTICA MACARANIENSE	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
ANEXOS.....	112
SOBRE O AUTOR	117

INTRODUÇÃO

Este livro, resulta do meu trabalho de dissertação, em que analiso o *lulismo* como fenômeno político e social no estado da Bahia e reconstituição as redes políticas locais, que também envolvem o fenômeno do *carlismo*. Para isso, busquei entender o contexto mais amplo da política da Bahia nas últimas décadas, marcada pela transferência do *carlismo* até o *lulismo*, considerando o fenômeno do *lulismo* como ponto de partida de uma investigação que contempla sua relação de aproximação e distanciamento com outros fenômenos políticos.

No diálogo sobre a dinâmica da vida política local, para compreensão do mesmo fenômeno estadual e nacional, buscou-se compreender os atuais processos políticos e sociais em Macarani. Em conjunto, é o *tempo da política* da cidade em diferentes eleições, os seus desdobramentos no *carlismo* e as novas reconfigurações.

Luís Inácio Lula da Silva, operário líder sindical, transformou-se em um dos principais políticos da história do Brasil. Seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT), surgiu em fevereiro de 1980, em São Bernardo do Campo - SP, com a necessidade de promover mudanças na vida social da cidade e do campo, a partir da articulação de trabalhadores, militantes de esquerda, intelectuais e artistas, em um cenário político repleto de mobilizações sociais e sindicais.

O *lulismo* se caracterizou por articulações e alianças constituintes de uma organização fundamental nos processos sociais de consolidação de poder partidário e propiciou a guinada do Partido dos Trabalhadores, em distinção à dinâmica das elites locais que sustentavam a base do *Carlismo Histórico*, categoria utilizada para nomear o modo de fazer política liderada por Antônio Carlos Magalhães, e do *Pós-Carlismo* na Bahia.

Nas últimas eleições de outubro de 2022, o PT obteve até 60% dos votos para os cargos estadual e nacional, isso mesmo em municípios do interior onde não tinha representação eletiva, a exemplo de Macarani, dentre outros como Maiquinique, Itarantim, Itororó, Potiraguá, na região do Médio Sudoeste da Bahia.

Nesse sentido, foi fundamental a relação histórica que o líder sindical estabeleceu com Antônio Carlos Magalhães, o ACM, um dos mais influentes políticos no século XX, que iniciou a sua trajetória política no início de 1950, por meio de acordos com agremiações da política regional, ocupando espaços relevantes na Bahia e no Brasil durante as décadas de 1970 e 1990, considerado um importante aliado do Regime Militar.

Através do seu dinamismo no apoio a lideranças locais e pelo uso da gestão pública para ampliar o seu domínio entre a elite econômica, ACM passou a dirigir repartições relevantes dos serviços estaduais da educação e da comunicação, principalmente após sua atuação no ministério das comunicações no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Desde que o *carlismo* perdeu sua hegemonia estadual depois de mais de três décadas de poder, a política na Bahia tem passado por algumas mudanças.

Diante desse contexto, surgiram as questões que orientam a obra e a interpretação desenvolvida a partir delas: como esses processos sociais nacional e estadual se refletem na vida local dos municípios? No médio sudoeste da Bahia há o vínculo das elites com o *carlismo* e um aparente conflito na relação das forças políticas territoriais, mas como é dada essa relação? Macarani constitui um caso exemplar desse paradoxo, entre o local e o regional, nas dimensões da dinâmica política e da circulação das elites. A cidade está localizada a 620 km de Salvador, tem uma população média atual de 19 mil habitantes e se desenvolveu economicamente através da pecuária e do comércio. Depois de algumas décadas, Macarani possui em sua organização econômica indústrias modestas de produção de calçados e laticínios. É nessa perspectiva local que busquei analisar as influências desses fenômenos sociais mais amplos, como o *lulismo* e o *pós-carlismo*.

Outros questionamentos foram centrais para o desenvolvimento da pesquisa: como surgiu o *lulismo*? Qual foi o seu processo de desenvolvimento? Quais foram as articulações e estratégias das coligações? Quais influências se manifestam nas tendências estaduais do PT? Quais foram os impactos na política local após o *impeachment* de 2016? Quais os elementos que mudaram a dinâmica dos processos políticos locais, com a crise do *lulismo*?

No entanto, o personalismo na política está organizado e ao mesmo tempo confirma um sistema vertical de posições, que não é apenas em um viés político, uma vez que a política é instrumento de inserção social e econômica. O reconhecimento desse sistema se efetiva nas relações sociais e nos meios para se obter acesso ao poder político, como ainda discutido por Leal (1978) em “Coronelismo, enxada e voto”, o mandonismo local como estrutura de poder que faz parte da história política brasileira. A proposta de compreender se há uma relação de identificação pessoal com o político hegemônico no Estado da Bahia e no Brasil é um dos caminhos deste estudo.

Em “Os Sentidos do Lulismo”, Singer (2012) traz algumas contribuições acerca da categoria do *lulismo* na Ciência Política brasileira, como fenômeno de realinhamento eleitoral, isto é, após as eleições de 2006 o projeto do *lulismo* foi sustentado por eleitores que possuem menor renda, baixa escolaridade e estão em pequenas cidades e nas periferias dos grandes centros. Ao contrário, por exemplo, das eleições anteriores, quando Lula recebeu votos de eleitores com renda maior, mais instruídos e residentes das grandes cidades.

Essa mudança repentina tem como causa algumas políticas sociais nos governos do PT, como o aumento real do salário mínimo, aumento do crédito, estabilidade do emprego formal, Bolsa Família¹, dentre outras políticas positivas aos mais vulneráveis. Entretanto, dando continuidade ao *status quo* das elites enquanto um pacto social conservador, as contradições do *lulismo* sinalizaram as articulações nos estados.

1 Programa Federal de transferência de renda a famílias cuja renda *per capita* fosse inferior a ¼ do salário mínimo vigente. O Programa é gerido localmente, por meio das prefeituras, que se responsabilizam por incluir num cadastro único, que concentra dados das famílias possíveis beneficiárias, os nomes das mulheres chefes de família, em nome das quais será expedido o benefício. A direção local do programa tornou-se numa fonte de capital político, pela presença de parte da população mais carente no Centro de Referência Assistência Social – CRAS.

Em 2006, na Bahia, a vitória de Jaques Wagner do PT foi compreendida pelas seguintes condições: crescimento do partido até as eleições, crise política do *carlismo*, influência nacional de Lula desde que assumiu a presidência do país, alocação de recursos no Estado, e alianças com partidos e líderes locais de centro e direita que já foram bases do *carlismo*.

Alinhado à dinâmica relacional do fenômeno do poder, o *lulismo* na Bahia apresenta componentes da cultura política brasileira. A interpretação hegemônica muda conforme o tempo e a conjuntura, os símbolos, os discursos e as práticas sociais que se consolidam na memória e nas representações sociais a partir das relações de poder, restabelecendo mecanismos das relações hierárquicas sendo situada para propiciar coesão social.

Segundo Oliveira (1996), “a coesão social é o sentido de atribuição a um espaço comum ou o grau de consenso dos membros de uma comunidade”, que provoca, portanto, inquietações dentro e fora das instituições e organizações. Assim, busca-se analisar como são estabelecidas as influências e articulações das elites políticas locais com a hegemonia conjuntural em voga, observando qual o potencial do *lulismo* bem como as suas contradições, interpretando o significado das práticas políticas nos seus processos sociais e investigando as suas particularidades locais.

Pode-se perceber a ênfase do Novo Desenvolvimentismo quando Mercadante (2010) sintetiza:

O Novo Desenvolvimentismo consistiria na elevação do social à condição de eixo estruturante do crescimento econômico, por meio da ampliação do mercado de consumo de massa, com políticas públicas de inclusão social. Esse fortalecimento do mercado interno foi capaz de gerar um dinamismo econômico (MERCADANTE, 2010, p. 31).

Sendo assim, este livro analisa a dinâmica de alguns partidos locais, em especial o PP, MDB, PSD, PT e DEM, as suas influências, estratégias e articulações, como em Macarani, onde o PT ganhou todas as eleições estadual e nacional. Nas últimas cinco eleições presidenciais – 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018 – o mesmo partido não obteve nenhum cargo eletivo local. Como compreender e interpretar esse fenômeno dentro da política local? Pretende-se entender como ocorre essa lacuna entre a vida local dos partidos, o cenário nacional e o Estado da Bahia.

Para alcançar esses objetivos, evidenciou-se a atuação do Partido dos Trabalhadores na construção e manutenção de políticas sociais na Bahia, analisando a partir do desenvolvimento do *lulismo*, a polarização que ocorreu no partido após ascender na política estadual e identificando as mudanças na direção estadual do PT para compreender o movimento de transferência de membros da elite política local para o partido e as inferências após o *impeachment* sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff.

No início dos anos 1990 surgiram estudos na área da Antropologia da Política que têm contribuído com questionamentos fundamentais sobre a rotina da política em cidades

do interior no Brasil no período atual. As considerações mais relevantes são de que nesses contextos prevalecem concepções da política limitada às eleições e uma visão do voto como “adesão” (PALMEIRA, 2006). Entretanto, essas pesquisas também assinalam que as transformações sociais e econômicas das últimas décadas têm ocasionado tensões no âmbito da estrutura política nas pequenas cidades de modo que “o cabresto já não é mais tão curto” (BARREIRA, 2006).

Essas interpretações desenvolvidas em momentos e contextos distintos apontam uma conservação de particularidades da cultura política que parecem consolidadas. É relevante desenvolver estudos empíricos que investiguem o ciclo mais recente em que o Brasil e alguns estados como a Bahia passaram por modificações na relação das elites e nas disputas de poder.

Malinowski (1980), ao realizar seu mais importante estudo nas Ilhas Trobriand, encontrou na observação participante o que precisava para construir sua etnografia:

Em outras palavras, há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados através de perguntas, ou em documentos quantitativos, mas devem ser observados em plena realidade. Denominemo-los os *imponderáveis da vida real*. [...] Todos esses fatos podem e devem ser cientificamente formulados e registrados, mas é necessário que o sejam, não através de um registro superficial de detalhes, como é habitualmente feito por observadores sem treinamento, mas por um esforço de penetração da atitude mental que neles se expressa. E é por esta razão que o trabalho dos observadores treinados, uma vez seriamente aplicado ao estudo desse aspecto, proporcionará, eu o creio resultados de maior valor (MALINOWSKI, 1980, p. 55).

A etnografia também pode ser vista como uma “descrição densa”, Geertz (1989) a apresenta como um “manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses”. Já Malinowski (1978) aponta como um “relato honesto de todos os dados” que “só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas”, que só é possível quando o pesquisador está estudando nas aldeias, a partir de um mergulho na vida e no mundo dos sujeitos da sua pesquisa.

Segundo Magnani,

o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos (MAGNANI, 2002, p. 17).

Frehse (2011) oferece também uma contribuição sobre as potencialidades da etnografia, na qual o pesquisador e o nativo estabelecem uma interação, pois eles conversam. É nisso que consiste o cerne do método etnográfico, em desenvolver o trabalho com pessoas, dialogando com elas:

Entendo a etnografia antes de tudo como maneira específica de conhecer a vida social. Sua peculiaridade: sua fundamentação existencial numa impregnação profunda, no pesquisador (em seu corpo, e sua alma, em sua inteligência e sensibilidade), da imprescindibilidade da busca por aquilo que Eduardo Viveiros de Castro denominou 'diálogo para valer' com o Outro sendo o conhecimento forjado justamente a partir dos resultados desse diálogo (FREHSE, 2011, p. 35).

No artigo *Etnografia como prática e experiência*, Magnani (2009) aponta para a análise da cidade, considerar os atores como parte da totalidade por meio do uso da cidade, e a articulação que a etnografia possibilita na análise vivenciada pelos atores e pelo pesquisador.

Para introduzir essa questão proponho considerar os atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio de usos vernaculares da cidade (do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, política, vida associativa, estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por uma dinâmica cotidiana. Postulo partir dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos arranjos coletivos, isto é, das estratégias que eles utilizam para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas, através de comportamentos que não são erráticos mais apresentam padrões disponíveis (MAGNANI, 2009, p. 137).

Este livro buscou analisar as múltiplas facetas da disputa do poder na política local através de um estudo de caso exemplar. Assim, para compreender a influência desse fenômeno social, mais amplo e emblemático em Macarani, é fundamental recorrer ao pressuposto de Kuschnir e Carneiro (1999):

A noção de cultura política se refere ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores (KUSCHNIR; CARNEIRO, 1999, p. 2).

A busca da compreensão da política em Macarani apoia-se no estudo da literatura brasileira, especialmente no livro "Antropologia da Política", nele Karina Kuschnir (2007) coloca a questão central da Antropologia da Política, definindo como o campo no qual o objetivo é entender como os atores sociais compreendem e experimentam a política.

A autora traz uma contribuição na valorização que faz das formas de interação e produção de significados feitos pelos atores no universo político, o que significa que o mundo da política não é dado anteriormente, mas definido a partir das formulações e comportamentos das pessoas em seus contextos, com variáveis além da política, mas com uma visão de conjunto, para candidatos, partidos políticos, agentes políticos e cidadãos.

A incorporação da perspectiva teórico-metodológica da Escola Manchester, sobretudo dos autores etnógrafos clássicos Gluckman (2010), Barnes (2010) e Van Velsen (2010), constituiu uma importante referência do ponto de vista também de análise (teoria da ação, das redes sociais, análise situacional) que serão explicitadas nos capítulos desta

dissertação. Foi com base nessas perspectivas que se buscou aqui a compreensão da realidade política local não só a partir de seu equilíbrio social, mas também das suas transformações sociais, situando, assim, o espaço de poder, as relações, os processos, as situações de conflitos, as alianças, as representações e os arranjos políticos.

No primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico local, regional e nacional sobre os eixos temáticos para obter conhecimento do que já foi estudado. No segundo momento, fez-se um levantamento bibliográfico da política baiana, e a história política de Macarani, a partir de material já existente. A elaboração do roteiro de trabalho de campo foi feita junto ao professor orientador.

No segundo momento, foram utilizados dados de trabalhos de campo realizados em 2017 para trabalho monográfico. Posteriormente, foi realizada a análise dos dados encontrados, dos documentos, dos jornais, das fotos e das conversações com os sujeitos da pesquisa. E se elaborou um novo plano de campo, constando os itens a serem abordados e as informações a serem levantadas assim como a forma em que serão abordadas, para posterior coleta de dados.

Em seguida, recorri as entrevistas e conversações, que foram organizadas de acordo com os objetivos da pesquisa, como esclarecimento de uma situação, um personagem etc., ou seja, as lacunas ou questões já encontradas em fontes documentais. Busquei também colher diferentes pontos de vista sobre um mesmo fenômeno, situação ou político para construir uma análise das interpretações da realidade social vivenciada.

As entrevistas foram realizadas em formato de uma conversa aberta. Assim eu me apresentava enquanto pesquisador, com um gravador de voz e duas cópias do termo de consentimento para participação na pesquisa, e caderno de campo com algumas anotações que ajudaram no roteiro da entrevista e para registrar falas e expressões que no decorrer da conversa fossem surgindo, que percebia como importantes para análise.

Além disso, os anos de 2020 e 2021 têm sido marcados pela pandemia da COVID-19 que impôs alguns desafios na realização do trabalho de campo, especialmente no período eleitoral, com novas regras e decretos em âmbito municipal e estadual que são atualizados constantemente. Outro desafio foi a realização das conversas/entrevistas com membros da política local, e até eleitores, pelo que notei foi por receio ou questões pessoais que envolvem as suas relações políticas.

A obra teve uma condição particular por eu ser nativo de Macarani e ter participado da política local desde 2014 e nas últimas eleições de 2020 participei como militante e candidato a vereador pelo PT. Assim, ocupo esse duplo papel de pesquisador/agente da pesquisa que serviu de estímulo a ser considerado, apesar das limitações, utilizei a participação no processo eleitoral estrategicamente para a realização do trabalho de campo.

A pesquisa foi submetida à apreciação do comitê de ética por se tratar diretamente com pessoas. Foi aprovada com o parecer consubstanciado, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE, 40539420.5.0000.5146, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

O livro está estruturado em três partes, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, tratarei dos aspectos teóricos da pesquisa. Farei uma leitura conceitual e contextual sobre o surgimento de dois fenômenos social e político: a figura de ACM e a consolidação de um conjunto de práticas políticas no estado da Bahia, na segunda metade do século XX, que reverbera resquícios até o atual momento. Posteriormente, busco entender o fenômeno do *lulismo* nas perspectivas de Singer (2012) e Boito Jr. (2013).

No segundo capítulo, para analisar as situações e os processos políticos locais, recorro à perspectiva teórico-metodológica de Gluckman (2010) de análise situacional para descrever uma série de eventos registrados por ele a fim de desenvolver a interpretação das situações sociais e de suas interrelações na Zululândia Moderna. O autor descreve as categorias que, articuladas em sua estrutura social, configuram as relações sociais e as instituições daquela sociedade.

A partir desse instrumental realizei uma leitura da realidade política em Macarani tendo o *Carlismo* como base. Considerando as aspirações políticas da sociedade macaraniense, a elite reorganiza seus vínculos eleitoreiros para manter no poder local os interesses dos grupos. A análise foi construída a partir da descrição de um comício realizado no ano de 2018, com membros da elite local, ligados ao *Carlismo*, e lideranças locais e estaduais do PT.

Para análise dos *tempos da política* em Macarani, no terceiro capítulo, utilizo o instrumental desenvolvido por Pereira de Queiroz (1976), denominado de mandonismo local, em que os políticos procuram estabelecer relações próximas com seus eleitores. Assim, faço uma leitura sobre a incorporação dessas redes de relações partidárias com a elite política local, ao utilizar a perspectiva de Barnes (2010) para compreender as influências e articulações na configuração do processo político das eleições municipais de 2020.

Busquei elucidar as estratégias de organização política e de participação no âmbito local, a partir da coleta de dados de campo, através da observação da realidade social com a apreensão dos aspectos políticos, no período das eleições municipais de 2020, que ocorreu diferente de todas as eleições, devido à pandemia da COVID-19. Nas considerações finais, apresento um cenário geral da política local, as suas vinculações estaduais e nacional e as perspectivas para as eleições de 2022.

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DA POLÍTICA NA BAHIA

Neste capítulo apresentarei, a partir dos dados coletados em campo e em pesquisas bibliográficas, concepções e práticas que estruturam as ações políticas vivenciadas no estado da Bahia nas últimas décadas. Em trabalho de campo na Antropologia há sempre excesso de significações coletadas, que possibilitam a construção de diversas leituras quando selecionadas e manuseadas na construção de outras interpretações. No meu caso, no trabalho monográfico, que realizei durante o ano de 2017, onde faço a reconstituição da história política de Macarani, e analiso a construção e a trajetória do Partido dos Trabalhadores – PT no município. Utilizo do recurso metodológico de leitura analítica do processo social para ler as relações de disputa na história política contemporânea baiana, e como foram estabelecidos os conflitos e as divergências entre dois fenômenos políticos: o do *carlismo*, e do *lulismo*, fundamentais para compreensão das mudanças e continuidades na política local de Macarani.

O CARLISMO E A MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA NA BAHIA

A categoria “*carlismo*” é utilizada para fazer referência ao grupo político liderado por Antônio Carlos Magalhães (ACM), no Estado da Bahia, com início na década de 1970, que foi durante décadas a agremiação política mais importante do estado e uma das mais atuantes do Brasil.

Busco neste trabalho uma interpretação diferente sobre o *carlismo*, tenho como inspiração teórica Pereira (2017), entendendo que este fenômeno só pode ser apreendido nesse cenário político da modernização que estava ocorrendo no país. Assim, a perspectiva de dominação da elite carlista se distingue do domínio da oligarquia, uma vez que sempre esteve ligado a uma concepção modernizante da categoria eminente na literatura como “modernização conservadora”.

Para Barrington Moore (1983, p. 432), a modernização conservadora é um tipo específico de transformação da sociedade pela elite, da qual no momento em que se avança com a modernização, busca-se a preservação da estrutura social principal, com a utilização de partes dessa estrutura na nova construção, constantemente.

Moore (1983, p. 432) aponta que uma característica particular dessa modernização se refere a algumas ações de compreensão racional da ordem social. Entretanto a literatura sobre modernização ocupou um espaço teórico relevante nas Ciências Sociais, a concepção do autor é uma importante contribuição teórica para o modelo de modernização que aconteceu no Brasil.

“A modernização brasileira caracterizou-se como processo que possibilitou alto grau de desenvolvimento econômico e burocratização do aparelho estatal, conseqüentemente, uma mudança na esfera institucional e na estrutural social. No entanto, historicamente, no

Brasil se encontrou soluções modernizantes que excluía as grandes massas do processo político, servindo a interesses da elite nacional”. (PEREIRA, 2017, p. 04).

Segundo Nogueira (1998), a falta de participação da classe trabalhadora no desenvolvimento da modernização brasileira impediu a realização de um projeto nacional influente, no qual a inserção social dessa mesma classe se configurava como questão central, como analisa o autor:

“Esse impedimento indicaria a face excludente de uma sociedade que conheceria a cidadania apenas de forma parcial e incompleta. Houve um processo de mudança social sem ocorrer inclusão das classes populares. Portanto, uma modificação gradual onde o moderno e o tradicional se uniram, assim quando as transformações políticas foram necessárias, através de conciliações e concessões, sem que o povo participasse das decisões e impusesse organicamente a sua vontade coletiva.” (NOGUEIRA, 1998, p. 37).

Na mesma perspectiva de análise, para Coutinho (2007), um dos impactos da modernização conservadora no Brasil foi o excesso de carga assumido pelo Estado, em especial pelas burocracias vinculada ao Poder Executivo, na medida em que seguidas “revoluções” colocavam em ação dispositivos reformistas de associação. Segundo Coutinho (2007), as possibilidades reais que o Brasil enfrentou, ligadas à mudança para o capitalismo, buscaram soluções pela elite e por isto a manutenção da perspectiva tradicional de mando político no local do neocoronelismo. A mudança do Brasil em um país industrial em desenvolvimento, com um alto índice de urbanização e uma complexa estrutura social, se alcançou a partir do aumento da ação do Estado:

Ao invés de ser o resultado de movimentos populares, ou seja, de um processo dirigido pela burguesia revolucionária que arrastasse consigo as massas camponesas e os trabalhadores urbanos, a transformação capitalista teve lugar graças ao acordo entre as frações economicamente dominantes, com a exclusão das forças populares e a utilização permanente dos aparelhos repressivos e de intervenção econômica do Estado (COUTINHO, 2007 p. 196).

Num outro ponto de vista de compreender a revolução passiva brasileira, Werneck Vianna (1997) destaca as condições da nossa revolução burguesa, autoritária e tardia, de maneira em que o novo não transformou a antiga ordem social, sendo decorrente das elites políticas reformistas que desencadearam um projeto de transformações restritas com o intuito de permanecer com “mudanças”, sob o plano que tais transformações afirmassem e renovassem a sua dominação. Desta maneira, conforme o autor:

Havia um esforço agonístico de aceleração do desenvolvimento econômico garantido através de um comportamento típico da tradição do autoritarismo brasileiro. O regime militar conseguiu realizar esta estratégia pela via do pragmatismo mantendo intacto o bloco agrário industrial induzindo a conversão dos latifúndios em empresas capitalistas e consagrando o processo de criação de uma sociedade industrial de massas à americana (VIANNA, 1997, p. 96).

A leitura deste cenário na Bahia, propicia compreender a emergência de ACM como líder autocrático, seguido pelo que se convencionou chamar *carlismo*, em que um grupo de políticos locais a ele se vincularam e se articularam, posteriormente com uma elite regional dirigente da modernização da Bahia, com uma grande liderança, contudo não mais apenas pessoal, sempre em confluência com a modernização conservadora brasileira e aderindo práticas de gestão institucional e de intermediação de interesses ligados ao que Nunes (1997) apresentou como arranjo de gramáticas políticas.

Em sua interpretação sobre as Gramáticas Políticas do Brasil, Nunes (1997) contesta aquelas apontadas como tradições modernas e racionais. Sua interpretação mostra-se útil para o entendimento das estratégias da modernização conservadora, e do fenômeno político do *carlismo*. O *clientelismo* é a gramática política tradicional, revelada por uma troca que apresenta associação de dependência econômica entre atores sociais, sob o eixo de relações pessoais aspectos de sociedades campesina, por meio das quais, cada grupo de mando local, organizava os eleitores como sua parentela. O *carlismo* em suas práticas se aproxima das concepções do clientelismo, tratarei os seus aspectos no segundo capítulo.

Essas concepções são replicadas para as associações e partidos políticos, num sentido em que o personalismo impregna e engessa muitas dessas instituições partidárias. As duas gramáticas modernas que fazem contraponto ao clientelismo no Brasil seriam o *universalismo de procedimentos*, que é baseado em relações imparciais e direitos comuns, o *insulamento burocrático*, processo de defesa da estrutura técnica do Estado contra a intervenção do público. O autor considera que no Brasil houve sucesso político na gestão governamental e no intermédio de interesses quando ocorreu uma combinação dessas gramáticas, do clientelismo ao insulamento burocrático.

No *carlismo*, segundo Dantas Neto (2006), a elite organizada em torno de ACM, e que se fez mentora da modernização, impulsionou a gramática política do insulamento burocrático e, simultaneamente, o clientelismo. Outro elemento conservador que conduz a modernização, e fundamental do *carlismo* e utilizado “com mais força que o clientelismo, é o regionalismo político, nele compreendido tanto pela defesa dos interesses da Bahia, quanto pelo culto às tradições baianas”. (PEREIRA, 2007).

Para se compreender o *carlismo*, é importante levar em conta a ideia de que essa agremiação política se transformou numa elite política regional que esteve vinculada aos aspectos mais gerais da modernização no Brasil, marcada por uma condição politicamente conservadora, de junção entre o tradicional e o contemporâneo.

Tendo em vista esta interpretação, posso delinear uma retrospectiva dessa agremiação política e da sua relação com a política nacional, especialmente pela trajetória da sua principal liderança, ACM. Antônio Carlos Magalhães iniciou sua carreira política em 1955 como Deputado Estadual pela União Democrática Nacional (UDN). Foi eleito Deputado Federal em 1958, sendo reeleito em 1962. Em 1966, já pela Aliança Renovadora

Nacional (ARENA), foi o segundo candidato mais votado no Estado. Diante disso, tem-se um imaginário local de que Antônio Carlos Magalhães foi um político gerado pelos militares, considerando que antes de sua indicação a prefeito de Salvador pelo regime militar, ele havia exercido tais mandatos eletivos e tinha uma visibilidade no panorama da política baiana, onde exerceu a presidência da direção regional da UDN¹, e posteriormente da Arena². Ao verificar a grande conquista eleitoral de ACM nas eleições de 1966, Dantas Neto (2006) afirma:

em razão dos exercícios das presidências regionais da UDN, depois da Arena e sua ação na desestabilização do governo Jango e na implantação de um novo regime, em ambos momentos adotando postura agressiva, com boa exposição e repercussão na mídia jornalística. [...] ACM já era, entre 1962 e 1966, um quadro político que atraía votos de opinião, de modo especial em Salvador, onde disputou com o ex-prefeito Heitor Dias a condição de arenista mais votado para Câmara [...] credencial que pode ter coroado sua escolha, poucas semanas após o pleito, para o cargo de prefeito da capital baiana (DANTAS NETO, 2006, p. 188).

ACM foi indicado prefeito de Salvador em 1967 pelo governador Luis Viana Filho. No cargo, ele encaminhou com celeridade e por algumas ocasiões com uso da violência, a modernização da infraestrutura da capital baiana, permitindo que a sistema fundiário pré-capitalista e dando força aos principais condutores de expansão para a modernização de Salvador.

Por causa dessas realizações, ACM quando estava no posto, lhe foi concedido da Câmara Municipal de Vereadores de Salvador a titulação de Prefeito do Século. Sua gestão colaborou também para a sua nomeação, pelo Presidente Militar Emílio Médici, por meio do apoio predominante da direção regional da Arena, à eleição indireta para governador do Estado da Bahia para os anos 1971-1975. Sobre esta ocasião e algumas peculiaridades da sua estratégia política, aponta Dantas Neto (2003):

“A Prefeitura de Salvador (1967-1970) serviu de vitrine administrativa e trampolim político e o esforço prosseguiu durante o primeiro mandato de governador de ACM (1971-1975). Ao tempo em que mantinha a sociedade civil baiana sob forte domínio autoritário, investia contra bases político-eleitorais de grupos conservadores rivais, no intuito, em parte consumado, de neutralizá-los, ou pulverizá-los”. (DANTAS NETO 2003, p. 225).

A gestão de ACM, no seu primeiro mandato, centralizou-se na busca da aceleração do crescimento e da modernização da economia, priorizando o processo de industrialização da Bahia. Nesse sentido, a mineração e o setor energético foram áreas estratégicas instrumentais ao avanço da industrialização. Essa modernização com foco na indústria teve

1 A história da UDN está relacionada com a história de Vargas, a partir do período de 1937 – 1945 e 1950-1954 ao fazer críticas frequentes a Getúlio e ao getulismo tinham características marcantes o liberalismo econômico, e o conservadorismo nos costumes.

2 Originário das oligarquias rurais que desenvolveram na Segunda República e atuou como apoio político à Ditadura Militar, vigente de 1964 a 1985. A ARENA foi transformada no Partido Democrático Social, PDS, como meio de se desvincular da história da Ditadura no Brasil e com a abertura democrática, tornou-se o Partido da Frente Liberal – PFL.

uma mudança considerável na estrutura produtiva do Estado. No âmbito administrativo, a modernização ocorreu com destaque na planificação e na modernização marcada pela racionalização administrativa do aparelhamento do Estado.

Com os vínculos construídos no âmbito da política nacional, ACM instrumentalizou-se para o exercício do seu domínio pessoal. Seu mando político estadual era relativo, considerando o seu engajamento com o poder central ser continuamente ordenado pelo regime militar. Seu êxito na política advém de atributos políticos, uma vez que soube garantir o poder no Estado delimitado pelo regime político vigente sem falhar nos arranjos de governar com autonomia no campo estadual, subsídios administrativos e partidários, e obtendo do regime militar, a estrutura instrumental e o aparelho de soberania que concederam à condução da modernização da Bahia e à organização da agremiação política que formou e que com o passar do tempo praticamente coincidiu com a realidade da elite política estadual. Desta maneira, pode-se afirmar que a sua indicação para governador esteve associada ao seu exercício na Prefeitura da capital baiana, Salvador, também estava motivada pelo apoio da elite baiana as condições do Golpe civil-militar de 1964.

ACM tinha posicionamentos de caráter autoritário do tipo instrumental, que apresentavam os mecanismos do regime militar como necessários para findar a corrupção e estimular o desenvolvimento e crescimento econômico do País e da Bahia. As metas estipuladas eram o progresso e a modernização, e, para sua possibilidade, o autoritarismo era inevitável no período em que manteve a hegemonia de mando na Bahia.

Em síntese, ACM foi o gestor da modernização conservadora na Bahia, notada pela industrialização, pelo aceleração do desenvolvimento econômico, pela coerção sob a oposição e pela defesa da centralização do poder da elite na política. Assim, as mudanças relativas à modernização estavam sob o controle do governador Antônio Carlos Magalhães.

Outra particularidade relacionada simultaneamente ao andamento da modernização de caráter tradicionalista por ACM na Bahia foi à do acolhimento da planificação, uma vez que adota um método de administração apto para dar efetividade e racionalidade burocrática no aparelhamento do Estado, prioridade que realça a ligação do *carlismo* com a gramática política que Nunes (1997) nomeou de insulamento burocrático. Destaque na organização, na orientação técnica da administração pública e na atribuição de grupos de trabalhos, que eram mencionados constantemente também nos discursos de ACM. Entretanto na sua gestão como governador, ele manteve dependentes à sua predisposição a maioria das prefeituras no interior, e a capital do Estado, Salvador.

Desde esse tempo, predomina na Bahia uma convicção de que uma cidade só consegue ter uma boa gestão se o seu prefeito estiver em concordância com a política do governador. Segundo Dantas Neto (2006):

A centralização do comando era condição que lhe permitia administrar o Estado com sucesso, auferindo, com o mínimo de custo político [...] ao gosto do Gel. Médici, a aclamação das elites e do povo pela obra modernizante e, com isso, apresentar-se em Brasília como eficaz quadro político da Revolução (DANTAS NETO, 2006, p. 373).

Essa estratégia serviu, segundo o mesmo autor, para deter conflitos, conter o partido da situação, influenciar nos partidos da oposição, elegendo grande maioria nas bancadas de deputados para uma manutenção do seu comando pela relevância de suas atividades políticas, e do apoio das bases municipais submetidas ao controle centralizado do governador.

A primeira gestão do governador ACM, foi caracterizada por relevantes conquistas para o crescimento econômico do estado, sobretudo com a instalação do Polo Petroquímico em Camaçari e do Centro Industrial de Aratu, segundo Dantas Neto (2006).

ACM mantinha seu poder centralizado e alinhado ao plano nacional, pois era o tipo da sua política a condição de fidelidade. Tendo ocupado o Ministério das Comunicações do governo de José Sarney, de 1985 a 1990, foi um grande aliado nesse período. Em 1987, conseguiu para a TV Bahia, inaugurada em meados de 1985 por seus familiares, os direitos de transmissão da programação da Rede Globo de Televisão, passando a ocupar a liderança da audiência na Bahia. Assim, ainda que seja importante mencionar que a entrada de ACM e do *carlismo* na mídia tenha beneficiado o enriquecimento de sua figura em particular e de seu poder no Estado, a mídia não foi a mais importante *estratégia adaptativa* (DANTAS NETO, 2006) de ACM para sua permanência no poder no período democrático, principalmente nos anos de 1991-1995. Outros fatores devem ser pesquisados para compreender a continuidade do seu domínio.

Contudo, ACM não buscava construir relação com os seus adversários, ele não tinha a prática de constituir diálogos ou procurar acordos, mantendo seu ímpeto opressor. Ademais, continuou com a prática de cooptação de atores sociais e políticos de oposição. Em outra conjuntura, em condições democráticas, o carlismo retornou a hegemonia na Bahia, preservando parte de seus atributos centrais. Conforme Dantas Neto (2003):

A supremacia carlista nos anos de 1990 se baseou em um tripé: o seu prestígio eleitoral, seus recursos extra eleitorais de poder (influência sobre o empresariado, a mídia, poderes municipais, movimentos sociais, legislativo, judiciário e no tribunal de contas do estado) e a sua aura de infalibilidade e onipotência que transmitia sensação de poder (DANTAS NETO, 2003, p.18).

No início dos anos de 1990, a política baiana e nacional continuou não mais sob a defesa do progresso, mas com destaque para ajustes fiscais. ACM esteve em sua gestão em harmonia com as tendências neoliberais do Estado nacional, por meio do esforço em enxugar a máquina estatal, da apreensão de que a Bahia tivesse crédito junto aos organismos de finanças internacionais, a crítica à inflação e a ênfase na necessidade do Brasil conquistar estabilidade econômica. Como analisa Dantas Neto (2006), as ações

carlistas nesse período passaram por um processo imagético de repaginação neoliberal. Conforme Souza (2006), a Bahia sob o controle de ACM aceitou com restrições a política nacional de austeridade fiscal e foi um dos primeiros estados na negociação de suas dívidas com a União, além de ter interessado nas privatizações e na reforma da previdência social.

Nas eleições de 1994, ACM consegue eleger seu aliado, Paulo Souto que teve seu governo viabilizado pelo contexto da economia brasileira no primeiro mandato de FHC. Nesse ciclo o *carlismo* conseguiu difundir sua hegemonia, pela liderança de ACM e seu filho Luís Eduardo Magalhães. Ele foi deputado federal por três mandatos, vindo a se tornar líder do governo FHC na Câmara dos Deputados, quando se consolidou com uma grande liderança, ainda mais em sua função de interlocutor com o governo federal. O seu falecimento em 1998 conteve o que viria a ser o ápice do *carlismo*. A partir de então a agremiação deixou de ter seu sucessor no governo, perdendo seu principal articulador nacionalmente. Assim, o substituto de Paulo Souto, foi o então senador Cesar Borges, marcando o começo dos problemas do *carlismo*.

De acordo Dantas Neto (2006), junto com o falecimento de Luís Eduardo, o comportamento político pouco virtuoso de ACM naquele período foi um divisor de águas do império carlista. Parte desse comportamento pode ser percebido principalmente com ações consideradas antirrepublicanas, como ocorreu em 2001, com o atentado ao painel do Senado³. Além dessas duas condições, tinha uma crise interna à aliança do governo que fez com que o PFL perdesse espaço. Depois de oito anos de um acordo eleitoral com o PSDB, foi superado pelo o PMDB na chapa para eleições de 2002. No que se refere a essa conjuntura, o autor afirma:

[...] começou a perder também o controle sobre importantes recursos de poder na Bahia: rompimento do PMDB; defecção de deputados; confronto com o movimento estudantil; greve radical das polícias estaduais; oposição de A Tarde, principal órgão da imprensa escrita baiana; limitação, pela Rede Globo, do uso político da sua repetidora na Bahia, propriedade da família Magalhães, e perda do controle sobre o TRE e a cúpula judiciária do Estado, tudo isso formando uma cadeia de eventos erosivos, que se precipitaria sobre o cenário eleitoral de 2002 (DANTAS NETO, 2006, p. 239).

Apesar do triunfo nas eleições para governador em 2002, o cenário político após as eleições representava a redução do controle carlista, com o fracasso nas eleições em Salvador e nas grandes cidades do Estado. Ocorreu uma expansão do poder da oposição de centro-esquerda em todo o Estado. Em âmbito partidário, o *carlismo* diminuindo, se resumiu ao PFL. Partidos como PTB, PL e PP, que eram base do grupo de apoio carlista, começaram a se afastar da agremiação.

3 O episódio da violação do sigilo do painel do Senado Federal desencadeou uma crise que resultou com as renúncias de Antônio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda, no período era líder do governo de FHC no Senado, em maio de 2001. Os dois foram indiciados pelo Conselho de Ética de quebra do decoro parlamentar. Ambos negaram participação no fato, mas a diretora da empresa de Processamento de Dados do Senado relatou que a lista dos votos foi entregue por ela mesma a Arruda, que logo foi utilizada por ACM. Para escapar da cassação de seus mandatos e a perda de seus direitos políticos, Antônio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda renunciaram ao cargo de senador.

A gestão de Paulo Souto (PFL), de 2002-2006, foi caracterizada pela conservação das gestões anteriores, dispondo como marca o caráter de gerenciamento para o mercado. Neste contexto, entra em derrocada o poder da figura de ACM estimulando a mudança no modelo de controle do grupo carlista, que não se fundamentava mais no poder pessoal de ACM, uma vez que a perda de sua estrutura que aglutinava vários partidos e do aumento da oposição de esquerda.

O *carlismo* pode ser visto como uma agremiação política, e como maneira de fazer política com um ajuste de discurso e prática modernizantes e conservadora. Em teor político, o elo modernizante diz respeito a uma ação política de vincular-se às mobilizações do capitalismo dominante sobre o governo federal. Após o final da década de 1950 a elite regional não se conflitou com o governo federal e utilizou-se dessa relação para apoiar o Estado, no propósito da modernização capitalista.

A narrativa e prática conservadora envolve uma convicção hierárquica da política, que reverencia a participação da elite como mais importante, que tratava a cidadania como algo restrito ao tempo das eleições, como um modo de validação da política que dificulta a pluralidade e estigmatiza os conflitos e divergências ideológicas.

Historicamente a agremiação produziu seu domínio unindo a força sua base eleitoral ao auxílio/integração no cenário nacional. Desde o período militar buscou as articulações cruciais para inserção da Bahia no desenvolvimento da modernização brasileira e nesse sentido as conciliações não eram alinhadas ao aspecto ideológico, mas o objetivo de alianças com os grupos detentores do poder nacional, tanto no regime militar, como no início do período democrático que se seguiu. Na década de 1990, por exemplo, foi destaque a aliança com o governo do PSDB.

Como destaca Souza (2009) a estratégia eleitoral de ACM sempre foi a de distribuir seus parceiros mais próximos entre vários partidos. Isso não quer dizer que as coligações para governar eram amplas, mas sim que os filiados a outros partidos eram vinculados ao partido com mais força e mais leais, pois eram aliados que foram encaminhados a outros partidos para organizar os conflitos políticos locais. Já em prática essa estratégia, o PFL passou a ter domínio de partidos como o PL, PTN, PSL, PP, PHS, PPB, e outras siglas menores.

O desempenho de um grande partido, segundo Dantas Neto (2006), era viável em algumas partes porque a estrutura do *carlismo* utilizava de seu lugar no plano nacional para fortalecer os partidos que sustentam o PFL no Estado, em contrapartida das quais os partidos suprimiam-se em conduzir as divisões baianas que realizavam alianças contrárias a posição do partido a nível nacional. Além das legendas menores, o grupo buscou em 1994, englobar ao núcleo do *carlismo* até o PMDB, que era até então um dos seus maiores adversários na política estadual. Como discutido por Pereira (2017) em seu estudo sobre a tradição carlista:

“No âmbito das relações com as bases locais, é também Dantas Neto (2006) quem encontra evidências do padrão vertical do comando político do carlismo. ACM mantinha as prefeituras em situação de dependência e nisso consistia o foco da sua política municipal. O carlismo trabalhava no interior da Bahia com o material humano que ocupava as Prefeituras e Câmaras pela via eleitoral. Não importava quem fossem vencedores de eleições municipais. Contudo, importava que sua filiação política atual se posicionasse em sintonia com a facção governante da elite política estadual. As alianças no âmbito da sociedade civil guardavam coerência com a face politicamente conservadora do grupo, vinculando desde associações de bairro até personalidades do universo da cultura e das religiões”. (PEREIRA, 2017, p.19).

Nesse cenário, de “desmantelamento” do *carlismo*, e emergência de outras práticas políticas nos contextos locais, a elite ligada ao *carlismo* não buscava diálogo com organizações críticas da sociedade civil, nem cooptava suas lideranças. É possível entender que o estudo de Pereira (2017) ajuda a compreender a estratégia política de ACM. Para ela,

“Ainda que parte do eleitorado carlista, assim como o perfil das suas alianças na sociedade política e na sociedade civil, tenha sido bastante influenciada pela ocupação quase hegemônica da máquina pública por esse grupo, é importante considerar que parte do seu poder político deriva justamente do carisma do seu chefe e do repertório simbólico que caracterizava um dado discurso político e cultural do grupo. Nesse sentido, em termos eleitorais, sua influência se dava pela máquina estatal, pelo voto pragmático daqueles que tinham seus interesses representados pelo processo de modernização, mas também pela mobilização de símbolos de regionalismo e de modernização, assim como de ideias de eficiência e moralidade”. (PEREIRA, 2017, p. 19).

No que diz respeito ao conjunto simbólico, é possível assinalar componentes como o estímulo modernizante, o *carisma despótico* (Dantas Neto, 2006), e uma característica importante do *carlismo*: o destaque no regionalismo político. Um elemento peculiar de parte central da tática política de ACM se referia à força da Bahia no contexto nacional, à supervalorização da integração cultural do estado, como suas festividades populares e a diversidade de religiosidades. Nesse sentido, Cordeiro (1997) ressalta que:

Os políticos frutos da intervenção federal no Estado vão guardar semelhanças de comportamento, das quais se destacam o autoritarismo, o livre trânsito com o governo central, o fato de se tornarem porta-voz da Bahia, a incorporação em suas práticas políticas dos símbolos baianos. Assim mantém relação intensa com a cultura baiana, com seu forte sentimento religioso, com a sua miscigenação, com o caráter festivo e cordial da população. Antônio Carlos Magalhães realiza esta associação com a cultura baiana, com o simbolismo da terra e com a defesa da Bahia com muita competência (CORDEIRO, 1997, p. 25).

O político deu início a um processo para enaltecer os atributos culturais únicos e os ícones que contribuíram para consolidar a identidade reconhecida como *baianidade*. Personagens emblemáticos como o escritor Jorge Amado, a santa Dulce⁴, o cantor e

4 Em 1979, ACM desapropriou terrenos de uma fábrica falida de tecidos da Companhia Empório Industrial do Norte para que fosse feita a ampliação do Hospital Santo Antônio, no Largo de Roma.

compositor Dorival Caymmi recebiam dele auxílio. Introduziu uma grande projeção sobre lideranças do candomblé, como Mãe Menininha do Gantois, para que demonstrasse a herança ancestral dos africanos.

Figura 01: ACM em encontro com Santa Dulce.



Fonte: OSID/ Divulgação.

Em diferentes cenários político e econômico, o grupo carlista e seu líder atuaram de forma em que deixasse claro a sua relação com os interesses da Bahia. Essa dimensão foi produzida em torno do enaltecimento das particularidades culturais baianas quanto em expressões das necessidades de eliminação das discrepâncias regionais. Esse conjunto em alguma medida foi responsável pela construção do aspecto pessoal de ACM enquanto um patrono da Bahia. Deste modo, tanto no regime militar quanto na democracia, ACM recorreu a narrativa regionalista carismática como estratégia de modernização.

Figura 02: ACM e Mãe Menininha do Gantois



Fonte: Arquivo do site de notícias correio 24 horas

Neste sentido, Martins (1993) afirma que a discussão sobre a região aconteceu no Brasil na mesma conjuntura em que o Estado era centralizador e autoritário. O debate regional, portanto, correspondia a uma estratégia criada pela elite nacional para a propagação de seu poder no plano estadual, pela via da valorização cultural, dado que do ponto de vista econômico, como discutido por Francisco de Oliveira, em “Elegia para uma re(li)gião”, não há regionalização do capital, muito antes pelo contrário, ele é mais que nacional, internacional.

Desse modo, é fundamental mencionar que o regionalismo político não é apenas um recurso importante do conjunto simbólico do *carlismo*, mas como um marco intrínseco de seu processo modernizante, do ponto de vista econômico. Sob essa perspectiva, a modernização conservadora estava sendo produzida em função dos interesses da Bahia. Conforme analisa Pereira (2017):

“Mas a característica mais importante do carisma de ACM era a valorização da eficiência, o que conectava o discurso carlista com a gramática política do *insulamento burocrático*. O carlismo teve como uma de suas marcas fundamentais o ideal tecnocrata, a defesa de que os cargos sejam ocupados por burocratas. Outra dimensão importante do carisma de ACM, e que também foi parte do seu repertório simbólico, refere-se ao seu caráter despótico. Como salienta Dantas Neto (2006), ele instiga a busca pelo poder pessoal e concentra-se na ideia do líder que usa qualquer que seja o método em termos de truculência e autoritarismo para alcançar seus objetivos. Nesse aspecto, ACM não usava de cerimônias para utilização desses métodos quando se tratava de defender a Bahia. Usava tanto dessa truculência quanto da esprezeta para derrotar seus adversários”. (PEREIRA, 2017, p. 21).

Esse aspecto costumou ter efeito eleitoral positivo na Bahia, certamente pela estrutura da cultura política acolhedora à importância de lideranças de caráter forte.

Entender a dominação de um grupo social sobre outro requer, nesse contexto, compreender o conceito weberiano de dominação, cujo enfoque se apoia na perspectiva da imposição de comportamento de terceira à vontade própria:

Por “dominação” compreendemos, então, aqui uma situação de fato, em que uma vontade manifesta (“mandado”) do dominador ou dos “dominadores” quer influenciar as ações de outras pessoas (do “dominado” ou dos “dominados”), e de fato as influências de tal modo que essas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (“obediência”) (WEBER, 1999, p. 191).

Tendo em vista o percurso histórico e o *carlismo* como maneira de fazer política, parece inegável a importância do senso de oportunidade política (AMES, 2003, p. 175) e a capacidade de ACM de extrair vantagens de situações dos governos que apoia (DANTAS NETO, 2003, p. 20). Nesse campo político em que se utiliza das possibilidades disponíveis, constituiu uma agremiação política que deixou marcas expressivas e enraizadas na política da Bahia e do Brasil.

PÓS-CARLISMO? O PT E ASCENSÃO DO LULISMO

A consolidação do *carlismo* no cenário estadual correspondeu ao mesmo período da redemocratização do Brasil. O *carlismo* foi uma força incontestável até o início do século presente, quando surgiu uma nova força política nacional-estadual, o PT. Esse cenário teve reação em Macarani a partir da consolidação do partido, e da sua forma de organização e mobilização.

O Partido dos Trabalhadores surgiu com um estímulo que buscava transpor o que era considerado um ciclo dependente e vazio das antigas propostas, bem como pelo amparo da classe trabalhadora pelo populismo, como pela articulação de um pacto com a burguesia nacional com os comunistas.

Com o triunfo da Presidência da República em 2002 e do governo do Estado Bahia em 2006, o PT conquistou um espaço de evidência no cenário local. Na direção das políticas sociais do governo Lula e depois da gestão de Jacques Wagner, a base petista assumiu a função de mediação de programas sociais, como Água Para Todos, Luz Para Todos, cisternas, casas populares, construindo um novo clientelismo local. Foi alcançando reconhecimento público e capital político. A partir de 2002, Macarani passou por um processo político, que contou com a entrada de novos atores sociais, que foram favorecidos pelo novo contexto nacional e estadual, se apresentaram como uma nova força entre os dois grupos tradicionais. Ainda que não fossem capazes de alterar a dinâmica política local imediatamente, a emergência desses novos atores e do PT em Macarani foi objeto de minha monografia (Ferraz, 2018) que será apenas mencionada aqui.

Petistas que venceram as eleições de 2000, como Geraldo Simões em Itabuna, e Guilherme Menezes em Vitória da Conquista, dentre outras grandes cidades no interior baiano, contribuíram para colocar o ciclo do Carlismo em crise.

Em outubro de 2006, Jaques Wagner foi eleito com mais de 50% dos votos válidos, aplicando a maior derrota à hegemonia do *carlismo* nas eleições da Bahia, depois de três décadas. Muitos acreditavam que a vitória de Wagner necessitou da associação com o presidente Lula. A sua conquista foi retratada pela mídia nacional como o encerramento do ciclo do *carlismo*, o “domínio” do ex-governador ACM.

O governador Jaques Wagner falou numa reportagem concedida à revista *Caros Amigos*, que sua vitória não o surpreendeu, uma vez que o grupo liderado pelo senador Antônio Carlos Magalhães reunia por volta de 30% dos votos em todas as eleições. Seguindo o exemplo da gestão de Lula, Wagner angariou como sua incumbência a gestão dos recursos financeiros estaduais designados a ações sociais. Após o declínio do *carlismo* em 2006, houve uma reconfiguração das forças políticas na Bahia, formando um novo cenário de competição política. A partir de então, o *carlismo* não aparecia na eleição majoritária como uma agremiação da elite política com força predominante.

Jaques Wagner, natural do Rio de Janeiro, foi presidente do diretório acadêmico da (PUC-RJ). Mudou-se para Bahia no início da década de 1970, após perseguições do regime militar. Em Salvador, ingressou no Polo Industrial Petroquímico em Camaçari, como técnico em manutenção, através da sua atuação sindical na Central Única dos Trabalhadores (CUT). Um dos fundadores do PT nacional, Wagner foi o primeiro presidente do PT da Bahia. Ele ingressa na carreira política em 1991, quando é eleito deputado federal, sendo reeleito em 1995 e 1999. Em 1997, tornou-se líder nacional da oposição. No primeiro governo de Lula, entre 2003 e 2004, Wagner foi nomeado Ministro do Trabalho e Emprego, posteriormente, em 2005 foi nomeado Ministro das Relações Institucionais, cargo que ocupou até ser candidato ao governo da Bahia. Nestas eleições contou com uma ampla articulação, e coligação anticarlista - PT, PMDB, PCdoB, PSB, PPS, PV, PTB e PRB (Câmara, 2010).

O *carlismo* perdeu a hegemonia de um ciclo de quatro mandatos consecutivos na Bahia, tendo ficado esgotado regional e nacionalmente, contudo, o grupo ainda predominava em grande parte das prefeituras no interior baiano, no legislativo do estado e no âmbito federal. Assim sendo, a agremiação da elite política baiana ainda influenciava as lideranças políticas locais.

No livro “Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador”, André Singer resgata a categoria elaborada por Paul Singer em 1980 para elucidar os limites do projeto do socialismo no Brasil. Segundo o autor, esta parcela da classe trabalhadora seria formada “sobre população empobrecida” que é constituída como maior parte da população brasileira.

Para Singer, há visivelmente depois de 2006, um reordenamento da política brasileira, uma “distinção” entre pobres e ricos. O *lulismo* emerge nesse momento com

a união da liderança de Lula, com uma parcela da classe, o subproletariado que viu “no mecanismo lulista o palco que sempre idealizou um Estado capaz de ajudar os mais pobres sem conflitar a ordem” (SINGER, 2012, p. 45).

O realinhamento político se formaria uma vez que o *lulismo* teve a capacidade de constituir um “novo bloco de poder”, que conseguiria influenciar “diretamente” na disputa de classes, uma vez que o subproletariado, apresentando-se no cenário político como massa, mas que houvessem suas aspirações representadas. Na perspectiva de Singer consiste “um Estado capaz de ajudar os mais pobres sem confrontar a ordem”, o que acabou dando o suporte eleitoral para Lula, melhor manter o *lulismo* durante a gestão da presidenta Dilma Rousseff. (SINGER, 2012, p. 45), e posso dizer, até mesmo após a tentativa de defenestração do PT na cena política no Brasil.

Singer analisa as modificações no segundo governo, tendo como alusão os oito anos da gestão de Lula, identificando que ocorreram transformações na “economia política do *lulismo*”. Em um primeiro momento, enfatiza as medidas neoliberais para estabilização da economia e garantir o acordo com o capital, já que decidiu priorizar o acordo de atender as exigências da elite nacional.

Paralelamente, medidas foram definidas em outro caminho para auxiliar o atendimento aos mais vulneráveis, como o de transferência de renda, aumento do subsídio popular através do crédito consignado, e a valorização do salário mínimo, a partir de 2005. A outra etapa se deu a partir de 2007, quando Guido Mantega assumiu o Ministério da Fazenda, “favorecendo a relação com menos neoliberalismo e mais desenvolvimentismo”, o que representou o segundo governo. Para Singer, foi à valorização contínua do salário mínimo, a criação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em 2007, possibilitando recursos para o aumento do investimento público, bem como incentivou a iniciativa privada em infraestrutura, alinhado ao Estado condutor. A outra fase se dá com a crise mundial de 2008, enquanto que no Brasil, Lula expandiu o consumo interno viabilizando o aumento do salário mínimo, transferência de renda, isenções fiscais e ampliação do crédito, e também o Programa Minha Casa, Minha Vida, consagrado a marca deste período.

Singer (2012) corrobora que a eleição da presidenta Dilma Rousseff simbolizou a continuidade do *lulismo*, ainda mais com o apoio a plataforma dos interesses da “base social subproletária”, isto é, “seguir com o aumento dos postos de trabalho e da capacidade de consumo sem conflito com o capital” (SINGER, 2012, p. 45). O fortalecimento do *lulismo* resulta na “readaptação das relações de classe” com resoluções que estabelecem uma polarização e ao mesmo tempo uma centralização na política brasileira.

Alguns questionamentos para analisar o lulismo, se constitui em um “reformismo fraco” e que algumas mudanças acarretaram para a sociedade brasileira manter sua continuidade. Já mencionado anteriormente, com a então presidenta Dilma, o *lulismo* se estabelece para além dos governos de Lula, pois manteve-se a manutenção do realinhamento de que as classes sociais de renda mais baixas teriam votado em Dilma, tal

como ocorreu uma importante participação da região do Nordeste do Brasil nas eleições de 2010, 2014 e em 2018.

Mas o que aconteceu foi um projeto ligado a uma “conciliação” entre a elite brasileira e a classe trabalhadora, de maneira a não ter grandes mudanças e um conjunto de ações e políticas focadas para reduzir as desigualdades, e não a sua transformação, pois a investida contra à extrema pobreza não foi suficiente para tirar o país do grupo dos países mais desiguais do mundo. Neste sentido, Singer assinala que:

O projeto de combate à pobreza acabou por se firmar sobre quatro pilares: transferência de renda para os mais pobres, ampliação do crédito, valorização do salário mínimo, tudo isso resultando em aumento do emprego formal. Se discernirmos com isenção, percebemos que são, de forma atenuada, as mesmas propostas do ‘reformismo forte’, porém em versão homeopática, diluídas em altas doses de excipiente, para não causar confronto (SINGER, 2010, p. 189).

No entanto, para além do caráter de redistribuição, é importante analisar que o *lulismo* contou com uma grande base simbólica, estimulando os dispositivos de reconhecimento da classe trabalhadora com a imagem de Lula. Cabe recordar que Lula foi o único presidente que vivenciou a carência e a miséria. Este arcabouço simbólico mexeu com a autoestima dos eleitores populares. Os mais pobres viram em Lula um presidente carismático, alguém que corresponderia aos seus anseios, colocando-o à condição de herói (OLIVEIRA, 2010).

O crítico psicanalista Ab’Sáber (2011) utiliza da junção entre cultura e política para assegurar que Lula é a personificação do contrato social que assegurou sua gestão. Ao projetar uma gestão para todos, apreendendo as categorias organizadas dos trabalhadores e empresários, conseguiu unir o país em torno do modelo de sociedade do consumo e de mercado que possibilitasse o acesso aos seus benefícios. Na ocasião da crise mundial em 2008, estava em risco o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), foi até à TV conchamar a população brasileira a permanecer consumindo. No embalo do novo desenvolvimentismo, foi o “cara⁵”, transformou na narrativa da extrema pobreza em pobreza, o trabalhador em classe média e a riqueza, como causa de seu discurso, deixou de existir.

5 Em uma reunião realizada em abril de 2009 com os líderes do G20, grupo de países desenvolvidos e em desenvolvimento, em Londres, na Inglaterra. O presidente estadunidense, Barack Obama, declarou que Lula “é o cara”, constando-o como o “político mais popular do mundo”. Para Ab’Sáber (2011), foi a narrativa particular e o caráter simbólico de Lula que o tornou “o cara” para Obama, naquela situação, conforme a figura 03.

Figura 03: Lula e Obama se cumprimentam em reunião do G20.



Fonte: BBC Brasil em Londres

Contudo, com o período de ascensão do PT, ocorreu uma transição com outras configurações da relação entre elites e instituições políticas. No processo de adaptação que o *carlismo* passava na Bahia, estava surgindo outro fenômeno contemporâneo, o *lulismo*. Mais que uma ideologia coerente ou estruturada, a partir de grandes premissas totais, o *lulismo* se conforma a partir de muitas faces e perspectivas. Ele demonstra diferentes conflitos e contradições, que perpassam suas relações com as concepções e as práticas da política, de maneira que as incertezas constitui um dos meios de sua atuação.

Nesse sentido, é importante uma discussão com a Ciência Política, com os autores fundamentais aos estudos deste fenômeno, e que discutiram sobre o mesmo problema. É o caso de André Singer (2012), que realizou a perspectiva do *lulismo*, como o pacto social da classe trabalhadora, com os empresários, por mediação do presidente Lula; e também de Armando Boito Jr. (2012, 2013), que em seu debate à tese do *lulismo* de Singer e analisou o *lulismo* como um grupo de poder do neodesenvolvimentismo, administrado pela “burguesia nacional”, em que a classe trabalhadora também atuasse, embora que desfavorecida.

CONTRIBUIÇÕES E CONTROVÉRSIAS DO LULISMO

Singer (2012) reflete se as atuações de inclusão dos mais vulneráveis na sociedade de consumo de massa constituiria uma gestão para a classe trabalhadora. Portanto, para o autor, seria no mínimo um reducionismo da ideia de classe:

O Lulismo por sua vez alterou a base social do PT e favoreceu em particular no segundo mandato, aceleração do crescimento econômico com a diminuição da desigualdade sobre tudo mediante a integração de sub-proletariado a condição proletária via emprego formal (SINGER, 2012, p. 10).

Assim, a política de coalizão entre as classes sociais demonstra o jogo duplo que as políticas do PT alçaram, de favorecimento a burguesia e inclusão social dos mais pobres. No *lulismo*, para Singer (2012), tributam-se altos lucros aos donos do capital, enquanto amplia-se a transferência de renda para os mais necessitados através de políticas e programas sociais. O auxílio à agricultura familiar e o incentivo ao agronegócio constituem, para o autor, outro lado da tentativa de pacto das oposições e dos interesses divergentes que perpassam a sociedade brasileira.

O *lulismo* é um fenômeno contemporâneo e sua compreensão histórica não se consolidou por completa. Com muitas contradições, combinou modificação e preservação, trunfo e reprodução, expectativa e desencantamento, tudo numa mesma conjuntura. De acordo com as reflexões de Singer (2012) e Ab’Sáber (2011), os governos de Lula e Dilma não tiveram inovações e estiveram distantes de ter alguma reforma estruturante. De outro modo, propiciou uma aliança conservadora e foi gerida junto da elite nacional. Contudo, na perspectiva material e econômica, teve um avanço redistributivo, ao que se deve ao caráter simbólico da popularidade e poder do carisma de Lula, que assegurou o apoio dos mais pobres.

Isto é, os avanços obtidos durante as gestões tornaram-se arriscados no período da crise econômica que teve início em 2014, os índices de desemprego aumentaram e o consumo interno diminuiu. Contudo, as desigualdades que o PT buscava vencer, foram colocadas em um grau elevado. O subproletariado que teve acesso ao emprego formal e melhorou a sua qualidade de vida pôde ser a alavanca para os programas de transformação da sociedade. Por mais que estivesse enfrentando um processo que o levou posteriormente a sua prisão, o fato de Lula ter sido apontado como o preferido nas pesquisas para as eleições de 2018 revelou que parte da sociedade brasileira viram em sua volta a possibilidade de garantir os rendimentos perdidos durante a crise.

Singer considera que um dos possíveis sentidos do *lulismo* tem uma limitação clara:

ao promover um reformismo suficientemente fraco para desestimular conflitos, ele estende no tempo a redução da tremenda desigualdade nacional, a qual decaiu de modo muito lento diante de seu tamanho, em compasso típico os andamentos dilatados da história brasileira (SINGER, 2012, p.22).

Contudo, importante ressaltar que ao “dominar” à esquerda em uma gestão que não é realmente de esquerda, as controvérsias que apresentam pela classe trabalhadora formal e da classe média procuram abrigo no campo mais conservador da sociedade brasileira, ainda que também houvesse união com outros partidos de esquerda. Não cabe evadir se a memória de que o PT emergiu destes movimentos sociais, ainda que, com dificuldade o subproletariado era alcançado pela urgência que os condicionavam às práticas clientelistas e assistencialistas, não resultou numa passividade plena. Sobre o avanço da oposição da classe média, que evidenciou sua face a partir de 2013 e mais forte em 2015, Singer antecipa ao compreender que:

a reação das camadas médias às inflexões em curso, mesmo que o espírito que as preside seja moderado e conciliador, reflete a brisa da mudança. A polarização que ocorre na sociedade é sintoma de movimento nas estruturas. O subproletariado se firma no suporte a Lula e ao PT, na expectativa de que se cumpra o programa de inclusão, enquanto a classe média se unifica em torno do PSDB, na procura de restaurar o status quo ante, mesmo que isso não possa ser dito com todas as letras (SINGER, 2012, p. 46).

Esta perspectiva nos indica que a situação estrutural apresentada por Singer tenha sido “superada”. Tem relação com a ascensão da controversa classe média e com o processo de estatização do PT, tendo por contraponto uma nova conjuntura da organização social no Brasil, em consequência dos conflitos de classes, tendo o PT como governo não se posicionado, e seguir em frente com as transformações. Provavelmente a estratégia seria de que o ciclo de contenção da luta entre as classes pudesse ser controlado. A abertura que se iniciou com as manifestações de junho de 2013⁶, posta em evidência pela polarização social e política nas eleições de 2014 até o *impeachment* de Dilma, intensificada pela crise da economia, demonstrou o desmonte deste modelo.

Em crítica a tese do *lulismo* de Singer (2012), Armando Boito Jr. (2013) contesta a consideração de que as gestões do PT atenuaram os conflitos das classes essenciais, ao ponto de mantê-las paralisadas, “e ao fazê-lo, logram colocar em ação ‘o programa do subproletariado’” (2013, p. 173). Segundo o autor, André Singer supervaloriza a função do subproletariado, atribuindo definições que não são possíveis de serem afirmadas, tal como um projeto. Isto é, se esta camada da sociedade é marcada pela sua falta de organização, isso revelaria claramente que ele não tinha um projeto, e se apoiaram aos governos do PT, e o fizeram por interesses e seus anseios.

Portanto, a perspectiva de Boito Jr. é de que a gerência econômica das gestões de Lula e Dilma considerou “prioritariamente os interesses de uma fração da burguesia que é a grande burguesia interna, e é possível demonstrar que essa fração burguesa se reconheceu na política econômica dos governos petistas” (BOITO JR., 2013, p. 174), que foi dada através de um projeto neodesenvolvimentista liderado pela burguesia nacional.

Entendo que o programa neodesenvolvimentista expressa, acima de tudo, os interesses da grande burguesia interna brasileira, que, ao longo do século XXI, foi se tornando a fração hegemônica no bloco de poder. Os governos petistas não arbitram; na verdade eles priorizam os interesses dessa fração burguesa. Dentro do grande capital, temos, segundo nossa hipótese, uma fração burguesa, que denominamos, segundo Nicos Poulantzas, burguesia interna. Essa fração, presente em diversos setores da economia nacional – construção naval, construção civil, indústria de transformação, mineração

6 A princípio as manifestações foram limitadas a alguns milhares de participantes. Os atos pela redução das passagens nos transportes públicos em São Paulo obtiveram uma base popular em junho, em particular após a forte repressão policial contra os manifestantes, o apogeu se deu no protesto do dia 13 em São Paulo. Em seu auge, milhões de brasileiros estavam protestando pela redução dos preços das passagens e a violência policial, mas também por uma grande variedade de temas como os gastos públicos nos eventos esportivos internacionais a Copa do Mundo de 2014, e as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016, criticam também aos serviços públicos e a corrupção nas estatais, os protestos tiveram grande repercussão internacional. Essas manifestações resultaram num processo contraditório, foi a mudança das demandas e insatisfação da sociedade em um movimento que culminou o *impeachment* da ex-presidenta Dilma.

e outros -, embora não seja anti-imperialista, reivindica a proteção do Estado para preservar e melhorar sua posição no capitalismo brasileiro. Uma série de medidas dos governos Lula e Dilma indica o atendimento dessa reivindicação. Cito algumas delas: a política muito bem-sucedida de recuperação da indústria de construção naval, a política de financiamento subsidiados do BNDES, a nova legislação que regulamenta as compras do Estado e das empresas estatais de maneira a priorizar a produção local, a política externa Sul-Sul, o arquivamento da Alca e o apoio à conquista de mercados externos pelas grandes empresas brasileiras. Ademais, desde o primeiro governo Lula foram criados inúmeros fóruns institucionais para que o governo pudesse auscultar os interesses dessas grandes empresas de capital predominantemente nacional (BOITO JR., 2013, p. 175).

Portanto, para Boito Jr., diferente do contexto anterior em que os beneficiários das políticas públicas se voltavam contra as gestões que as faziam, a burguesia nacional constatou seu reconhecimento político com as gestões do PT, como a ação da Fiesp no caso do mensalão, se movimentando em defesa do governo. Assim sendo, não expressaria que o subproletariado não se favoreceu com as políticas do governo, mas também não quer dizer que estavam no poder. Para o autor, os benefícios dos programas sociais e do aumento real do salário mínimo estariam longe de competir com os lucros do sistema financeiro: “basta compararmos alguns grandes gastos do Estado brasileiro que são transferências dirigidas a públicos específicos” (2013, p. 176). Ademais, a diferença entre os juros do programa “Minha Casa, Minha Vida” aos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para empresas multinacionais, equivale o dobro. Segundo Boito Jr., “o reconhecimento político decorre de uma relação ideológica e não do atendimento dos interesses mais sentidos dessa camada da população” (CIGNACHI, 2018, p. 219).

Diferente do plano conservador que a classe trabalhadora conduziria em Singer, Boito Jr. reconhece a pretensão de distribuição de renda aos pobres como inovador e populista, o que não mudaria em não assumir rompimento com o controle do neoliberalismo: “É tão peremptório em tal afirmação que atribui o fato de Lula e Dilma não romperem de modo definitivo com o neoliberalismo não a interesses da grande burguesia presentes no bloco de poder, mas, sim, a um suposto conservadorismo inerente ao subproletariado” (BOITO JR., 2013, p. 177).

Segundo Boito Jr., as gestões do PT seriam das “elites” sob a liderança da elite nacional e que se transformaram numa força “ampla e heterogênea frente política que poderia ser denominada neodesenvolvimentista” (2013, p. 178). Nesta aliança política, a classe trabalhadora integrou-se pelo regimento que assegurou o aumento do salário mínimo; a classe média foi favorecida pela volta do fortalecimento no funcionalismo, com os ajustes salariais e novos concursos públicos, e o movimento rural foi contemplado em algumas das suas demandas com a geração do crédito para a agricultura familiar (CIGNACHI, 2018, p. 219).

Entretanto, essa presença seria incompatível, em razão da grande diferença nos lucros entre as frações. A estrutura permaneceu porque nenhum membro “possui ou julga possuir forças para intervir sozinha de modo eficiente na política nacional” (2013, p. 179). Ademais, a burguesia nacional abarcaria uma diversidade e conflitos, entre suas instâncias e pela submissão diante ao capital internacional, que:

Impediu que essa burguesia fosse capaz de criar um instrumento político próprio para a defesa de seus interesses. A burguesia interna acabou, então, por assediar, com êxito, o PT, instrumento político criado pelos trabalhadores, e esse se converteu no partido do neodesenvolvimentismo. Quanto às classes populares, essas foram derrotadas no seu projeto de implantar um Estado de bem-estar social no Brasil nas eleições presidenciais de 1989 e 1994. Ademais, parte do movimento popular continua dependente do Estado, entretendo com ele uma relação populista que inibe a organização política independente das massas. Esse é particularmente o caso dos trabalhadores da massa marginal, cuja baixa capacidade de organização o texto de Singer enfatiza. Todo, a burguesia interna e trabalhadores, teme a volta dos governos neoliberais ortodoxos do PSDB, isto é, do partido do grande capital financeiro internacional e que tem a alta classe média como sua base de apoio. É por isso que, nas décadas de 2000 e de 2010, o processo político nacional juntou forças burguesas e populares que, nas décadas de 1970 e de 1980, eram inconciliáveis (BOITO JR., 2013, p. 179).

Desta maneira, a colaboração de Boito Jr. foi essencial para a compreensão da peculiaridade das disputas entre distintos setores da burguesia nacional, onde a prática altera entre a dependência à elite internacional e às maneiras particulares de propor sua representação local nas “condições da concorrência que determina o modo de produção capitalista aos próprios capitalistas” (CIGNACHI, 2018, p. 218).

Compreendo, nesse sentido, que o êxito do PT se apoiou num “pacto” feito entre as organizações sindicais dos trabalhadores com parte da elite nacional, sob a coordenação do grupo principal do PT, cujo nascimento remete na adesão dos líderes sindicais fundadores do partido com intelectuais de esquerda e artistas contra a ditadura civil-militar.

ARTICULAÇÕES E ALIANÇAS: O JOGO POLÍTICO

As transformações sociais e políticas que aconteceram na Bahia nas últimas décadas ocasionaram fragmentações no mandonismo local, tornando a política mais complexa e multifacetada, como em Macarani⁷. Diante desse contexto que tem história de dominação oligárquica e de relações sociais de tipo tradicional, essas mudanças são adaptadas e atribuídas novos significados, representando um processo com transição e continuidades.

Neste tópico, trago à tona a descrição dos principais atores da política macaraniense dos últimos 50 anos, identificando as suas influências e os conflitos entre as famílias Correia e Fernandes, e o processo de surgimento de novos personagens nesse cenário.

7 Podemos mencionar aqui, a monografia de Lapa (2013) sobre concepção da política em uma comunidade rural, Vereia Viana no norte de Minas Gerais, dado que mostra a possibilidade de fragmentação do mandonismo local.

Essa parte do estudo foi viabilizado pela utilização da metodologia de análise documental e conversações com interlocutores, dados coletados encontrados durante trabalho de campo em dezembro de 2017.

As duas famílias de políticos locais em Macarani que se consolidaram como forças política e econômica eram os Correia e os Fernandes. Os Fernandes conseguiram eleger dois membros para prefeito, a saber, o pecuarista Lindolfo Fernandes de Souza e o advogado Juarez Fernandes de Souza, na década de 1970. Os Correia elegeram Clério Correia de Melo, na década de 1960, derrotando Ruy Correia em 1972. Ainda que não ocupassem cargos eletivos, estas famílias disputavam poder político e econômico, e propagaram sua influência para além de suas fazendas.

Na figura abaixo, o Trio Elétrico Tapajós, um dos primeiros na Bahia, foi levado da capital baiana à Macarani para campanha de prefeito de Ruy Correia, uma demonstração de poder e influência naquele período.

Figura 04: Trio Elétrico Tapajós em Macarani – 1972.



Fonte: Fotografia - Dim Silveira.

Uma narrativa pode explicar o conflito pelo mando local entre as famílias. Após a derrota na eleição de 1972 para Juarez Fernandes, Ruy Correia ordenou a construção de um muro que repartia as propriedades de seus pais próximas à Macarani, alegando que suas terras se afastariam da cidade comandada por um Fernandes. O muro veio a ser derrubado em 1983, no princípio do primeiro governo de Nogueira. O teor deste conflito entre famílias girava em torno do domínio político e econômico local. Ocorre que até o início dos anos de 1960, as duas famílias eram aliadas.

É importante notar que os interlocutores se refere aos Correia como os “educados” e os “instruídos”, sendo que os Fernandes, sobretudo o médico Rodrigo, foram retratados com classificações de “bruto”, e “coronel brabo”. Com efeito, para Ferraz (2018):

Essa noção memorizada na lembrança dos macaranienses mais antigos resulta das concepções de coronel que proliferaram na cultura brasileira, pela literatura e pela televisão. Os Correia, também mantinham grande poder e influência por décadas, chegaram a atuar como dirigentes econômicos do município. Provavelmente a briga entre os Correia e os Fernandes se iniciou em torno de disputas por terra e pelo comércio de gado (FERRAZ, 2018, p.25).

A sua influência não se reduzia apenas a Macarani. Hélio Correia foi deputado estadual pela ARENA de 1971-1975, sendo reeleito duas vezes. Exerceu seu mandato até 1982, com uma relação muito próxima a Antônio Carlos Magalhães, no período de sua maior influência política no estado da Bahia (Dantas Neto, 2006, 2007). As sedes de suas fazendas eram luxuosas e as relações com as classes médias locais tornaram-se bastantes influentes, na perspectiva dos costumes. Porém, Hélio Correia perdeu as duas eleições em que disputou a prefeitura em Macarani. Os Fernandes foram mais exitosos na ocupação da prefeitura, mas seu domínio político acabou se esgotando ao longo da década de 1980 e 1990.

Para Queiroz (1976), a parentela, característica cultural brasileira, é composta por parente ou não, compadres cujos afilhados recebiam seu nome, ou eram filhos bastardos. Em cada município brasileiro, cada grupo político se organizou por meio de parentelas que reunia em uma rede de reciprocidade de deveres e de direitos grupos populacionais com tamanhos diversos. Para a autora,

Parentela brasileira é um núcleo bastante extenso de indivíduos unidos por parentesco de sangue, formado por várias famílias nucleares, economicamente independentes, vivendo cada qual em suas casas. As famílias podem se dispersar em grandes distâncias, o afastamento geográfico não quebra a vitalidade dos laços ou obrigações que vinculam os indivíduos uns aos outros no interior do grupo. Através do tempo, a solidariedade interna, os conflitos e as violências entre grupos políticos reforçaram a estrutura das parentelas. E se traduziram em ditados como: ‘para os amigos tudo, para os inimigos o rigor da lei (QUEIROZ, 1976, p. 181).

O que estabeleceu a transformação no modo como era feita a política em Macarani foi a vitória, em 1982, de Olisandro Pinto Nogueira para prefeito. Este período marcou o desenvolvimento econômico e a chegada de empreendedores rurais, relacionados à concessão de crédito bancário.

No início dos anos de 1970, Nogueira era gerente do Banco do Brasil, tendo sido apontado por alguns interlocutores como um agente importante na adaptação da economia local. A construção no seu governo de um clube para atividades de lazer e recreação da classe média, inaugurada no início da década de 1980, o ajudou a construir a reputação de realizador do “progresso”.

As famílias e autoridades de Macarani, que se distanciavam dos mais pobres, ao copiarem um costume considerado opressor, para marcarem sua posição, foram perdendo essa capacidade de influência para homens como Nogueira. Este, logo viu suas oportunidades de construir capital político, num fenômeno paralelo ao que Wolf (2003) nomeia como “coalizões centradas no indivíduo”, em que para ele o indivíduo é:

com o objetivo de maximizar seus recursos [...] a crescente mobilidade traz um aumento no número de possíveis combinações de recursos, incluindo combinações variadas de conhecimento e influência com acesso a bens e pessoas (WOLF, 2003, p. 128).

Por outro lado, um médico, Jaime Baltazar, vindo de Salvador a convite de um dos membros da família Fernandes, conseguiu a admiração da população, com seus atendimentos gratuitos, alguns até realizados em sua própria residência. Assim, construiu seu carisma político. Ele e Nogueira polarizaram as eleições de 1982, tendo ainda um terceiro candidato, Aécio Freire, que não conseguiu incomodar esta polarização.

Macarani a partir daí passou a conhecer uma nova etapa em sua história política, apontada por conflitos de poder político determinadas, especialmente pelo perfil carismático dos candidatos, com narrativas de promessas, relações próximas com políticos de influência estadual.

A prática do transformismo⁸ no Brasil fez com que a sociedade não se auto organizasse e esse processo culminou o uso do Estado por uma elite, que intermediou os interesses particulares que essa elite acaba representando. Essa nova conjuntura da política baiana apresenta inovações importantes no padrão do comportamento político ou evidencia uma “modificação” de práticas antigas apontadas por novos atores políticos.

Nogueira demonstrava ser um criador de frases de efeito e de situações que agregavam à sua imagem atributos de força política. A sua campanha de 1982 foi caracterizada por elementos simbólicos, criando um bordão com o qual passou a iniciar todos os seus discursos, que permanece até hoje: “Povo do meu povo, gente da minha gente”, que conquistaram os eleitores e o fez dele um prefeito com maior parte dos votos.

A primeira gestão trouxe como indicador a modernização de Macarani, o que trouxe órgãos de partilha de poder entre seus parceiros, a destruição de prédios relevantes à memória coletiva. A prefeitura, a câmara de vereadores, o fórum, espaços públicos e outros edifícios históricos foram derrubados, e construídos outros prédios, com arquitetura parecida à de sua cidade no sul de Minas, Itajubá.

A definição da cidade com marcos da arquitetura relacionados à sua identidade pessoal demonstra que Nogueira utilizou de seu ingresso ao mando local para reformular Macarani a sua maneira e manifestar sua posição de poder, não sendo esta situação algo singular na Bahia. Mesmo distante na história política macaraniense, são ações simbólicas de uma nova ordem local.

8 A prática do transformismo diz respeito a uma estratégia política utilizada na Itália, no período da união do país, e anterior a escalada de Mussolini. Ao se constituir uma coalizão de centro, que distanciava os limites da esquerda e da direita na política.

Portanto, é válido analisar que sua atuação no executivo municipal elevou seu poderio econômico, expressada na compra de um amplo loteamento no município de Corumbau, no litoral da Bahia, onde construiu um conjunto de chácaras com vistas ao turismo.

Em seu primeiro governo, a figura de Nogueira passou a ser imprescindível para os caminhos políticos em Macarani. Ele voltou para seu segundo governo em 1993 e, posteriormente, entre 2005 e 2008, em que teve sua tentativa para o seu quarto mandato, e perdeu a eleição. Tentativa que se repetiu em 2016, vindo a ser derrotado por Armando Porto.

Poucos personagens populares surgiram na política local. Eujácio Brito, Armando Porto, Antônio Carlos Macêdo, foram os nomes mais fortes. Brito, após dois anos da sua gestão de prefeito, cometeu suicídio. Seu perfil de bom prefeito que se manteve no imaginário local, havendo quem diga que a causa de sua morte inesperada foi a sua dificuldade em lidar com a complexidade da prática política e administrativa. Armando Porto é um personagem importante da história de Macarani, nativo, tendo mudado para São Paulo, deixou a ex mulher e filhas que foram educadas em escolas locais, “como empresário, enriqueceu na capital paulista e entre as décadas de 1980 e 1990, ampliou sua influência econômica até a região onde nasceu vindo a se tornar prefeito e uma relevante liderança política, a partir deste período” (GUIMARÃES, 2013, p. 40).

Entre Armando e a sociedade de Macarani verificou-se o trânsito entre a “amizade emocional” e a “instrumental”, o que propiciou a configuração da “relação patrono-cliente”, no período da sua entrada no executivo municipal. Armando, por ser um nativo que se desenvolveu no setor empresarial, utilizou de suas antigas relações com diversos macaranienses, por propiciar vagas de emprego em sua empresa, agenciar uma transformação nestas relações, e organizou o percurso da relação patrono-cliente.

Armando, um grande empresário com grande patrimônio, atribuía a si a narrativa de autoridade sobre os que aceitaram a submissão a ele. No entanto, uma prática comum de dependência. Ele enunciava sua condição de empresário, de “bem-sucedido filho de Macarani”. Para a construção de seu capital político atrelou sua imagem à exposição de poder financeiro, demonstrado através de seus carros importados, e pelo grande gasto de dinheiro (GUIMARÃES, 2013, p. 40)

Segundo relatos de interlocutores, isso determinou sua eleição. Assim, vinculou-se ao capital político do seu Partido da Frente Liberal (PFL), com a presença de deputados e outras pessoas ligadas ao governo do Estado, que frequentavam Macarani para contribuir em sua campanha eleitoral.

Nesse sentido, é possível identificar que as duas possíveis escolhas políticas historicamente constituídas em Macarani, apontam para alternativas cujo caráter referencial é reconhecido socialmente. Os dois nomes que se alternaram na prefeitura de Macarani são signos diversos do personalismo sob o modo comum de uma agremiação política

patrimonialista, que ambos se articularam com o *carlismo*. Os elementos se confluem e renovam até o período atual, surgindo novos atores políticos em Macarani, que coincide com a mudança que ocorreu na Bahia nos últimos anos, conforme demonstrarei no próximo capítulo.

ELEIÇÕES 2018: AS VINCULAÇÕES LOCAIS COM A POLÍTICA BAIANA E NACIONAL

Este capítulo utilizou o instrumental metodológico de análise de redes sociais, desenvolvido por Barnes (2010), por meio do qual se estudam as redes de relações presentes no campo de membros da política local de Macarani-BA, assim como elementos e entidades presentes no espaço político mais amplo em que eles se inserem, como associações, sindicatos etc.

A análise do campo contribui para investigar dois processos: o primeiro se relaciona com a dinâmica do poder no interior da política na cidade e com a relação entre a sua burocracia e o ambiente político mais abrangente; o segundo processo diz respeito à relação entre o público e o privado no desenrolar da trajetória política em Macarani, enfatizando a presença e a importância da manutenção do poder na política local e os seus vínculos com a política baiana e nacional nas eleições de 2018.

DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS DA POLÍTICA EM MACARANI: TECENDO AS REDES

Através da observação da realidade social e com a apreensão dos aspectos sociais da vida local, é possível entender as dinâmicas que os sujeitos constroem e reconstruem para a representação do poder. Ao mesmo tempo é possível problematizar como ocorrem as relações internas aos grupos e como eles são vistos e representados no interior da sociedade em que se encontram situados, como se relacionam entre si e como se expressam no contexto social em que vivem.

Em um plano analítico amplo, esta pesquisa se esforçou em investigar a importância da interação entre as dinâmicas políticas, as instituições políticas e as redes de relações na explicação das contradições dos fenômenos do *carlismo* e do *lulismo* em Macarani.

O conflito em torno das lideranças de Armando Porto e Nogueira se estende desde a década de 1990. Por vezes, mudaram-se os atores, mas a forte atuação dessas duas lideranças ligadas a ACM permanece até hoje na política local.

Contudo, em 2001, a união das forças políticas em torno da construção do Partido dos Trabalhadores se caracterizou em Macarani como uma luta pela participação política, em especial dos trabalhadores, que não tinham acesso aos direitos trabalhistas. Diante disso, destaca-se a importância do estudo dos componentes que atuaram nesse processo e de como essas forças se expressaram.

Nacionalmente, a tendência majoritária do PT é a Construindo um Novo Brasil (CNB), que é a dos mais conhecidos líderes petistas, como Lula e José Dirceu, a qual surge da Articulação, originalmente Articulação dos 113, que nasceu do Manifesto dos 113 após a derrota eleitoral de 1982, quando cento e treze dirigentes petistas assinaram um manifesto

que procurava superar o impasse entre se diluir numa frente liberal, se constituir numa proposta socialista sem trabalhadores ou ser um partido vanguardista. Um documento, portanto, que procurava dividir águas com as organizações, principalmente trotskistas, que motivaram, inicialmente, a criação do partido.

Esse documento reafirmava a necessidade de vitalizar os núcleos de base com caráter deliberativo e a formação política e cultural dos militantes, com foco prioritário de atuação nos movimentos sociais. Após a eleição de 1989, essa tendência passou a propor a ampliação do campo de alianças político-partidárias, até atingir seu objetivo em 2001, com o arco de alianças que disputaria as eleições presidenciais do ano seguinte.

Em 2009, voltou a ter maioria no Diretório Nacional do PT e a dirigir 22 dos 27 Diretórios Regionais do partido. Dentre seus articuladores nacionais, destacam-se Humberto Costa, Marco Aurélio Garcia, Ricardo Berzoini, Luiz Dulci, Benedita da Silva, João Vaccari, José Dirceu e Lula.

Na Bahia, essa tendência tem cerca de 300 lideranças do PT. Sendo a nova tendência integrada pelo senador e ex-governador Jaques Wagner, pelos ex-deputados federais Emiliano José, Geraldo Simões e Joseph Bandeira e pelos estaduais J. Carlos e Rosemberg Pinto, por dezenas de prefeitos, ex-prefeitos, vereadores e lideranças petistas de todas as regiões do estado.

Os fundadores do PT são ligados diretamente a ela em Macarani, inclusive, um deles, Wadmillan Ferraz, popularmente conhecido como Hélio protético, natural de Itapetinga, mudou-se para a cidade no início de 1990, ao saber de seu desenvolvimento por meio de reportagens, buscando, através de um contato com o então prefeito Eujácio Brito, a prestação de serviços.

Ao chegar, passou a se aproximar da política local, estabelecendo relações com a elite e com pessoas carentes, para as quais realizou serviço social. Mas antes do então prefeito cometer suicídio, sofreu uma “retaliação” por parte de um grupo vinculado a outro profissional, cuja relação de parentesco era extensa localmente, além de também exercer um papel social amplo em Macarani.

Após a morte de Eujácio Brito, assumiu o vice-prefeito José Pedral, que manteve relação com Hélio e que incentivou a sua candidatura para vereador nas eleições de 1996. O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), ao qual se vinculou, era ligado ao grupo do empresário Armando Porto, consolidando uma aliança que naquele período propiciou a adesão em massa da população. Hélio teve um grande número de votos, faltando pouco para conseguir uma cadeira no legislativo, ainda que Porto e Pedral tenham sido eleitos com a maioria dos votos.

Aproximando-se das eleições de 2000, ele percebeu que a sua candidatura servia para fechar a legenda do partido e contribuir para outros candidatos mais “fortes” terem a possibilidade de êxito, uma prática comum no Brasil, então decidiu desistir na convenção, o que foi uma surpresa. Já sua esposa, Rosângela, saiu candidata a vereadora pelo Partido

Socialista Brasileiro (PSB), grupo oposto ligado ao de Nogueira, não conseguiu se eleger, mas teve uma expressiva votação.

Após as eleições de 2000, com a reeleição de Porto, Rosângela começou a apresentar na rádio Transamérica local o programa “A hora do povo”, que tinha atuação política e participação popular, como denúncias de irregularidades, de corrupção etc. Por ter grande audiência e fazer oposição ao governo municipal, iniciou uma campanha de denúncias contra as condições do Hospital São Pedro, cuja diretoria fraudava licitações e recebia aposentadoria de um doente hospitalizado. O Ministério Público apurou as denúncias e a diretoria, além de ser demitida, foi obrigada a devolver ao aposentado os recursos recebidos.

Em trabalho de campo realizado, um professor da rede municipal de ensino, que foi filiado ao PT num período de construção, fala sobre a elite política local:

A polarização política, entre Porto e o ex-prefeito Nogueira, se dava pelo clientelismo, algo que corrompia a sociedade. Nesse contexto, a cidadania em Macarani contava com barreiras para que outros partidos emergissem na cidade, como o PT. Este buscava liberdade e independência política como eram as ideias do partido naquela época. A independência pretendida era para não estabelecer coligação com a elite como forma de realizar a transformação da política por meio de uma gestão participativa. Em seu início, em Macarani, o partido conseguiu pouco espaço para se desenvolver no município. E a elite, com uma prática comum no interior, perseguia as pessoas que buscavam a participação no partido.

Depoimento concedido por interlocutor em 25/11/2020, 10h40min

Dando continuidade ao processo de consolidação do partido, a princípio, as reuniões do PT em Macarani eram realizadas na residência de um político conhecido na cidade, Aécio Freire, que foi candidato a prefeito em meados da década de 1970 pelo PDS e um importante colaborador na construção do partido.

Nas reuniões, sempre se apresentava e se discutia o Estatuto do PT, também se perguntava aos novos filiados se estavam de acordo com as diretrizes do partido. Um rito marcante, pois não existia a participação em busca de construir uma organização social democrática.

Esse processo de formação do PT em Macarani foi discutido por Ferraz (2018):

A formação da comissão provisória foi constituída por Hélio, Rosângela, integrantes da igreja católica e alguns professores. Nas primeiras reuniões, apoiados pelo diretório da cidade de Itabuna, após as discussões do estatuto do partido quando ocorreram embates ideológicos, com participação ativa dos membros, deu-se início ao processo de filiação dos membros. A postura política, desde esse momento, foi se contrapor às condições de descaso e de opressão vivenciadas pela população carente em Macarani. Os debates em reuniões foram marcados por um conjunto de posições sobre o que ocorria no cotidiano da política em Macarani (FERRAZ, 2018, p. 36).

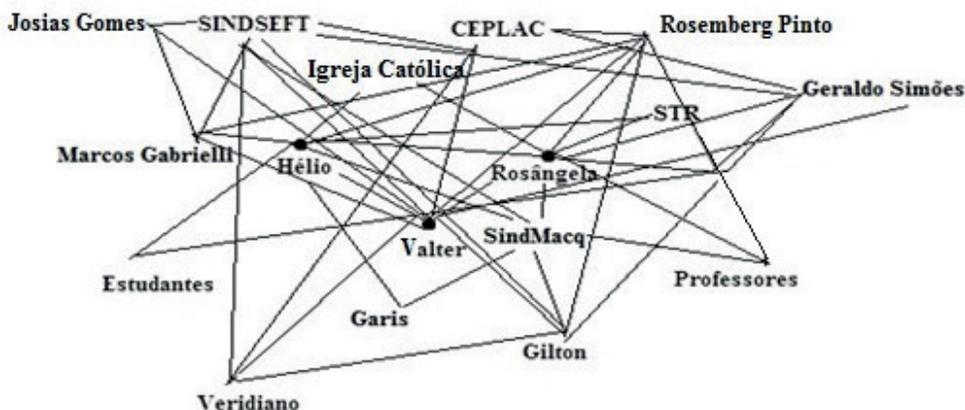
Como a reunião era aberta, as lideranças da elite política passaram a enviar “olheiros”. Em um momento, os presentes informaram àqueles que foram bisbilhotar que *“lá é para quem quer andar com as próprias pernas! E quem não quisesse as portas estavam abertas”*. Aconteceram mudanças na primeira comissão com o afastamento da secretária e do tesoureiro, pois alguns membros temeram a rejeição da sociedade macaraniense ao partido com a participação deles.

Todavia, o episódio revela as múltiplas facetas com as quais a elite política se articula através de redes, pois quando apreendidas em suas relações de amizade e de parentesco, elas se constituem em processos sociais amplos (Figura 05).

Para sustentar essa análise, buscou-se em Barnes (2010) a teoria das redes sociais. Para o autor, existem quatro princípios fundamentais para a consolidação de uma rede: 1) os atores e as suas ações são vistos como interdependentes e não como unidades independentes e autônomas; 2) os laços relacionais entre atores são canais onde circulam fluxos de recursos; 3) as redes são centradas em um indivíduo e o modelo construído é concebido como estruturas de relações como meios que configuram oportunidades ou consagram a ação individual; e 4) a rede é representada e nela se estruturam padrões constantes de relações entre os agentes, em seus aspectos social, econômico e político.

Os processos políticos de nível mais baixo ou de nível local ocorrem dentro de instituições que preenchem muitas funções que não são políticas. O comportamento político encontra-se aqui vinculado intimamente a ações dirigidas a outros objetivos não políticos que podem ser isoladas analiticamente desses outros aspectos, mas não em termos de espaço, tempo ou pessoa. (BARNES, 2010, p. 172)

Figura 05: Rede Social Parcial dos fundadores do PT em Macarani



Fonte: elaborada por Gabriel de Oliveira Ferraz a partir de trabalho de campo, 2018.

A estrutura da rede social que articulou agentes políticos em Macarani apresenta instituições como a Igreja católica, entidades (CEPLAC, o sindicato SINDSEFT), e indivíduos, como pode ser lido na Figura 05. O método de análise de Barnes (2010) colabora para a compreensão da ação social do PT em Macarani a partir de seus fundadores:

O conceito de rede social é apropriado em situações em que grupos persistentes, como partidos e facções, não estão formados, bem como situações em que indivíduos são continuamente requisitados a escolher sobre quem procurar para obter liderança, ajuda, informação e orientação. Desse modo, o emprego da rede social ajuda-nos a identificar quem são os líderes e quem são os seguidores, ou a demonstrar que não há padrão persistente de liderança. (BARNES, 2010, p. 176)

Em maio de 2003 aconteceu um encontro de professores urbanos e rurais da rede municipal de ensino de Macarani com o objetivo de criar um sindicato do funcionalismo público. Uma das participantes, que era do Conselho Municipal de Educação, Elionaide Almeida, pautou sua contribuição na discussão da Lei Orgânica do município.

Discutiu-se, também, sobre a organização da entidade por ser necessário buscar a melhoria das condições de trabalho, que se tornou o principal objetivo do sindicato, como reivindicação da classe. Assim, formou-se a comissão provisória do Sindicato Municipal do Funcionalismo Público de Macarani, constituída, a princípio, somente por professores.

Houve, então, a reunião de formalização do sindicato, conforme figura 06, na qual foram explicitadas as propostas em nível federal e estadual de atuação dos sindicatos de funcionalismo público, decorrentes do grande avanço pela chegada ao poder político dos trabalhadores. Na ocasião, a direção do PT intermediou a visita de Francisco Gilton, do Sindicato dos Servidores Federais (SINDSEFT), e de Joel Gomes, do PT de Itabuna.

Figura 06: Fundação do Sindicato dos Servidores Público Municipais de Macarani



Fonte: Fotografia, Hélio Ferraz, 2003.

O jornalista Emiliano José¹, ex-deputado estadual, contribuiu com essa fundação e, nas questões jurídicas, Paulo Teixeira, com apoio do deputado federal Josias Gomes². A base do sindicato se deu pela intensa participação dos garís, categoria de trabalhadores mais fraca entre os servidores municipais.

A consolidação do sindicato foi dada em um processo de lutas apoiado pelo PT, ao qual se vinculou na rede política de lutas populares no município. Ocorreu, ainda, uma articulação com líderes sindicais da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que no contexto nacional também buscava um fortalecimento das suas bases.

Boito Jr. (2013) traz à tona o processo da reconfiguração do movimento sindical nos governos de Lula, que foi provocado por diversos fatores, dentre eles, a insatisfação de algumas correntes sindicais com as políticas adotadas, principalmente em seu primeiro mandato, quando manteve os principais elementos da política econômica do governo de Fernando Henrique Cardoso.

1 Um dos articuladores no processo de fundação do Sindmacq em Macarani, Jornalista, escritor e professor universitário no curso de Comunicação Social da UFBA, Emiliano José escreveu biografias de grandes políticos baianos como Lamarca, Marighela e Waldir Pires, em março de 2021 tomou posse da cadeira número 01 da Academia de Letras da Bahia. Disponível em: <https://abi-bahia.org.br/jornalista-emiliano-jose-toma-posse-na-academia-de-letas-da-bahia/>. Último acesso em: 09 de abril de 2021.

2 Josias Gomes, agrônomo de formação pela UFPB, atualmente é Secretário Estadual de Desenvolvimento Rural da Bahia, e Deputado Federal licenciado pelo PT, no período de fundação do partido em Macarani, era presidente estadual da sigla, sendo responsável pela expansão e fortalecimento da base petista na Bahia.

Essa reconfiguração se deve à posição da CUT e da Força Sindical, que no passado estiveram em campos opostos na luta político-ideológica diante do governo Lula. Desde a década de 1990, ocorreu um processo de aproximação entre as duas centrais sindicais, naquele período, ainda era possível identificar tensões e contradições que dificultavam uma atuação conjunta (GALVÃO, 2006). Já no governo Lula as diferenças se reduziram, a ponto de ambas constituírem, no segundo mandato, base de apoio ao governo, com a participação de dirigentes da Força Sindical e da CUT no Ministério do Trabalho e do Emprego.

O sindicato, com o passar dos anos, foi se fortalecendo no município. Alguns anos depois, em 2009, conseguiu ter abrangência para três municípios circunvizinhos: Maiquinique, Itarantim e Potiraguá. A abertura de uma sede se deu em um imóvel alugado, onde se encontra até hoje com a mesma estrutura física. Mas, desvirtuado dos princípios que propiciaram a sua constituição, o sindicato, atualmente, é dado como “pelego” por parte dos filiados, que consideram que o presidente atual faz barganha política para se beneficiar em cargos públicos.

Sendo a única instituição de representação de funcionários públicos na cidade, se formou uma estrutura de corrupção que continua sendo denunciada em meio a boatos publicizados como escândalos na rádio local, conforme mencionam os interlocutores:

Ficou oito anos na presidência do sindicato do mesmo jeito, sem prestar contas do sindicato, não convocou assembleia, do mesmo jeito, e fazendo barganha com os prefeitos né?! Pra tirar vantagem, arrumou emprego para os familiares, e passando a sua gestão, nem se quer divulgou que teria as eleições, aí o que ele fez foi nomear o irmão, que era vice presidente do sindicato, e ele como tesoureiro.

Depoimento concedido por interlocutor em 14/04/2021, 09h30min

Outro interlocutor que fez parte do sindicato comentou da migração do Sindimacq para a Associação dos Professores Licenciados do Brasil – Bahia (APLB-BA), de acordo com as motivações já mencionadas:

Sempre foi assim, até hoje está dessa forma, ninguém vê ação, vê nada, durante todo esse período que ele e a família dele está, o sindicato está do mesmo jeito, as mesmas coisas de mais de 10 anos atrás, e olha que recebe dos quatro municípios, o pessoal faz as mesmas queixas nas outras cidades, o patrimônio dele cresceu de forma absurda durante esse período, o padrão de vida, nunca prestou contas, e todo mundo sabe como está sendo conduzido o sindicato, por pessoas inescrupulosas, e é muito triste ver uma instituição tão importante assim. Inclusive, muita gente se desfiliou, principalmente os professores que teve que se reunir e se filiaram a um outro sindicato a APLB, por o sindimacq está sendo pelego na verdade, só pensa na família.

Depoimento concedido por interlocutor em 14/04/2021, 19h30min

Importante salientar que o vínculo pessoal estabelece na relação institucional e política, segundo Isabel Guerra (2006), um jogo estratégico de atores, que decorre numa relação dinâmica e complexa mantida entre organizações cujos comportamentos são

orientados pelas relações de força e pelos conflitos de interesse existentes entre eles. Assim, é fundamental “identificar os sistemas de relações complexas que se desenvolvem entre os atores individuais, instituições e/ou esferas de atividade diferentes, bem como os seus interesses, imagens mútuas e níveis de adesão aos objetivos propostos” (GUERRA, 2006).

No início do processo de consolidação do partido, emergem na cidade os rumores disseminados por um ex-integrante da comissão provisória de que no partido ocorria a centralização de poderes nas mãos de três membros da direção do PT na tomada de decisão.

A partir daí, uma filiada, sem conhecimento dos diretores, convidou empresários da cidade para se filiarem e para apoiarem sua ação. Convidou, ainda, um membro da direção do partido de Vitória da Conquista, que se recusou a intervir e procurou, então, a direção macaraniense e a informou, reafirmando a autonomia municipal. Esse evento deu início a um processo conflitivo dentro do PT, que foi analisado e interpretado em Ferraz (2018).

O MANDONISMO NA POLÍTICA LOCAL

Os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976) sobre mandonismo local serão o alicerce crucial para o desenvolvimento deste tópico. Entendendo que a concepção de política e suas práticas vivenciadas em Macarani se vinculam ao modo coronelista de mando.

O mandonismo local, que se apoiou na estrutura coronelística de uma região, foi profundamente influenciado pela própria estrutura socioeconômica existente, sobretudo, aquela baseada na monocultura agrícola em grande escala para exportação ou em estruturas mais fluidas como as fazendas de gado. Pode-se considerar as zonas sitiantes, por se apoiarem na estrutura socioeconômica do mandonismo local para articular diversas lideranças, possuindo gradações hierárquicas e diferentes formações.

Na abordagem de Queiroz (1976), o mandonismo era visto como a manutenção da ordem dos chefes políticos locais, muitos por terem tido patentes de coronéis da Guarda Nacional durante o período imperial, mantida até o período republicano no Brasil. A ordem era mantida por meio da relação dos chefes políticos locais com seus cabos eleitorais, que tinham como função impor aos eleitores as determinações eleitorais do coronel.

Dessa forma, todo chefe político, na perspectiva do mandonismo local, organizava, numa posição elevada em torno de si, uma parentela composta por parentes e compadres, mais ou menos vasta, sendo seu chefe supremo e a sua autoridade poderia chegar ao nível estadual e até nacional.

Para a autora, a estrutura coronelística é organizada em três níveis: primeiro, o mando pessoal sobre cabos eleitorais que devem manter a ordem em favor do coronel e têm como função impor aos eleitores os candidatos dele; segundo, o coronel articula

seu domínio com indivíduos de certo nível e poder que são transformados em seus cabos eleitorais; e terceiro, o que mais se aproxima da realidade social de Macarani, a dominação colegial, em que cada membro da família domina uma zona eleitoral e ocupa postos locais da administração municipal. Quando o poder é direto sobre o eleitorado, o coronel tem a certeza do voto; mas quando há intermediários, o poder se torna mais flutuante.

Essa característica colabora para que os pequenos chefes façam outras escolhas e possam também exercer pressão sobre a família dominante, o que se constitui como estratégia de manobra deles e mesmo dos eleitores que nem sempre são “paus-mandados”.

Logo, a eleição não é vista como um momento de escolha do melhor administrador, mas como a hora da barganha ou da reciprocidade de dons ou de favores, por meio do “voto de cabresto”, isto é, de um bem de troca, que se dá a partir de uma lógica racional, na qual o eleitor vota no candidato porque já recebeu um benefício ou porque espera recebê-lo.

Se o mandonismo local possui poder absoluto, não há lutas internas em uma cidade. Mas quando há o agrupamento do mando, as lutas podem ser mais tensas em decorrência da geração de maior agressividade nas relações políticas.

Em seu aspecto administrativo, o mandonismo local apoia-se na troca de votos por benefícios que poderiam ser postos administrativos distribuídos para membros da parentela. Outro aspecto é do voto como valor de troca e de barganha, que se vinculam a ele atos de violência que existem e são empregados de forma isolada para impor a vontade do coronel ou são associados aos ocupantes dos cargos ou dos cabos eleitorais.

Para Queiróz (1976), a parentela, característica cultural brasileira, é composta por parente ou não, compadres que os afilhados recebiam seu nome. Nos municípios brasileiros cada grupo político se organizou por meio de parentelas que reuniam em uma rede de reciprocidade de deveres e de direitos grupos populacionais com tamanhos diversos.

Nesse sentido, a

parentela brasileira é um núcleo bastante extenso de indivíduos unidos por parentesco de sangue, formado por várias famílias nucleares, economicamente independentes, vivendo cada qual em suas casas. As famílias podem se dispersar em grandes distâncias, porém, o afastamento geográfico não quebra a vitalidade dos laços ou obrigações que vinculam os indivíduos uns aos outros no interior do grupo. Através do tempo, a solidariedade interna, os conflitos e as violências entre grupos políticos reforçaram a estrutura das parentelas. E se traduziram em ditados como: ‘para os amigos tudo, para os inimigos o rigor da lei (QUEIRÓZ, 1976, p. 181).

Para a autora, herança e casamento se apresentam unidos na preservação das fortunas e do mandonismo local, já que a herança foi um meio natural de preservação de status e de poder, utilizada por determinados grupos contra outros, enquanto o casamento foi empregado de diversas maneiras e com a mesma finalidade.

Há uma interpretação, em Macarani, que evidencia em clareza a ocorrência dessas práticas:

As organizações políticas em Macarani eram voltadas para o clientelismo, com ligações de nepotismo na cidade, sendo a tônica da política macaraniense. As coligações entre os partidos, vinculados à elite, em sua maioria era composta por pessoas que buscavam espaço dentro da gestão municipal para se beneficiar. E, desta forma, tanto Porto como Nogueira, jogavam o jogo das práticas políticas clientelistas recorrentes no jogo tradicional da política brasileira.

Depoimento concedido por interlocutor em 12/12/2020, 14h30min.

Com as mudanças na direção municipal do PT e o afastamento dos fundadores em 2006, para a eleição de 2008 se lançou um candidato a prefeito que era membro da elite política em Macarani e que no momento de sua candidatura respondia a processo de dupla filiação e de improbidade administrativa. Paulo Fernandes Lacerda, do PFL e, posteriormente, DEM, foi eleito vice-prefeito na chapa vitoriosa de Armando Porto em 2000. Na eleição majoritária de 2004 concorreu ao cargo de prefeito, pelo PFL, mas perdeu a eleição para Nogueira.

No processo de coleta de dados, encontrou-se um documento que retratava a violência na política local, mesmo no período das eleições presidenciais em que a configuração eleitoral se dá de forma mais ampla, o fato descrito no jornal foi em outubro de 2002. Leal (2012), denomina a política coronelista com práticas de violência eleitoral contra a vida das lideranças, no caso em Macarani, os ataques foram feitos ao então prefeito, Porto e o ex-prefeito Nogueira³.

Em 2006, Paulo Lacerda se filiou ao PT com o objetivo de concorrer às eleições locais de 2008, como de fato aconteceu. Esse ato significou partir de um extremo das políticas neoliberais e de um histórico de apoio às oligarquias para uma aliança político-partidária que congregava na cidade os movimentos sociais vinculados às classes populares, como os pequenos produtores rurais e trabalhadores urbanos, considerados a esquerda local.

Entretanto, Nogueira e sua coligação fizeram um levantamento no Cartório Eleitoral e constataram que Paulo Fernandes Lacerda não havia se desvinculado do PFL quando se filiou à agremiação petista.

A filiação ao PT em 2006 foi articulada pelo líder do governo estadual na Assembleia Legislativa baiana, Waldenor Pereira, personalidade política de influência crescente. No período era deputado estadual e líder da tendência Reencantar do PT de Vitória da Conquista, sendo o responsável pela cooptação de lideranças políticas tradicionais locais, naquilo que Dantas Neto (2008) considera uma “circulação das elites” baianas. É dentro dessa ação que um político do PFL se filia ao PT em Macarani e se torna candidato a prefeito.

³ Dados obtidos no Jornal Dimensão, ver em anexo C, a reportagem completa.

Na Bahia, Waldenor coordenou a incorporação de lideranças políticas tradicionais no PT, que deram sustentação ao *carlismo*. Ao mesmo tempo em que ocorreu uma reorganização da política baiana, que veio a se chamar de fase “pós-carlista” (DANTAS NETO, 2007). Da qual, apesar da morte de sua maior liderança, Antônio Carlos Magalhães, ACM, o *carlismo* demonstrava capacidade de força eleitoral.

Frente a essa conjuntura, os petistas, que haviam assumido o poder do Palácio de Ondina na Bahia em 2006, iniciam uma mobilização de atrair antigas lideranças ligadas àquela tradicional agremiação da política no estado.

A articulação agenciada pelas lideranças petistas na Bahia, em 2006, foi o resultado dessa mudança na conjuntura eleitoral no Brasil e, especialmente, na baiana. Na esfera nacional, a conciliação com o PMDB, atual MDB, garantiu a vitória de Lula, a partir de um pacto de governança feito em uma grande coalizão partidária de centro esquerda.

O declínio do *carlismo* tornou líderes políticos estaduais e nacionais órfãos, mas o prestígio ainda os mantinha como influentes em suas bases eleitorais e eleitoralmente relevantes. Muitas delas foram para o PMDB, PL e outros partidos que faziam parte da coalizão nacional, atualmente a maioria ocupa o PSD.

O PT, tendo em consideração a popularidade do então presidente Lula, passou gradualmente a contar com indicadores significativos de propensão eleitoral entre a população brasileira. Perante esse novo cenário, que se tornou acolhedor para vários políticos ex-carlistas, de maneira oposta do que os petistas históricos imaginavam ser provável, eles foram acolhidos, a partir de 2006.

A maioria dos novos petistas tinha raízes semelhante à de Paulo Fernandes Lacerda: eram originariamente de conjunções do PFL/DEM. Frente ao processo por “Duplicidade de Filiação Partidária”, interposto por Nogueira e sua coligação na eleição de 2008, ele recorreu e permaneceu candidato e filiado ao PT⁴, de maneira que a transferência foi favorecida pela Justiça Eleitoral, ainda que as contradições sobre o cumprimento dos prazos de entrega de Documentação a Justiça local⁵.

Já filiado ao PT, Paulo Lacerda passou a se despontar em uma conjuntura promissora ao pleito eleitoral de 2008. Entretanto, desdobrava-se um processo contrário a ele, com base na rejeição de contas da Prefeitura, no período em que esteve à frente do executivo municipal, 2002-2003. Esse fator também foi requerido pela coligação de Nogueira e se desenrolou a partir de junho de 2008.

Acontece que o parecer acerca da rejeição das mencionadas contas de 2004, processando-se lentamente, propiciou que Lacerda permanecesse candidato em 2008. O relatório do Tribunal de Contas dos Municípios da Bahia enquadrou o novo “petista” numa das cláusulas que, conforme a justiça eleitoral, o tornaria inelegível por seis anos, a partir de 2004⁶.

4 Processo nº 9695 e Recurso Eleitoral nº 380/2008.

5 A absolvição não impediu os macaranienses de imaginarem motivações financeiras para a sua filiação ao PT, que não lhes foram garantidas pelo próprio PT, mas por outros atores que tinham interesse no uso de sua imagem para a implementação da estratégia que teve curso nessas eleições e que resultou na vitória de Carlinhos.

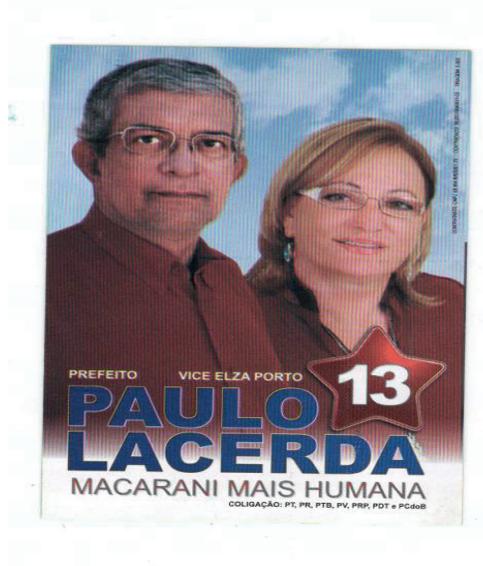
6 Processo nº 33335, Vols. 1 e 2.

Na definição da política de alianças e da tática eleitoral, não houve presença suficiente de filiados para dar quórum para registro de candidaturas. Foi esse o momento em que Paulo Lacerda assinou a sua pré-candidatura a prefeito na presença da então presidente do diretório municipal, Maria das Graças.

Até aquele momento, ela era indicada por eleições internas na agremiação petista para candidata a vice, tendo como candidata majoritária a professora Dinorah – fruto das articulações do deputado Waldenor, que renunciou e abriu o caminho para a candidatura do Paulo Fernandes Lacerda.

Porém, foi nesse período que se desenvolveu, sobre Paulo Lacerda, uma expectativa de messias, baseada na sua reputação de homem humilde e atencioso, em oposição à narrativa que construíram de ignorante para Nogueira. Certamente, esta sua imagem carismática (Figura 07) pode ter motivado sua candidatura, apesar do processo judicial que se desenrolava.

Figura 07: “Santinhos” das candidaturas de Paulo Lacerda - eleições de 2004 e 2008



Fonte: Arquivista local, 2021.

Os elementos descritos a seguir levam à suspeita de que havia outros interesses por trás dessa candidatura em torno do seu nome, já que parecia dada ao fracasso. É necessário se atentar à chegada de um novo ator na história política de Macarani para compreendê-la, o dono de uma fazenda que pertenceu a um neto de Clério Correia e que, depois de 2006, já era de seu domínio.

Antônio Carlos Macêdo, conhecido como Carlinhos, nasceu em Macarani, mudou-se para Belo Horizonte adolescente, retornando em 2006, com grande patrimônio, comprando terras e gados pela região. Ele foi um dos financiadores da campanha de Paulo Lacerda, junto com Armando Porto.

Mas quando o processo judiciário interposto por Nogueira e sua coligação culminou com a cassação da candidatura de Lacerda, faltando uma semana para a eleição, Carlinhos (Figura 08) assumiu a candidatura a prefeito na chapa, sendo filiado ao Partido dos Trabalhadores do Brasil (PTB), e Elza Porto, ex-esposa de Armando Porto, como candidata a vice-prefeita do Partido da República (PR).

Ambos eram membros do mesmo grupo das oligarquias rurais locais e se faziam “representantes” das classes trabalhadoras. Ainda assim, a chapa articulada pelo PT, que teve Paulo Fernandes Lacerda como candidato impedido, foi vitoriosa.

Figura 08: Base aliada do prefeito em encontro com Geddel Vieira Lima



Fonte: Jornal Dimensão: 14 de abril de 2012: Itapetinga - Bahia

Carlinhos tinha seu próprio poderio econômico como principal avalista de uma promessa de prestígio na campanha de 2008. Ele foi colocado como “grande liderança política” pela elite. Em 2012, lançou-se candidato à reeleição para o cargo de prefeito, mas já filiado ao PMDB, a partir de articulação feita por Porto e Geddel Vieira Lima, líder do PMDB na Bahia.

Ele sempre teve influência e grande ligação com os políticos de Macarani, quando era ministro da Integração Nacional no segundo governo petista e também quando fazia parte do grande acordo, que foi rompido entre o PT e o PMDB para o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff. Carlinhos, que migrou para o PMDB, sempre teve uma relação muito próxima com Geddel.

O PT foi conduzido como um partido emprestado à elite local, por meio do qual ela conseguia permanecer com o domínio do poder macaraniense. No governo municipal, a elite manteve a prática do *clientelismo* como regra nas ações da direção municipal do partido.

Assim, se estabeleceu a promoção dos interesses individuais que provocaram inquietações dentro e fora da agremiação petista, causando um grande número de desfiliações. Ao mesmo tempo, também fruto da campanha da mídia brasileira contra o PT, ocorreu a rejeição da própria sociedade macaraniense, e o partido quase chega ao fim.

As regras do jogo influenciaram várias facetas da política, como o impacto da lei da ficha limpa, uma vez que elementos institucionais se apresentam como parte importante do ambiente em que se dão as dinâmicas políticas, emoldurando-as e influenciando os seus resultados.

Portanto, o protagonismo do PT nas eleições municipais de 2008 se perdeu após a vitória do prefeito Carlinhos e a sua mudança para o PMDB, que já vinha fazendo oposição ao PT na Bahia. A organização da agremiação petista vivenciou uma limitação e uma grande perda do que já tinha conquistado na sua trajetória.

No jogo político, atores destacados agem em um ambiente que não é apenas marcado por instituições, mas é estruturado também por redes de relações entre indivíduos e organizações. Tais padrões foram construídos a partir de vínculos institucionais e pessoais ao longo de muitos anos, com ligações familiares, de amizade, políticas de negócios e de corrupção. Nesse sentido, o efeito das redes de relações entre indivíduos e organizações no interior de Macarani estrutura uma ordem social pendular.

Essa dinâmica relacional é especialmente importante no caso brasileiro em que o Estado apresenta grande centralidade na atividade política, assim como estrutura de maneira muito forte os campos de política pública. Ao mesmo tempo, essas próprias organizações apresentam elevada permeabilidade (MARQUES, 2000), que ocorre nos padrões de interpenetração entre público e privado na rede de relações de cada comunidade de política.

Entretanto, outro traço constitutivo do Estado brasileiro, que representa o reverso da permeabilidade, está no fato de as redes informais de relações pessoais também estruturarem a coesão e a solidez das organizações estatais (MARQUES, 2000), influenciando a sua inserção na sociedade, no sentido da sua capacidade de coordenação.

Na Figura 09 se vê o convite para o comício da coligação “Macarani com Responsabilidade”

Figura 09: Convite para último comício da coligação “Macarani com Responsabilidade”.



Fonte: Interlocutor da pesquisa

O racha entre as facções tradicionais e os problemas enfrentados por oito anos com inelegibilidade de Porto em 2003, por improbidade administrativa, já indicavam a crise de lideranças políticas no município, apesar da cooptação de possíveis quadros políticos que emergiam no contexto local, a exemplo do médico Miller Ferraz.

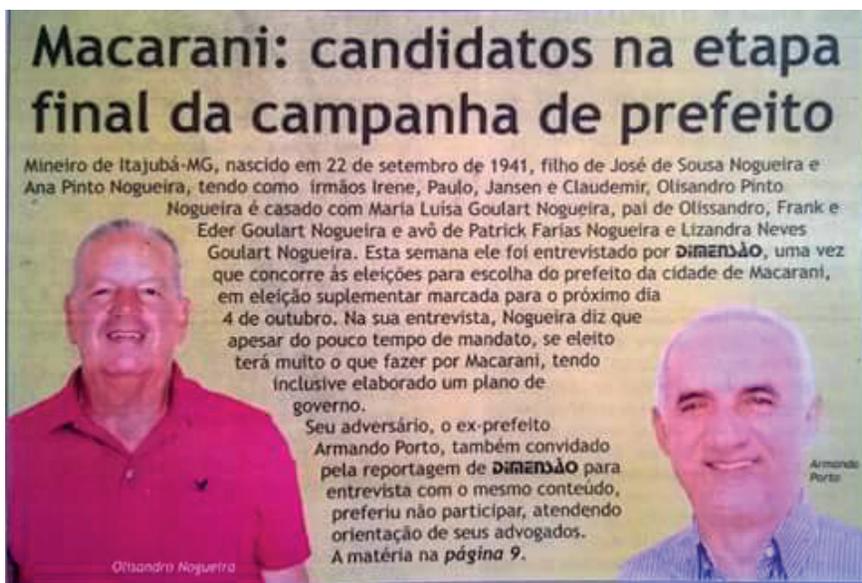
A Figura 09 acima, mostra um panfleto que foi distribuído em toda a cidade, com informações referentes ao último comício da chapa encabeçada pelo empresário e ex-prefeito Armando Porto (PSD), e pela candidatura a vice-prefeito do médico Miller Ferraz (PSDC), este novo no campo político local.

Por outro lado, o ex-prefeito Nogueira (PP) e o empresário Niltinho Meira (PP), reeditando assim as eleições municipais de 2000, da polarização de Porto e Nogueira, o que difere apenas em 2015, que as eleições foram suplementares.

Os antigos gestores Carlinhos e a vice-prefeita Elza Soares que era ex-mulher de Porto, foram cassados em última instância pelo Tribunal Superior Eleitoral, por abuso de poder econômico relativo às eleições municipais de 2012. O grupo liderado por Armando Porto, que também tinha apoiado o ex-prefeito Carlinhos, nas eleições de 2008 e 2012, saiu vitorioso em 2015, obtendo a maior frente em votação histórica em Macarani com 3.084 votos de frente, Porto teve 67,80% dos votos válidos, com 5.873 votos, e Nogueira teve 2.789 votos (32,20%)⁷ (Figura 10).

⁷ Dados obtidos através de pesquisa no Tribunal Regional Eleitoral da Bahia - TRE-BA.

Figura 10: Jornal Dimensão sobre eleições suplementares em Macarani - 2015



Fonte: Rede Social – Facebook de Nogueira.

O mandato “tampão” de Porto de 2015 e 2016 foi marcado por um retorno ao pagamento do funcionalismo público em dia e ações de destaque da pasta da Ação Social, que estava ocupada pela então primeira dama, Selma Souto, com atuação na zona rural e distritos de Macarani.

Contudo, uma medida impopular sobre um concurso público realizado pelo ex-prefeito Nogueira causou espanto e repercussão na cidade. A nomeação foi feita durante o primeiro mandato de Carlinhos. Porto observou, então, irregularidades e decidiu mover um processo de cassação das pessoas que tinham tomado posse. Segundo interlocutores, foi uma das causas de sua derrota nas eleições de 2016 (Figura 11), conforme se percebe na fala de uma professora que tem participado do processo de mobilizações dos profissionais da educação nos últimos anos em Macarani:

Pela frente esmagadora nas eleições de 2015, com uma frente de mais de 3.000 votos, que o prefeito Armando Porto ele se sentiu no direito de se sentir supremo, dentro da condição de prefeito. Tinha havido um concurso da gestão de Nogueira, que Carlinhos chamou além das vagas, e realmente eram necessárias ao município, então esses professores tomaram posse, só que o prefeito então Armando Porto viu que era irregular, e entrou com cassação das pessoas desse concurso...

Isso lógico que quando você faz algo com alguém, você não faz só com a pessoa, você faz com a família da pessoa, com os amigos, e isso gerou um grande descontentamento da população, porque as pessoas realmente viram que estava fazendo uso do poder político que o prefeito tinha, e com isso, alguns meses depois ele desistiu do processo. E na eleição seguinte o prefeito não conseguiu se reeleger.

Depoimento concedido por Lucineide Souza, em 19 de abril de 2021, às 10h00min.

A fala da professora revela algo que aconteceu ao mesmo tempo em que o grupo que tinha Porto na sua liderança se rompeu, o então ex-prefeito Carlinhos junto ao ex-prefeito Nogueira cooptaram o vice de Porto, lançando assim a chapa com o “Doutor” Miller Ferraz, pelo MDB⁸ como uma nova figura política em Macarani, capitaneado por essas lideranças, e como seu vice, por indicação de Nogueira, o empresário Niltinho (PP).

Figura 11: Convenção do PMDB – Eleições Municipais de 2016



Fonte: Rede Social – Facebook - Nogueira

A convenção do PMDB, que oficializou a candidatura do então vice de Armando, como candidato a prefeito da oposição, foi marcada pela presença do deputado federal Ronaldo Carletto (PP) e dos ex-prefeitos já mencionados Carlinhos e Nogueira.

As eleições de 2016 revelam como a estrutura do mandonismo local se mantém num equilíbrio do jogo político. Em preferência ao *carlismo*, a elite se movimenta conforme os interesses regionais, conduzindo as suas estratégias de relações com líderes que sejam ligados à base do governo estadual. Historicamente esse processo sempre ocorre com municípios interioranos que mantêm dependência de recursos advindos da esfera federal e estadual.

Em outra interpretação, os acontecimentos tomam uma forma diferente:

8 MDB – Movimento Democrático Brasileiro, nesse contexto de 2016, o antigo PMDB, retornou a sigla de MDB, no mesmo período que o partido no plano federal tinha como Presidente da República Michel Temer, na Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (RJ), responsável por orquestrar o processo de Impeachment/Golpe da ex-presidenta Dilma Rousseff. E no Senado Federal o presidente também do MDB, Renan Calheiros (AL), cacique do partido naquele período que acumula polêmicas em escândalos de corrupção no Brasil. No Estado da Bahia, o deputado Geddel Vieira Lima era ministro da Secretaria de Governo da Presidência da República de Temer (2016), Geddel também foi ministro da Integração Nacional do governo Lula, entre 2007 e 2010.

Eu atribuo a isso ao fato de, da necessidade da sobrevivência política e de recursos para vim para o município, então a liderança procura o titulado momento do governo para amanhã obter recursos para o trabalho de seu povo, tanto é que logo após os grupos se afastaram, e nós sabemos a ideologia que cada um carrega.

Depoimento de Interlocutor. 22/03/2021. 09h00min.

A interpretação da política de Macarani é marcada por categorias que balizam esses grupos, que ressignificam as suas particularidades, tornando-as, numa situação posterior, rearranjos de escolhas políticas contraditórias.

Assim, pode-se afirmar que a lógica da elite política macaraniense, assemelha-se à do período de predomínio do *carlismo* na Bahia, da década de 1980 até início dos anos 2000, com mudanças expressivas no surgimento de novos atores políticos, mas a maioria atrelada a esses políticos tradicionais do município, que se reinventam na sua estratégia de adaptação à política estadual, assim como algumas lideranças regionais, transitando entre partidos de centro, e centro direita.

ETNOGRAFIA DO PALANQUE

Este tópico trata de revelar as divergências dadas situacionalmente e como as tensões demonstradas em um momento excepcional da história política recente de Macarani entram em “equilíbrio” mesmo com a polarização e o surgimento de outro fenômeno recente na sociedade brasileira: o *bolsonarismo*.

A pesquisa de campo proporcionou diálogos com idosos, jovens, mulheres e homens que residiam e transitavam nesse período eleitoral em Macarani, com o objetivo de encontrar as informações necessárias para compreender a realidade social da cidade.

Para tanto, foi preciso assimilar como funciona o equilíbrio entre o jogo político de alguns dos principais membros da elite política local. Também se buscou analisar que aspectos políticos são importantes para compreender as práticas políticas vivenciadas e a que organizações esses atores políticos estão vinculados.

Como retrata Christine Alencar (1996), a relevância do estudo da Antropologia da Política é reconhecida ao se atribuir à política uma dimensão abrangente, que permeia toda a vida social. Desse modo, identificar as estratégias utilizadas nas práticas locais propiciou entender os aspectos acima referenciados e permitiu ampliar a compreensão dos processos sociais e das dinâmicas políticas.

Este estudo se vale da perspectiva teórico-metodológica de análise situacional construída por Gluckman (2010) como fundamento para se compreender em equilíbrio, como método, as divergências da elite política de Macarani em uma situação especial da união das principais lideranças conservadoras locais, num comício realizado em setembro de 2018, com o apoio de um dos principais articuladores do governo petista do estado da Bahia, o deputado estadual Rosemberg. As contradições em torno desse evento passam pela participação da direção do PT e de lideranças históricas do *carlismo*.

Pretende-se compreender a dinâmica política multifacetada que culminou numa inédita aliança entre grupos “antagônicos”, da qual o processo social aponta caminhos para entender a divergência e o diálogo presentes nos fenômenos do *Lulismo*, *Carlismo* e *Bolsonarismo* em situações excepcionais como a de um comício em Macarani.

Para entender melhor como se deu essa união, cabe lembrar de outro acontecimento: a Cavalgada de São Pedro⁹, que se realizou no dia 28 de junho, na fazenda do grupo Vale Verde (Figura 12), maior produtor do agronegócio na cidade, com um complexo de várias fazendas e duas pequenas indústrias de laticínios que atendem Macarani e parte da região do médio Sudoeste.

Em estudo feito no norte da Zululândia, Max Gluckman encontra realidade semelhante: “comportamento, em algumas ocasiões, de indivíduos membros de uma comunidade, analisado e comparado seus comportamentos em outras ocasiões. Desta forma, a análise revela o sistema de relações subjacente entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social”. (GLUCKMAN, 2010, p. 238), a partir da definição de situação social.

Figura 12: Armando e Nogueira se cumprimentam em evento na Fazenda Vale Verde.



Fonte: Blog Revista Geral – Antônio Araújo

Na Figura 12 está o registro do primeiro encontro em que se “consolidou” a aliança entre Porto e Nogueira. O pecuarista Zeneldo Matos¹⁰ foi um dos principais articuladores

9 A cavalgada é um dos eventos mais importantes da cidade, desde meados dos anos 1960, é realizada por cavaleiros e vinculada à Paróquia de São Pedro do Município, em trabalho etnográfico realizado por Ferraz (2020), “Etnografia da festa de São Pedro de Macarani”, o autor situa e interpreta essa manifestação cultural e histórica.

10 Zeneldo Matos é engenheiro de formação, um dos maiores pecuaristas da região do médio sudoeste baiano e exerce influência política desde o início dos anos 2000. Em 2009, com o apoio de Geddel Vieira Lima, assumiu a direção municipal do PMDB, no período Carlinhos era prefeito e contava com o apoio do grupo de Porto. Em 2016, Zeneldo foi candidato a vice-prefeito, na chapa encabeçada por Porto (PSD), pelo ex-prefeito Miller Ferraz (MDB).

entre os ex-prefeitos a definir o apoio ao deputado estadual Rosemberg Pinto (PT) e ao deputado federal Ronaldo Carletto (PP), ambos ligados ao governo do Estado da Bahia.

A união desses grupos teve a participação de quatro vereadores: um ligado ao grupo de Nogueira, Rubinaldo (PP), que atualmente é o vereador mais antigo na cidade, com sete mandatos consecutivos; os três que fizeram a composição ao grupo da oposição foram Glauber Costa (PDT), que posteriormente migrou para o grupo de Nogueira, Nilton Alves (PL) e Jucilande de Itabaí (PL), ambos permaneceram juntos ao grupo liderado por Porto e os pecuaristas Zeneldo e Adilson Passos.

O evento teve participação de cerca de 200 pessoas, entre elas lideranças regionais e locais, comerciantes e pecuaristas simpatizantes dos grupos. Teve show de voz e violão de um artista da cidade e um almoço com bebidas, prática recorrente nesses encontros políticos.

O “palanque” naquele momento era uma mesa, conforme Figura 13, com essas principais lideranças locais e os deputados convidados, que dialogavam sobre as eleições daquele ano de 2018 e a projeção de unidade também para as eleições de 2020, visando o apoio ao candidato que obtivesse maior aceitação por parte das pesquisas realizadas pelo próprio grupo no próximo ano (2019), que naquele momento era o de Zeneldo (PL).

Figura 13: Rosemberg Pinto, Ronaldo Carletto, Porto e Nogueira, e Adilson Passos ao centro da fotografia.



Fonte: Blog Revista Geral Bahia – Antônio Araújo

O comício tem a excelência de um ato de prestígio, pois demonstra o reconhecimento de uma determinada região da cidade e de seus moradores. Da mesma maneira, na disposição do palanque e na distribuição das falas no decorrer do comício, verificou-se a “disputa” entre as lideranças locais por uma posição de destaque na situação de ápice na política.

No dia 29 de setembro de 2018, véspera do primeiro turno das eleições, o evento foi realizado na divisa entre o centro e o bairro periférico e populoso Sobral Bentes, o comício demonstra, situacionalmente, um equilíbrio entre as forças políticas locais. Constituindo uma situação inédita e inusitada, na qual o ex-vereador fez uma fala direcionada em nível nacional a externar seu apoio para o então candidato à presidência da república Jair Messias Bolsonaro.

Figura 14: Deputado Rosemberg Pinto ladeado a Zeneldo, Armando Porto e Nogueira.



Fonte: Rede Social – *Instagram* do Deputado Rosemberg Pinto

A etapa do trabalho de campo criou a oportunidade de conversa e escuta de algumas lideranças de diferentes correntes partidárias que participaram do evento. Assim, pôde-se perceber o jogo político, as contradições e as convergências entre os atores sociais. O ex-vereador, Zequinha Neves, comentou sobre a aliança entre Porto e Nogueira e o comício onde estavam os dois presentes (Figura 14):

Nos idos de 2018 houve as eleições presidenciais que polarizou entre Bolsonaro e Haddad, isso claro com repercussão nacional, e em todos municípios do país, e também em Macarani, então a gente viu aqui em Macarani, essa união em torno dessas lideranças, na Bahia diante de um governo estadual petista, normalmente essas lideranças em municípios menores se alinham com o governador, embora a gente saiba que a ideologia deles dois não pertence a esse lado da política.... Não pertencem a esquerda, isso eu digo com absoluta segurança.

Porém naquele momento se fez necessário para somar para a vida política de Macarani, com isso, com as duas lideranças subiram ao palanque e tiveram apoio para o mesmo candidato, isso foi um fato marcante, enriquecedor na vida política da cidade e também você está em pesquisa referindo-se a este fato.

No decorrer da conversa, o interlocutor se manifestou sobre o seu posicionamento naquele comício, revelando como ocorreu e os seus sentimentos enquanto liderança política:

Aquele comício Gabriel, foi um fato marcante na minha vida política e pública em Macarani, veja bem, me convidaram para o comício uma corrente de liderança, eu participei disponível para subir no palanque, lá me ofereceram a palavra, porém... não houve maiores detalhes, maiores informações que mais tarde chegaria um deputado ligado ao PT, não houve informações que me pudesse trazer subsídios de como seria proferido os pronunciamentos da noite, eu naquele momento vivia no apoio político a Bolsonaro e querendo a vitória da direita, por isso me manifestei politicamente conforme minha consciência, depois eu senti um tremendo mal estar porque a presença do deputado se manifestou, com discurso ideologicamente totalmente diferente, claro... razões óbvias, e também como outros membros, inclusive a sua presença, a presença das lideranças do PT, Hélio, Rosângela, Miguel, presente no comício. Mas eu fiz um pronunciamento em apoio a Bolsonaro, em apoio a direita, depois que fui perceber que tinha uma dicotomia no pensamento, em cima do pensamento muito ampla.

Mas isso é como você entendeu, você sabe, serve pra aquele momento enriquecer a política local e assim se houve, depois me senti na necessidade de ver as lideranças já citadas, o ex-prefeito Nogueira, o ex-prefeito Armando, as lideranças você, Hélio, Rosângela, Miguel, de pedir desculpas por ter um tom diferente da noite política que seria pra fazer um comício com uma fala totalmente diferente da que eu fiz.

Mas as minhas desculpas foram entendidas e eu agradeço a essas pessoas as quais a que eu solicitei essa diferença e voltei a me sentir tranquilo. Mas foi um desconforto político muito grande naquele momento.

Relato de Zequinha Neves, 24/03/2021, 10h00min

Estive presente no comício como liderança, representando o PT local. Na ocasião, não estava em processo de pesquisa. Estive nas eleições de 2020, como tratarei no próximo capítulo, no entanto, fiz o uso da palavra direcionando o apoio às candidaturas do deputado Rosemberg Pinto, dos senadores Ângelo Coronel (PSD) e do ex-governador Jaques Wagner, da reeleição de Rui Costa para governo do Estado e de Haddad para presidência.

Assim, Zequinha foi um dos primeiros a se pronunciar no comício. Pouco tempo após a sua manifestação, ficou um “desconforto” no palanque com boatos entre as lideranças. Outro interlocutor, um dos organizadores da campanha, o vereador Glauber Costa (PDT), comentou sobre essa aliança entre Porto e Nogueira:

Houve essa aliança entre os líderes Armando e Nogueira, que se convergiram com o mesmo objetivo do bem-estar de Macarani, apesar das diferenças, teve civilidade nesse processo. Ambos participaram do mesmo palanque, se respeitaram, chegaram até um citar as obras do outro né, citando dos benefícios que cada um teve para com o município. E vejo com um exemplo a ser passado, pois cada gestão tem a sua história. Mas quando houve a oportunidade desse projeto se consolidar na eleição de 2020, é... a questão da municipalidade permaneceu. E cada um com interesses pessoais, interesses também de grupos políticos, e acabou que cada um seguiu seu caminho.

Perguntei sobre o comício, a situação do pronunciamento e a manifestação de apoio a Bolsonaro:

No comício “teoricamente” favorável ao governo do estado, pró-governo do estado que é do Partido dos Trabalhadores, com a presença inclusive do líder do governo na Assembleia, não estava presente o federal, mas que defendera em outra oportunidade, o próprio candidato do PT, Haddad né, e conseqüentemente apoiou o governo do estado, a sua reeleição que é também do Partido dos Trabalhadores, o governador Rui Costa. E o que aconteceu naquele palanque, um comício épico, houve uma manifestação de um ex-vereador que discursou e falou em defesa do Bolsonarismo, é uma questão que há uma discussão ética? Sim, há sim, por que talvez aquele não era o momento oportuno. Inclusive dividiu muitas opiniões sobre aquele discurso, porém, aquela questão foi possível justamente por essa força da rede social sobre um movimento que crescia vertiginosamente em favor do então candidato Bolsonaro, que tinha no máximo 10, 12 30 segundos de televisão. Porém, tem uma questão de exposição até um pouco excessiva, com o uso de camisa e tudo, mas que era algo do momento liderada pela rede social e automaticamente respeitando a democracia.

Depoimento concedido por interlocutor em 01/04/2021, 10h00min.

A situação demonstra as contradições entre as lideranças de ambas legendas que se encontram presentes. Ficou notório a indignação de alguns participantes com a participação no comício, no entanto, o que estava em xeque para a elite política local é a permanência no poder e manutenção do *status quo* que demonstrara com a participação massiva da população no comício, conforme Figura 15.

Figura 15: Vista do palanque ao comício na rua Encruzilhada



Fonte: Rede Social - *Instagram* - Deputado Rosemberg.

Na Figura 16, a presidenta do PT, Rosângela¹¹, que retornou à presidência do partido em 2017 no município, já demonstrava também, mesmo que de forma moderada, o retorno ao jogo político local, retomando sua participação ativa da base social do partido nas eleições de 2018, com o retorno às ruas em campanha, em primeiro e segundo turno.

Ao centro da Figura 16, a atual prefeita, Selma Souto (PSD), que no momento acumulava capital social e político que havia obtido à frente da Secretária de Assistência Social, durante a última gestão de seu marido, Armando Porto, do mandato suplementar (2015-2016), professora da rede municipal de ensino, de origem da classe trabalhadora, que teve sua elevação para a elite política local ao se casar com Porto.

Por sempre discursar nos períodos eleitorais ocupando lugar de destaque com uma retórica eloquente, Selma é uma nova agente política importante no cenário local, sobre quem falarei mais sobre no próximo capítulo.

Figura 16: Deputado Rosemberg¹², Selma Souto e Rosângela presidenta do PT



Fonte: Diretório Municipal do PT de Macarani

11 Rosângela retornou à presidência do PT em 2017, após afastamento de 11 anos. Em Ferraz (2018), analisei a origem e trajetória do partido em Macarani, marcado por eventos de crises e rupturas institucionais internas, entre tendências da agremiação na disputa pelo território. Fundamentado no caráter empírico etnográfico e analítico em Turner (2008).

12 Nas eleições de 2018, Rosemberg teve em Macarani 2.242 votos, 29,55% dos votos válidos, foi o segundo deputado estadual mais votado no município. Dados obtidos em: <https://www.tre-ba.jus.br/eleicoes/resultados-de-eleicoes/resultados-de-eleicoes>. Acesso em: 28 de março de 2021.

Nota-se que a estrutura social de Macarani se reflete nas ações políticas. Assim sendo, o comício evidencia a relação existente entre a elite e a população local que participa ativamente do *tempo da política*. Compreendendo-a como a organização social da realidade macaraniense, com as suas múltiplas formulações, arranjos e contextos particulares.

Max Gluckman (2010), em seu trabalho “Análise de uma situação social na Zululândia Moderna”, toma uma situação social para construir sua interpretação de que naquele momento há equilíbrio entre as partes. Entretanto, os elementos de sua interpretação vão se apoiando em eventos nos quais analisa a atuação de presentes no evento principal, como procuro fazer nessa dissertação sobre o que se sucede em Macarani, no mundo da política. Conforme aponta o autor:

Divididos em duas categorias: 1. Aqueles inerentes aos equilíbrios repetitivos, e em certos aspectos gerais, a todos os equilíbrios; e 2. Aqueles presentes em todos os sistemas em transformação e que, são afetados e coincidem com certos processos da primeira categoria. Por isso, a análise de um equilíbrio comparativamente estável, em contraste com um repetitivo, implica reconhecimento do seu processo de transformação (GLUCKMAN, 2010, p. 268).

Importante analisar a conjuntura política nacional e estadual, com a prisão do ex-presidente Lula em abril de 2018, num processo de julgamento suspenso quase três anos depois. Em março de 2021, o plenário do Supremo Tribunal Federal considerou parcialidade de Moro em relação a Lula, anulando os processos e devolvendo os direitos políticos ao ex-presidente.

O ex-juiz Sérgio Moro¹³ comandou a Operação Lava Jato¹⁴ em Curitiba, até novembro de 2018, quando se desvinculou da magistratura e aceitou o convite para o ministério da Justiça e Segurança Pública do novo presidente Jair Bolsonaro, eleito no segundo turno pelo Partido Social Liberal (PSL), em outubro de 2018 com 55,13%, e em segundo lugar, Fernando Haddad (PT), que obteve 44,87% dos votos válidos.

Haddad, o ex-ministro da Educação nos governos de Lula e Dilma, foi o nome escolhido após o impedimento da candidatura do ex-presidente nas eleições de 2018 pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Ele foi prefeito da cidade de São Paulo de 2013 a 2016, é professor universitário de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP).

Através da sua gestão como ministro, houve a criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Sistema de Seleção Unificada (SISU), a implementação da Universidade Aberta do Brasil e do Instituto Federal de Educação,

13 Sérgio Moro é ex-magistrado da 13ª Vara de Curitiba, foi quem comandou a força-tarefa da Operação Lava Jato na primeira instância, desde março de 2014. Em novembro de 2018, Moro aceitou o convite para assumir a pasta do Ministério da Justiça e Segurança Pública do então presidente eleito Jair Bolsonaro, apesar da polêmica, a grande mídia ainda o tinha como super-herói, analisarei mais adiante como foi o desfecho desse acontecimento. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/01/moro-foi-convidado-para-ministerio-ainda-na-campanha-diz-mourao.ghtml>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

14 Foi uma série de investigações da Polícia Federal, iniciada em 2014, que se encerrou em fevereiro de 2021, com um conjunto de escândalos envolvendo caciques políticos e empresários de grandes empreiteiras e estatais ligadas a esquemas de lavagem de dinheiro e corrupção. Tiveram várias controvérsias por vínculos pessoais e partidários entre investigados, juizes, MPF e empresários.

Ciência e Tecnologia, assim como a implementação do Programa Universidade para Todos (ProUni) e a reformulação e ampliação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Esse processo de ampliação do ensino superior no Brasil, com a criação de políticas públicas de inclusão social, beneficiou o acesso dos trabalhadores à universidade e à profissionalização nas escolas técnicas. Assim como a política de cotas para negros, pardos e indígenas e estudantes de escola pública. Com os investimentos na Ciência e Tecnologia no país nesse período, houve avanços, elevando a capacitação da população. Contudo, indicando controvérsias em alguns setores que beneficiaram as grandes empresas privadas de ensino superior do país, como um mercado de grande potencial.

Em setembro de 2018, com a escolha da candidatura de Haddad (PT) e da vice Manuela D'Ávila (PCdoB), iniciou-se um processo de batalha de narrativas nas eleições por diversos setores da sociedade. A polarização que ocorreu nos últimos anos entre PT e PSDB teve um diferencial dessa vez, com a ascensão do deputado federal Bolsonaro na corrida presidencial, por um lado marcada pelas pautas do apolítico, da moralidade e do militarismo, e por outro, os feitos nos governos petistas, do retorno do desenvolvimento econômico com inclusão social.

Mas o principal vetor e arma utilizados na disputa dessa narrativa foi a propagação de notícias falsas, do termo inglês *fake news*. Com o intuito de influenciar a população por meio de inteligências artificiais e robôs, no disparo em ambiente virtual, criando e distribuindo mentiras e informações falsas, foi alvo de diversas manifestações na tentativa de conter as suas consequências.

Algumas ações de veículos de comunicação buscaram ampliar a credibilidade da imprensa e investir na interpretação dos leitores e usuários das mídias sociais. Há apoiadores de projetos que consideram o caráter criminal de quem cria e reproduz os boatos e até colaborações entre as empresas das plataformas digitais (Google, Facebook, Twitter, WhatsApp), além de agências de verificação de dados e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que junto à Polícia Federal e ao Ministério Público Federal, criou um grupo de inteligência para estudar possíveis formas de atuação.

TRAJETÓRIA POLÍTICA – DEPUTADO ESTADUAL ROSEMBERG PINTO

Natural de Itororó, cidade localizada no médio sudoeste baiano, Rosemberg foi ainda adolescente para Salvador, onde iniciou sua vida estudantil. Concluiu o ensino médio no Colégio Central da Bahia¹⁵ em 1971, cursou Ciências Sociais na UFBA e especializou-se em Ciência Política pela mesma universidade. A sua opção profissional já indicava a sua pretensão futura na política. Filho do ex-prefeito de Itororó, Zeca Pinto, que foi um dos precursores da maçonaria na cidade e uma liderança política no médio sudoeste baiano.

Na UFBA, Rosemberg participou da militância estudantil, como membro do Centro Acadêmico das Ciências Sociais, e do Diretório Central dos Estudantes. Durante sua juventude teve atuação importante no congresso na restauração da União Nacional do Estudantes (UNE), em 1979. Nesse mesmo período, foi aprovado em concurso, iniciando sua carreira na empresa Nitrofértil, que posteriormente passou a integrar à Petrobras. Foi a ponte para o movimento sindical, onde conheceu o senador Jaques Wagner, com quem tem uma grande relação política e de amizade há 40 anos.

Na Nitrofértil participou ativamente da valorização do Sindicato dos Petroleiros e dos Químicos/Petroquímicos da Bahia, foi dirigente nacional da Federação Única dos Petroleiros (FUP) e um dos articuladores, em 1995, do movimento contra a privatização da Petrobras, tramada pelo governo tucano de FHC.

No final de 1999, na Bahia, o PT começou um processo de articulação de interiorização do partido. Josias Gomes, como presidente estadual, junto a outras lideranças como Rosemberg, Waldenor Pereira, Everaldo Anunciação, Jaques Wagner, José Carlos Veridiano dentre outros, comandaram essa organização na região do médio sudoeste, sudoeste e litoral sul baiano. Rosemberg estabeleceu uma relação desde 2001 na construção do PT em Macarani (Figura 17).

15 O Colégio Central da Bahia foi o primeiro colégio público de ensino básico no Brasil, teve sua abertura em 07 de setembro de 1837, foi onde estudaram grandes personalidades da história brasileira, como Glauber Rocha, idealizador do movimento Cinema Novo no Brasil. O líder político ACM, o cientista e médico Elsimar Coutinho. O escritor, político e comunista Carlos Marighela, um dos mais significativos militantes da guerrilha armada comunista do período do regime militar (1964-1985). Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=145>.

Figura 17: Primeiro comício do PT realizado em Macarani – 2002.



Fonte: Diretório Municipal do PT de Macarani - Ba.

Na Figura 17, o Deputado estadual Rosemberg Pinto, que concorria à reeleição, fala para os presentes no restaurante Cabana do Jairão, ao lado de Frei Dilson, ex-prefeito de Itamaraju, do deputado federal Josias Gomes e alguns membros da diretoria municipal do PT local.

Em 2003, ao assumir a gerência de Comunicação da Petrobras do Nordeste, iniciou o desenvolvimento da internalização promocional da empresa, sendo um dos responsáveis pela democratização dos investimentos em ações sociais, de cultura e de meio ambiente, priorizando o resgate das manifestações culturais vinculadas à identidade popular.

Ajudou na implantação do programa Mova Brasil, em parceria com o Instituto Paulo Freire e o apoio da Petrobras. Foi um movimento de alfabetização de jovens e adultos que teve um alcance por todo território nacional. Teve grande atuação na mobilização pela manutenção das atividades da Petrobras nos campos terrestres na Bahia e no Nordeste.

Por último, coordenava o Grupo de Mobilização para a nova legislação de extração de petróleo no Brasil, a partir das descobertas na camada do pré-sal, conforme mostra a Figura 18, num encontro com Lula. Rosemberg Pinto participou dos debates em torno do novo marco regulatório da empresa e um dos objetivos foi destinar parte dos lucros na criação de um Fundo Social para investimentos no Combate à Pobreza.

Figura 18: Rosemberg Pinto e o presidente Lula: Encontro no Polo da Petrobras em Camaçari – BA.



Fonte: Revista do Mandato/ 2017 do deputado Rosemberg.

Com bastante influência nos movimentos negros de Salvador, Ilê Ayê, Malês, a mais elevada honraria concedida pela ALBA, a Comenda 2 de Julho foi proposta por Rosemberg a homenagear o ator e cineasta Lázaro Ramos, um dos principais nomes do cinema brasileiro e com atuação no movimento negro baiano, que iniciou sua carreira no teatro do Olodum.

Outra personalidade a receber a Comenda foi o escritor e médium Divaldo Franco, baiano de Feira de Santana, considerado um dos maiores divulgadores da doutrina espírita no Brasil. Ambas homenagens foram aprovadas pela casa por unanimidade.

No período à frente da Comunicação da Petrobras, acumulou algumas polêmicas por parte da oposição no estado, lideradas por ACM Neto (PFL) e pelo deputado estadual Heraldo Rocha (PFL), que causaram repercussão no Brasil. A estatal era presidida por Sérgio Gabrielli, professor da UFBA, e político do PT da Bahia. As polêmicas foram feitas à gerência da Comunicação da Petrobras, pelo patrocínio a festejos de São João em cidades no interior do estado, de 2006 até 2010, período em que Rosemberg era o diretor da regional-nordeste.

A oposição foi motivada pela forma como foram escolhidas as cidades na distribuição desses recursos. Grande parte era governada pelo PT e partidos de sua base de governo. Na região do médio sudoeste, as cidades beneficiadas durante a gestão de Rosemberg foram Itapetinga, tradicional pelos festejos juninos que desde os anos de 1980 realiza as festas de largo e Itororó, cidade natal de Rosemberg, que naquele período contava com o seu irmão na posição de vice-prefeito e que também tem a tradição de realizar a festa de São João.

A reportagem publicada pelo Correio da Bahia, em novembro de 2006, apresentava o seguinte anúncio na capa: “Petrobras patrocina festas de petistas na Bahia”. No texto interno, o subtítulo “Estatual bancou os festejos juninos de São João de 23 cidades, a maioria administrada pelo PT e partidos aliados”:

Um grupo de 23 cidades do interior da Bahia contou com recursos da Petrobras para realizar os seus tradicionais festejos de São João, em 2005. Desses, segundo políticos ligados ao PFL, pelo menos 90% eram administrados pelo PT e partidos ligados à base aliada, segundo foi apurado pelo O Globo. Essa foi a primeira vez que a estatal patrocinou festas de São João no estado, investindo cerca de R\$ 1,4 milhão. O fato à época provocou indignação entre os pefelistas, e ganhou repercussão nacional.

Rosemberg era apontado como candidato a deputado estadual, mas ele não concorreu. O patrocínio se reverteria entre outros fins para custear a apresentação de bandas de peso como Calypso, Calcinha Preta, Limão com Mel, de maior representatividade nessa época do ano e cujos cachês são considerados altos, acima dos R\$ 50mil (Correio da Bahia, Poder, 21 de novembro de 2006, p. 01).

Essa declaração do Correio da Bahia, que faz parte do mesmo grupo da Rede Bahia de Televisão¹⁶, deixa claro o caráter político e de conflito entre as lideranças estaduais, pois Rosemberg estava em ascensão nesse período, com amplo diálogo com setores da educação, da cultura e movimentos sociais. Em 2008 assumiu a coordenação do gabinete da presidência da Petrobras, cargo ocupado por Sérgio Gabrielli.

A relação de Rosemberg com Macarani permaneceu próxima, com a iminência das eleições municipais de 2008 e o PT vinculado à elite política local, através de articulação com o grupo liderado pelo ex-prefeito Porto, com a candidatura de Paulo Lacerda (PT) a prefeito.

Com o sucesso da ampla coalizão, o protagonismo do PT nas eleições municipais de 2008 se perdeu após a vitória do prefeito Carlinhos e a sua mudança para o PMDB na ocasião comandado por Geddel Vieira Lima, então Ministro da Integração Nacional do governo Lula, e seu irmão o deputado federal Lúcio Vieira Lima.

Depois das eleições, o prefeito Carlinhos, assim como a elite política local, se afastou das lideranças petistas locais e estaduais, a exemplo de Rosemberg e do ex-deputado federal Geraldo Simões. Em trabalho monográfico, Ferraz (2018), faz uma análise da trajetória do PT em Macarani sobre esse episódio:

O PT foi conduzido como um partido emprestado para a elite política local, por meio do qual conseguiam permanecer com o domínio do poder macaraniense, a elite manteve a prática de adaptação aos seus interesses conforme o contexto que se encontrava (FERRAZ, 2018, p. 58).

¹⁶ É um jornal diário que circula na Bahia, tem uma plataforma digital de acesso gratuito. Foi fundado em 1978, por ACM. A empresa baiana de Jornalismo permanece sob a estrutura de poder ligada à família de ACM, faz parte de um conjunto de empresas de telecomunicação no estado, com rádios, TV afiliada à Rede Globo, Jornais impressos e plataformas digitais.

Rosemberg foi eleito deputado estadual em 2010 pelo PT, sendo reeleito em 2014 e 2018, com mais de 100 mil votos, tornando-se o mais bem votado na história do PT baiano. Atualmente é líder do governo na ALBA, voltando, assim, a se relacionar mais ativamente com Macarani e o PT local, em 2015.

No entanto, o PT local se encontrava nesse período com uma baixa participação e mobilização, era presidido por um poeta e escritor chamado Miguel Bonfim, que não conseguiu influenciar no jogo político, terminando seu mandato como presidente do PT em campo isolado desde as últimas eleições.

Com a cassação do ex-prefeito Carlinhos, em 2015, houve a manutenção do poder local desse grupo, com a vitória de Armando Porto e o apoio das lideranças Adilson e Zeneldo. No momento oportuno, o deputado Rosemberg comenta sobre essa passagem em sua relação com Macarani:

Quando Carlinhos foi cassado, nós vamos para um outro período, mas esse período que surge uma nova liderança na cidade, um médico Dr. Miller, e acaba se consolidando a uma alternativa na cidade, Armando faz um mandato tampão, e logo nesse mandato nós fomos lá fazer o apoio pela relação construída pelo campo pessoal, ele nunca havia me apoiado, mas nós fomos para essa caminhada, o PT foi junto nesse posicionamento, exercendo o mandato tampão.

E depois disputa com Miller em 2016, que vem a vencer as eleições, há uma nova cena política na cidade. Como ele também não faz parte desse agrupamento econômico, ele acaba ficando um pouco deslocado das relações políticas e demonstrou não saber construir uma nova elite política em torno dele, mas também como uma gestão muito questionada.

Depoimento de Rosemberg Pinto. 27/06/2021. 08h30min.

Com efeito, a fala do deputado revela sua relação com a elite política local historicamente ligadas ao *carlismo*, que compõe a maioria dos grupos das lideranças políticas em Macarani e tem traços característicos da cultura política tradicional. Mesmo em virtude da mudança com sua entrada no cenário, Miller se depara com a dinâmica associada à lógica histórica desse grupo geracional da elite política e econômica.

A esse respeito, o deputado Rosemberg prossegue numa fala representativa da sua participação na política local, das práticas políticas vigentes em Macarani, dos arranjos e composições em torno das lideranças que estruturam essas práticas para além das organizações partidárias:

Com isso, eu retorno à centralidade da política local, numa relação de junção dos dois grupos políticos para contrapor a candidatura do Miller, nós fizemos uma aliança para a disputa eleitoral de governo do Estado, deputado federal e deputado estadual, os dois grupos ligados a Nogueira e ligado a Armando se juntam, apoiando um candidato a deputado federal ligado a Nogueira, e o candidato deputado estadual que sou eu, representando esse agrupamento Adilson, Zeneldo e Armando.

Os candidatos do Miller acabam tendo uma votação menor que a minha e a do Ronaldo Carletto, o que consolida uma unidade para as eleições em 2020.

Depoimento de Rosemberg Pinto. 27/06/2021. 08h30min.

Rosemberg é um importante articulador na capital baiana, no segundo mandato assumiu a presidência da Comissão de Constituição e Justiça, uma das mais importantes na Assembleia, ampliando a atuação de seu mandato na Casa Legislativa da Bahia.

Em meados de 2018, em Macarani, conseguiu um feito um tanto inesperado para a população e para as lideranças: a união dos dois ex-prefeitos Nogueira e Armando Porto, por vezes declarados mais do que adversários políticos, historicamente, os dois foram ligados ao *carlismo*. Condicionou os “pactos sociais” na política local macaraniense para a chegada e manutenção do poder, obtendo êxito em ambas eleições como mostra o decorrer deste capítulo.

LULISMO X BOLSONARISMO EM MACARANI

A polarização nacional que ocorreu nas eleições de 2018 entre o movimento de extrema direita, com peso de massa, e o fenômeno do *lulismo*, mesmo que ainda com uma narrativa muito em torno do “antipetismo” configurou uma disputa eleitoral na campanha da nova política, no âmbito dos discursos da moralidade e da desinformação.

Muito trabalhos das Ciências Sociais no Brasil transferiram os processos nacionais para analisar as situações e os processos locais. Embora as políticas locais estejam conectadas em conjunturas nacionais e sejam influenciadas por esses contextos, para se compreender a política em nível local é preciso pôr em destaque os seus processos.

Nesse sentido, essa perspectiva se inscreve em uma linha de interpretação que busca se debruçar sobre o local, encontrando uma grande diversidade regional de situações, estruturas e dinâmicas que têm se apresentado, por vezes, controversas.

O fenômeno do *bolsonarismo* se encontra em construção assim como o do *lulismo*. Mas partir da perspectiva de Luiz Felipe Miguel é possível analisá-lo, especificamente com o livro “O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil”, uma coletânea de artigos de autores contemporâneos organizada por Esther Solano Gallego e publicada em 2018.

A singularidade da extrema direita brasileira conta com um contexto de ascensão desde a jornada de junho de 2013 e o processo que culminou no rearranjo do centro com a direita, no Golpe de 2016, contra a então presidenta Dilma Rousseff.

Miguel (2018) apresenta os três pilares da reformulação da direita no Brasil. O libertarianismo, que fundamenta o mercado como mediador da sociedade e de suas relações:

A ideologia libertariana, descendente da chamada “escola econômica austríaca” e influente em meios acadêmicos e ativistas dos Estados Unidos, prega o menor Estado possível e afirma que qualquer situação que nasça de mecanismos de mercado é justa por definição, por mais desigual que possa parecer. É rotulada ultraliberal, mas sua relação com o liberalismo clássico é tensa (MIGUEL, 2018, p. 19).

O segundo pilar da extrema direita brasileira e do *bolsonarismo* é o fundamentalismo religioso, que encontra maior adesão popular, servindo como um aparelho de controle ideológico. A construção da narrativa é da verdade absoluta, anulando a abertura para contestação:

O fundamentalismo se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate. Ativos na oposição ao direito ao aborto, a compreensões inclusivas da entidade familiar e a políticas de combate à homofobia, entre outros temas, os parlamentares fundamentalistas se aliam a diferentes forças conservadoras no Congresso e no Senado (MIGUEL, 2018, p. 21).

A emergência das igrejas neopentecostais no Brasil, e em particular em Macarani, conduz a organização política com o objetivo de representatividade em espaços eleitorais, como uma das maiores bancadas no Congresso Nacional, a “Bancada da Bíblia”, que comanda o sistema do conservadorismo cristão na política brasileira. Tendo, nos municípios do interior, uma base popular ampla, motivada, principalmente, pelas pautas do liberalismo econômico e dos valores da família tradicional brasileira.

O terceiro aspecto do *bolsonarismo*, a atualização do risco vermelho, a ressurgência do discurso do anticomunismo na sua mais nova corrente, o “bolivarianismo”:

A terceira vertente da direita radical recicla o anticomunismo, que parecia ultrapassado com o fim da Guerra Fria, mas ganhou na América Latina e no Brasil: a ameaça passou a ser o “bolivarianismo” venezuelano. A despeito do centrismo crescente de seu discurso e de suas práticas moderadas quando esteve no governo, o PT veio a ser apresentado como a encarnação do comunismo no Brasil. Gerando uma notável sobreposição entre anticomunismo e antipetismo (MIGUEL, 2018, p. 22).

Nessa perspectiva, tiveram um grande papel pela ascensão da extrema direita a aliança da elite burguesa, os militares, a grande mídia, os partidos de direita e extrema direita, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), os neopentecostais e alguns setores da inteligência norte-americana, representados pelo ex-presidente estadunidense Donald Trump.

Em plano local, a elite política macaraniense das últimas três décadas sempre esteve vinculada a setores conservadores da política baiana e nacional. Mesmo em momentos dos governos petistas na Bahia e no Brasil, essas lideranças fazem o jogo da política em busca de recursos dessas esferas e no interior da política local constroem seus mandatos pautados em práticas clientelistas.

A direita baiana ligada ao *carlismo*, hoje liderada pelo ex-prefeito de Salvador e o atual presidente do DEM nacional, ACM Neto¹⁷, está em ascendência na política nacional e cotada para a disputa das eleições para Governo do Estado em 2022. Em 2018, optou por

17 Neto de ACM é o herdeiro político de todo poderio do *carlismo*, foi deputado federal por três mandatos, e prefeito de Salvador por dois mandatos, conseguindo eleger a sucessão nas eleições de 2020. Bruno Reis (DEM), Neto constrói sua carreira com uma renovação na política, apostando algumas estratégias de cooptação de lideranças regionais e utilização do capital político de seu avô, da tradição carlista.

não se candidatar e o ex-prefeito de Feira de Santana, José Ronaldo¹⁸ (DEM) assumiu a candidatura de oposição ao governo petista, perdendo ainda no primeiro turno com 22,25%, para o governador Rui Costa (PT) com 75,50% dos votos válidos.

Nesse cenário, em 2018, a reeleição do governador Rui Costa (PT), sucessor de Jaques Wagner, não surpreendeu, pois era notável o potencial dos aliados nos médios e pequenos municípios, onde o perfil do eleitorado lulista se assemelhava ao nacional. Além do que, o governo do Estado soube interiorizar programas sociais e de infraestrutura, na medida em que reverteu a avaliação negativa do governo nas maiores cidades, sobretudo, na capital.

Pesou também a força de partidos de “carne e osso”, com máquinas organizativas muito bem-estruturadas em todo o Estado. A indicação na chapa de João Leão do Partido Progressista (PP) a vice e Ângelo Coronel do Partido Social Democrático (PSD), ao Senado, ladeado com Jaques Wagner do PT, não se deveu a nenhum elemento simbólico ou de carisma, mas ao protagonismo deles no cenário eleitoral baiano.

O PSD e o PP nas últimas eleições têm assumido um protagonismo no interior, conquistando prefeituras importantes. Em 2016 o PSD tinha 82 prefeitos, em 2020 saltou para 107 prefeituras, como Ilhéus, Itabuna, Alagoinhas, Santo Amaro, Paulo Afonso dentre outras. Já o PP baiano saiu de 57 em 2016 para 92 cidades em 2020 (UPB, 2021).

Em 23 de julho de 2019, houve uma polêmica¹⁹ entre o governador da Bahia Rui Costa (PT) e o presidente da República Jair Bolsonaro (sem partido), envolvendo a inauguração do Aeroporto Glauber Rocha de Vitória da Conquista²⁰ (Figura 19), que teve sua construção iniciada ainda nas gestões petistas e parte do recurso foi do governo estadual.

Mas a situação que causou o embate foi a declaração do presidente, vazada em reunião com o ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni (DEM), no dia 19/07 de 2019, que dizia “*dos governadores de paraíba, o pior era o do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB)*”. O áudio causou desconforto entre os líderes dos estados do Nordeste.

A inauguração feita pelo presidente Bolsonaro contou com a força de segurança do governo federal, visto que o governador Rui Costa vetou a Polícia Militar da Bahia de fazer a segurança do evento, ficando a cerimônia sob responsabilidade da equipe presidencial, não se fazendo presente o presidente da ALBA, Nelson Leal (PP). Paloma Rocha, a filha do cineasta homenageado, também não compareceu à inauguração.

18 Natural de Paripiranga - BA, é um político tradicional carlista, desde os anos de 1970, passou pela Arena e PDS, até PFL, hoje DEM, foi deputado estadual e federal e prefeito de Feira de Santana, a segunda maior cidade do Estado, por quatro mandatos. A candidata a vice-governadora na sua chapa em 2018, Mônica Bahia (PSDB), é médica e associada ao Movimento Brasil Livre - MBL.

19 O debate ficou entre declarações nas redes sociais e entrevistas. Bolsonaro solicitou ao cerimonial da presidência o evento com entorno de 300 pessoas convidadas. O governador Rui Costa pensou o evento para a população como um todo, nesse imbróglio o aeroporto teve a sua inauguração feita pelo prefeito Herzém Gusmão (MDB) e a cúpula da elite política regional, conforme Figura 19. Uma semana após, teve a visita do governador com o evento aberto à população.

Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apos-faltar-em-inauguracao-rui-visita-aeroporto-de-conquista/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

20 Vitória da Conquista é um município localizado a 509 km de Salvador, no sudoeste baiano, sua população, segundo o IBGE em 2020, era em torno de 340 mil habitantes, sendo a terceira maior cidade da Bahia, é considerada a capital regional que abrange as regiões do médio sudoeste, sudoeste, chapada diamantina e sertão da Ressaca e parte do Norte de Minas Gerais. Dados obtidos no gráfico disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama>. Acesso em: 25 de março de 2021.

Figura 19: Bolsonaro ladeado de ACM Neto e Herzem Gusmão na Inauguração do Aeroporto Glauber Rocha em Vitória da Conquista

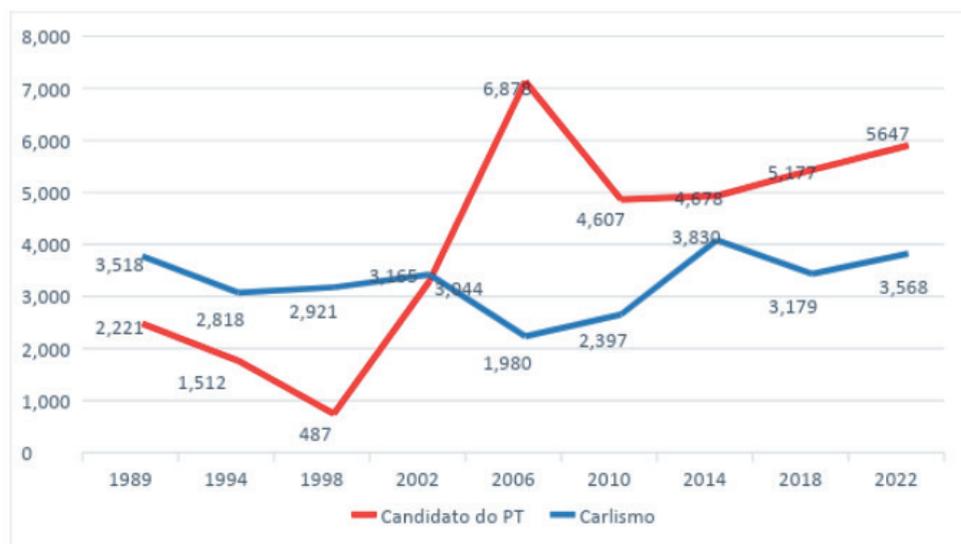


Fonte: Divulgação - Presidência da República.

Ademais, a votação do PT nas eleições presidenciais teve uma grande ascensão a partir de 2002, chegando em sua maior expressão eleitoral em 2006, na reeleição de Lula. Assim, desde 1989 ocorreu um crescimento na votação do PT em Macarani. Entretanto, foi a partir de 2002 que aconteceu a maior aprovação do partido da população local.

Esse crescimento foi articulado por vários processos, que deram início ao plano nacional, abrangendo o estado da Bahia e, posteriormente, o município. Logo, a eleição presidencial foi a primeira conexão do fortalecimento do *lulismo* em Macarani, que obteve uma escalada exponencial, como ilustra o Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Votos para Presidente em Macarani (1989-2022)²¹



Fonte: Elaborado com dados do TRE-BA.

É possível observar a curva em elevação desde 1989, com uns parênteses pela queda em 1998 na reeleição de FHC, que foi o período de maior exercício de poder de ACM no estado e no Brasil, liderança maior do PFL e aliado do então presidente. Ela se encontra com a do *carlismo* em 2002 e tem um recorde em 2006, quando o PT já governava no plano federal, no segundo mandato do ex-presidente Lula. A interpretação desse dado revela que o eleitor de Macarani começou a votar no PT depois que ele chegou ao poder, demonstrando, um conservadorismo político comum ao eleitorado do interior.

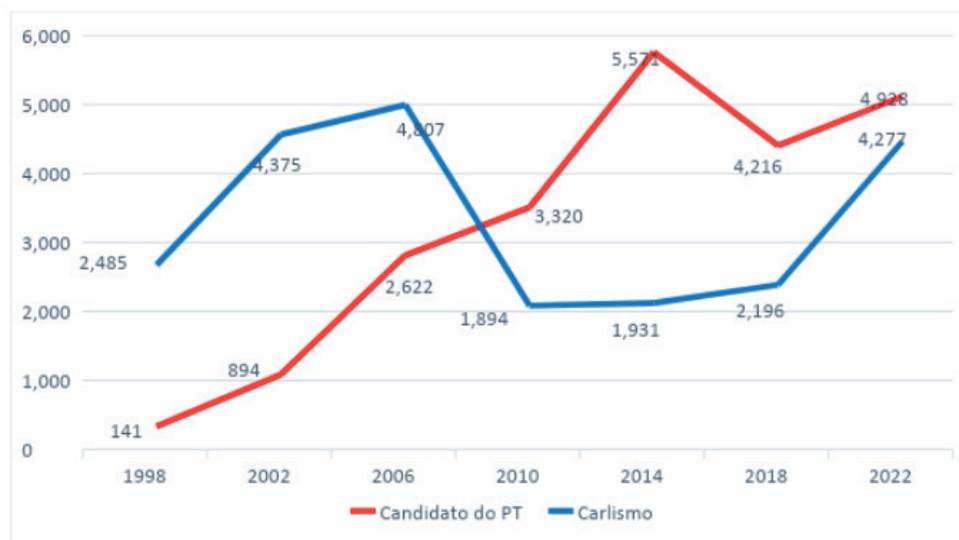
Nessa ocasião, o referido partido transferiu uma imagem de “extremismo” que gerava receio no eleitorado do interior, por uma aparência de representatividade do partido dos excluídos e mais carentes, transmitida pelos programas sociais, em especial o Bolsa Família, que, conforme indicadores do antigo Ministério de Desenvolvimento Social, em 2007 beneficiava 2.145 famílias e, atualmente, beneficia 2.580 famílias, sendo 7.620 pessoas diretamente beneficiadas pelo programa em Macarani²².

Portanto, existe a confluência de dois motivos decisivos: a figura do PT alinhada à gestão de Lula com os programas sociais e a ascensão do partido na política local. Com êxito, o fortalecimento desse panorama favorece o *lulismo*. O Gráfico 2 revela o contraste entre as trajetórias de voto dos candidatos do PT e do *carlismo* para governador nas eleições de Macarani:

21 Observando o resultado da eleição no segundo turno.

22 Dados de janeiro de 2007 com o número de famílias beneficiadas pelo Bolsa Família em Macarani, com valor médio de R\$ 155,63. O montante transferido pelo programa para Macarani nesse ano foi de R\$ 13.046.347,00. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagimrmps/bolsafamilia/relatorio-completo.html>.

Gráfico 2 – Votos para Governador em Macarani (1998-2022).



Fonte: Elaborado com dados do TRE-BA.

Um personagem natural de Macarani, que se mudou para Cachoeiro do Itapemirim, no Estado de Espírito Santo no final da década de 1980 é o pastor e ex-senador Magno Malta (PL), que iniciou sua carreira política em 1993 como vereador. Posteriormente, foi deputado estadual e em 2002 foi eleito senador, cargo que permaneceu até 2018.

Ligado aos setores mais conservadores da política brasileira, presidiu a CPI da Pedofilia no Senado. Durante sua trajetória política revelou várias controvérsias, sendo base de apoio dos governos de Lula, até o rompimento com a ex-presidenta Dilma, em 2018.

No primeiro discurso público do então presidente eleito Bolsonaro (PSL), ele fez uma oração, num processo até de espetacularização, revelando a concepção da chegada da direita no poder. Entretanto, Malta perdeu as eleições para o Senado e não obteve nenhum espaço no governo Bolsonaro.

Uma peculiaridade que permaneceu forte em todo o período estudado foi a relação de dependência das elites políticas locais com as lideranças políticas regionais e nacionais, que mantinham uma estrutura de controle de cargos estratégicos para a demonstração de poder local e para continuação do mando político.

Compreender a dinâmica política da sociedade macaraniense, tão multifacetada com redes e tramas complexas é um desafio. O próximo capítulo se desenvolve a partir da análise das eleições municipais de 2020, evidenciando como essas redes de relações se articulam e demonstram no tempo da política as suas estratégias e artimanhas de manutenção do poder local.

AS ELEIÇÕES DE 2020: OS IMPACTOS DA POLÍTICA ESTADUAL E NACIONAL NO CONTEXTO LOCAL

Nesta terceira parte, para análise dos *tempos da política* em Macarani, utilizo o instrumental desenvolvido por Pereira de Queiroz (1976), denominado de mandonismo local, em que os políticos procuram estabelecer relações próximas com seus eleitores. Busco elucidar as estratégias de organização política e de participação no âmbito local a partir da coleta de dados de campo, observando a realidade social no período das eleições municipais de 2020, que ocorreu de forma diferente devido à pandemia da COVID-19, com parte das manifestações comuns aos *tempos da política* proibidas pela Justiça Eleitoral. Assim, trago as interpretações que foram objeto de uma supervisão detalhada a partir da minha dupla participação enquanto pesquisador e ator político.

CARISMA E CRISE DE LIDERANÇA

Em 2020, a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) trouxe muitas mudanças nos hábitos e práticas da sociedade, o que se expandiu em todo o planeta vertiginosamente. Epidemias e pandemias não consistem somente em tendências epidemiológicas, como fenômenos críticos, mas evidenciam as estruturas das desigualdades sociais e econômicas, recompõem relações e também formam sujeitos, subjetividades e novas configurações de coexistência.

O coronavírus tem colocado em destaque as múltiplas facetas e as grandes perdas da humanidade devido à forma como a pandemia revela instabilidades nas situações de defesa social, de acesso à saúde e de inúmeros obstáculos econômicos como o alto índice de desemprego e a crise no mundo do trabalho. Esses vários aspectos de desigualdade social, racial e estrutural, principalmente os explícitos no propósito de negação que têm sido bandeiras de presidentes da direita radical, se refletem no Brasil.

Em 18 de março de 2020, data em que o vírus já se disseminava em vários estados e se interiorizava nas cidades médias, os decretos estaduais e municipais para conter o avanço da pandemia restringiram as atividades que tinham aglomeração de pessoas, classificando alguns serviços como essenciais. Nesse contexto, as eleições municipais, que estavam previstas para 04 de outubro, foram alteradas para 15 de novembro.

Na Bahia, os eventos políticos podiam ter até 100 pessoas e todas as medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) tiveram que ser adotadas: distanciamento social, uso obrigatório de máscara e álcool em gel. A Justiça Eleitoral no município, em comum acordo com os representantes das coligações que estavam em disputa nas eleições, permitiu três carreatas para cada coligação, que ocorreram em dias diferentes e houve também *lives* que aconteceram num formato de comício virtual, semanalmente alternando as temáticas apresentadas e os participantes.

Desse modo, a pandemia como experiência vivida fez se reinventarem os *tempos da política* “virtual”, num processo de mobilização inovador, no qual os meios de comunicação influenciam e indicam novos problemas e possibilidades de organização no período eleitoral, agora revelando as dimensões da disputa pelo poder e a adaptação dos atores políticos, candidatos, lideranças, cabos eleitorais e a sociedade macaraniense.

Com a morte do ex-prefeito Paulo Lacerda em 2018 e a rejeição das contas do ex-prefeito Armando Porto do PSD, em junho de 2020, que vinha liderando as pesquisas para o pleito municipal, houve em Macarani uma instabilidade entre as lideranças. Logo, Armando optou por lançar a sua esposa Selma Souto como pré-candidata a prefeita, ela já havia ocupado o cargo de secretária de desenvolvimento social na última gestão do marido e era reconhecida pelo seu carisma e prestígio pessoal, que para Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) é a principal base da construção de uma liderança.

Em junho de 2020, a Câmara de Vereadores votou favorável ao Parecer do Tribunal de Contas dos Municípios da Bahia (TCM), que decidiu pela rejeição das contas de Porto (PSD), relativas ao exercício de 2016. A sessão plenária se realizou via plataforma virtual do YouTube e foi marcada por embates entre os vereadores de oposição e situação, com a pauta dos discursos voltada para se seguir o parecer do órgão de fiscalização financeira e orçamentária.

Em momento oportuno, dois interlocutores falaram sobre o episódio da rejeição das contas de Porto: um vereador atual, que votou seguindo a indicação do TCM, e o outro, atualmente ex-vereador, mas que exercia mandato no legislativo e que votou contra a rejeição das contas de Porto.

O processo de rejeição de contas, seja de qualquer prefeito, eu vejo que o prefeito em Macarani já é eleito com as contas rejeitadas por conta de índice de pessoal, isso é fato, eu me coloco com uma posição seja o prefeito que for, se o único motivo da rejeição de contas for esse, meu voto na câmara vai ser favorável ao prefeito para não rejeição das contas por conta que eu sei que o índice de pessoal é muito alto aqui em Macarani, então para fazer isso tem que demitir, então isso aí eu não concordo, tem que ser de outras maneiras para conseguir ajustar isso, agora é (...) com a recomendação do Tribunal de Contas que é um órgão técnico né, que recomendou a rejeição por vários motivos, não só esse, inclusive com erros de aplicabilidade de índices constitucionais, de educação principalmente, isso foi uma falha terrível, por mais que ele quisesse justificar que o montante fosse pequeno, na verdade não foi ao meu ver, e outros fatores também que levaram a rejeição de contas, mas os dois principais foram esses, índice de pessoal e não aplicabilidade dos recursos constitucional da educação, a maioria da câmara acompanhou o parecer do Tribunal de Contas, por mais que muitos digam que o julgamento foi político, não foi, pelo menos por minha parte, não tenho problema nenhum com Armando, ou com outros ex-prefeitos, ou vice-prefeitos.

Depoimento concedido por interlocutor em 28/07/2021, 14h40min.

A fala do vereador que votou a favor da rejeição das contas de Porto revela o contexto complexo de sua gestão e do malabarismo político que se mistura com a administração pública na política local. Outro interlocutor, também vereador no momento da audiência do julgamento das contas, falou sobre o seu voto e a sua interpretação sobre o processo de acareação do relatório do TCM e no legislativo municipal:

Na oportunidade as contas foram para a Câmara, foram analisadas, foi mandado para as comissões competentes para analisar, formar parecer e conseqüentemente levar ao plenário para a votação, o ex-prefeito apresentou suas defesas né, e foi fazer sua defesa presencial, fato que aconteceu histórico em Macarani, pela primeira vez foi fazer sua defesa pessoalmente.

Na votação ficou confirmado, obviamente, um traço ainda muito forte de uma votação política na minha visão, é (...) na oportunidade me posicionei a favor da aprovação das contas do ex-gestor Armando, porque eu procurei estudar o processo e vi que realmente estava me posicionando contra um parecer técnico do TCM, porém né, eu coloquei muito em questão da vivência popular quesitos que foram pontuados, eu concluí em minha análise técnica e de vivência, que eram passivas de apenas multas, como geralmente é procedida em muitos casos.

Subentende-se que foi uma decisão praticamente política, é o que na verdade a Câmara decide, eu acho um pouco contraditório que acaba pesando na idoneidade do resultado, enquanto for decisão política na Câmara vão ter decisões justas e outras não.

Depoimento concedido por interlocutor em 01/04/2021, 09h00min.

Diante do processo de julgamento de contas de Porto fica evidente que há de se concretizarem as garantias do processo em geral, com a decisão política da Câmara de Vereadores, seja pela aprovação ou pela reprovação, se encerrando o processo de prestação de contas dele como prefeito do mandato suplementar de outubro de 2015 a dezembro de 2016, com as peculiaridades de ilegitimidade do mandatário por oito anos por crime de responsabilidade fiscal.

Após a confirmação da rejeição, o nome que indicava uma vantagem na corrida eleitoral era o do pecuarista Zeneldo Matos, que se filiou ao Partido Liberal (PL) naquele mesmo ano, a convite do deputado federal José Rocha¹ que foi o candidato apoiado pelo prefeito Miller (MDB) nas eleições de 2018. Em 2019, com a ruptura do PL com o prefeito, houve a aproximação do partido com o grupo liderado por Zeneldo e Adilson, com a filiação de vereadores e algumas lideranças ligadas a ele.

A gestão de Miller foi marcada por polêmicas envolvendo os servidores públicos municipais da educação, porque ele não fazia os repasses dos empréstimos dos funcionários junto à Caixa Econômica Federal, provocando a inadimplência dos servidores², além de

1 Médico, ex-presidente do Esporte Clube Vitória, e exerce seu sexto mandato consecutivo como deputado federal, foi deputado estadual pelo ARENA, partido de base de apoio ao regime militar na década de 1970, posteriormente PDS no período de transição democrática 1980-1985, até se filiar ao PFL do qual manteve uma relação próxima com ACM, até 2007, migrando para o PL.

2 Informações sobre a denúncia. Disponível em: <https://www.tcm.ba.gov.br/irce-municipio-category/vitoria-da-conquista/page/3/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

atrasar de três a quatro meses no pagamento de salários dos servidores contratados como relatado a seguir pelos interlocutores:

Miller veio como uma pessoa nova que fugia dos padrões políticos de Macarani, ele veio como esperança, aquela esperança de melhorar, um novo tempo como era até o slogan dele, com essa esperança as pessoas acenderam a chama de lutas e se colocaram a favor de defender a bandeira de um médico, "Agora é o Doutor".

Creio que foi o governo mais desastroso, mais imponente, foi tão ruim que sequer teve apoio do próprio partido para se candidatar à reeleição, algo inédito na cidade. A imagem dele nas eleições ficou tão queimada que qualquer político que se associasse a ele, seria algo pejorativo, estaria tão ruim que retirasse o voto daquele político, e foi o que aconteceu.

Foram quatro anos de muitas lutas, muitas manifestações, inclusive na reta final, manifestações até mais incisivas, não foi de um grupo de pessoas, foi de uma cidade inteira que eu sempre digo que Macarani é um prostíbulo político, que aqui o político é feito através da necessidade do outro, o corrupto e o corruptor.

Depoimento concedido por interlocutora em 19/04/2021, 10h00min

Em outra fala, há aquele que demonstrou uma visão das expectativas da população:

Houve dificuldades muito grande no decorrer do mandato de Miller, tomando um rumo diferente que a população almejava, que era o desenvolvimento de nossa cidade, como se deu isso? Atraso de salários, isso não podemos admitir de forma alguma, uma gestão descompromissada com o andamento correto dos serviços públicos. Sem concluir obras que foram iniciadas e outras coisas.

Depoimento concedido por interlocutor em 25/06/2021, 19h00min

Nesse cenário, o ex-prefeito Carlinhos que preside o MDB em Macarani, buscou a articulação de Marlon Sousa (MDB), atual presidente da Câmara de Vereadores, e do vereador Glauber Costa (PDT) para formar uma chapa majoritária com Marlon candidato a prefeito e Glauber a vice-prefeito, obtendo o apoio da ampla maioria dos vereadores, sete dos onze da legislatura (2017-2020), dos partidos Republicanos, Patriota e MDB.

Após o rompimento com o grupo de Porto (PSD) e de Zeneldo Matos (PL), Nogueira decidiu lançar a sua candidatura a prefeito, com o candidato a vice-prefeito Jaime Lacerda também do Partido Progressistas (PP), popularmente conhecido como Jaiminho. Ele é agrônomo, empresário e filho do ex-prefeito Paulo Lacerda, participa pela primeira vez de uma eleição concorrendo a cargo eletivo e foi secretário na última gestão de Porto (2015-2016).

O pecuarista Dete Bahia, que sempre participou ativamente da política em Macarani, fazendo parte do grupo liderado por Porto, decidiu lançar sua candidatura a prefeito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em âmbito estadual obteve apoio do deputado federal Benito Gama e encontro com o presidente nacional da sigla, Roberto Jefferson³, este

³ Advogado, e com herança política, foi deputado federal por cinco mandatos consecutivos, até a sua cassação por envolvimento com o escândalo de corrupção do primeiro governo de Lula, em 2005, o "mensalão", que foi a instauração

gravou vídeo em apoio à sua candidatura. Adquiriu apoio de algumas lideranças locais, como o ex-vice-prefeito e médico Jaime Baltazar, além de alguns comerciantes. O seu discurso foi pautado em temas ligados ao *Bolsonarismo*, alinhando-se, assim, as ideias a partir de um posicionamento político mais conservador.

O professor de ensino médio do município Rubens Sousa, pela segunda vez, saiu candidato a prefeito pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Ele iniciou sua carreira política sem muita expressão, as limitações que se apresentam na sua candidatura de maior engajamento e participação da população se dão, como relatado por um eleitor, pela “falta de estrutura econômica” e pela falta de “padrinho”, por isso não conseguiu se tornar uma liderança com mais representatividade.

A disputa eleitoral asseverou essa crise de representação política local. Mesmo com novos nomes postulantes aos cargos do executivo e legislativo municipal, as referências restritas a políticos tradicionais, bem como a imagem dessas lideranças delineiam uma linguagem política que é expressa nos *tempos da política* e se organizam numa lógica personalista de um sistema complexo de relações de poder, baseados nas redes sociais que vinculam indivíduos e instituições.

O PT, em processo de reconstrução, esteve ainda com pouca mobilização e ligado à articulação feita pelo deputado Rosemberg, junto ao grupo de Adilson Passos, Zeneldo e Porto. Em meio às movimentações na política local, Nilson Almeida, filiado histórico do PT, comerciante e pecuarista tradicional, foi convidado a participar como candidato a vice-prefeito da chapa de Dete Bahia (PTB). Contudo, a direção do partido indicou a participação da coligação “Nossa Força é o Trabalho” compondo o grupo dos partidos PSD, PT, PL e Rede, que teve Selma Souto com candidata a prefeita (PSD) e Elson Evangelista a vice-prefeito (PL).

Nesse mesmo contexto, surgiu uma situação com o ex-vereador do Partido Verde (PV), Ernaldo Anjos, um filiado recém-chegado ao PT, que foi secretário de transportes durante a gestão de Miller (MDB) e se filiou ao PT em fevereiro de 2020, com seu irmão e alguns agricultores familiares, a princípio no intuito de se candidatar a vereador. No entanto, já no processo pré-eleitoral, ele anunciou a desistência da sua pré-candidatura a vereador e buscou, mas sem sucesso, articular uma possível pré-candidatura a prefeito, junto à direção do PT. Logo, o partido em processo de reorganização optou por apoiar a candidatura de Selma Souto (PSD).

Além disso, a mudança no perfil das lideranças políticas em Macarani, em particular dos prefeitos, que são as mais importantes, tem provocado um distanciamento na população. Mesmo entre os que se enquadram no perfil “carismático”, como no caso de Selma, se observa que a relação com a população se dá através de uma ação assistencial diferente

de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), Roberto Jefferson foi alvo de denúncias, envolveu-se no escândalo dos Correios, que houve desvio de dinheiro público e fraude em licitações. Atualmente ele é ligado ao presidente Jair Bolsonaro (sem partido), com possibilidade de filiação ao seu partido, PTB.

dos líderes mais antigos, que estavam conectados por uma rede de “apadrinhamento” e outras relações.

Assim, o tipo de carisma utilizado diverge da concepção clássica de Weber e se associa à ideia de “messias” do sertanejo pesquisado por Maria Isaura Pereira de Queiroz em Santa Brígida no sertão baiano. Ao estudar a liderança posta pelo beato Pedro Batista nessa cidade, Queiroz (1973) assinala que ali o carisma é o eixo da restauração da ordem social, entendida como ausente ou perdida, e não do novo.

Baseada no prestígio pessoal alcançado com sua participação como secretária de Assistência Social, a candidata a prefeita Selma Souto (PSD) exerceu seu carisma com uma perspectiva restauradora uma vez que se colocava em contraponto ao seu antecessor, Miller Ferraz (MDB), e apontava para um retorno à tradição, como referência ao seu companheiro Armando Porto.

O PT retornou ao campo político em Macarani depois de duas eleições sem lançar candidaturas a vereança, apresentou dois nomes jovens que, por serem pouco conhecidos por parte da população, obtiveram um número significativo de votos, acumulando capital político, com destaque nas suas falas em *lives* e programas de rádio.

O desafio do duplo lugar de fala que ocupo - pesquisador e candidato a vereador do PT em Macarani - trouxe uma oportunidade para o desenvolvimento da pesquisa, em diferentes perspectivas, possibilitando um contato mais próximo com os interlocutores, mas sempre com alternativa para obter o distanciamento exigido no processo de investigação.

TEMPO DA POLÍTICA: OS ATORES EM AÇÃO

O momento da eleição na concepção do eleitor não é visto como o de escolha do melhor administrador, mas como a hora da barganha ou da reciprocidade de dons ou de favores por meio do voto. Uma vez que o eleitor vota no candidato do mando local porque já recebeu um benefício ou porque espera recebê-lo, sendo o voto, portanto, um bem de troca, que não é inconsciente e resulta de uma lógica racional do eleitor. Logo, o chamado “voto de cabresto” visa à obtenção de algum benefício.

Foi possível analisar essa perspectiva na temporalidade dos períodos eleitorais pesquisados em 2018 e 2020, nos trabalhos coordenados por Goldman e Palmeira (1996), que apreenderam a categoria social *tempo da política* ou *tempo das eleições* e que são cruciais para a interpretação dos processos e das práticas políticas vigentes em Macarani. Assim, mesmo que esteja em processo de trabalho de campo, foi no *tempo da política* que pude melhor compreender as dinâmicas políticas existentes, dado que nesse período os moradores se dispõem a conversar sobre tais questões.

A corrida eleitoral deu início já na pré-campanha nas mobilizações para as convenções partidárias, que decidem e oficializam ao público as candidaturas ao cargo de prefeito(a), vice-prefeito(a), vereadores e vereadoras. O partido progressista (PP)

efetivou a candidatura de Nogueira a prefeito e, a vice, Jaime Lacerda, que já comunicou a renúncia da sua pré-candidatura caso a articulação com o ex-prefeito Carlinhos (MDB) se concretizasse.

De acordo com a fala de Nogueira:

Antes de iniciar minha fala, quero fazer um esclarecimento, existe uma possibilidade do MDB, capitaneado pelo ex-prefeito Antônio Carlos o popular Carlinhos, existe a possibilidade do prefeito Miller Ferraz apoiar a nossa chapa, acontece que a gente tem que ficar preparado, se ele não apoiar a chapa completa, eles podem querer apresentar um candidato a vice-prefeito que por sinal eu acho até justo, duas lideranças políticas como Carlinhos e Miller apoiarem a nossa candidatura, evidentemente que eles vão querer um parceiro deles ao nosso lado.

Jaiminho tá sabendo muito bem disso. Há muito tempo nós vimos conversando sobre isso, ele está disposto, se for o caso para o bem da nossa vitória, para bem de Macarani, renunciar ao cargo que ele está concorrendo hoje para que a gente possa então fazer uma coligação com Carlinhos e o prefeito Miller Ferraz. Portanto, fica aqui muito bem esclarecido.

Nogueira em discurso na Convenção do PP, dia 11 de setembro de 2020 (*Live nas redes sociais do candidato*).

A população reagiu de forma negativa ao seu posicionamento, pela própria oposição que o grupo fazia ao prefeito Miller Ferraz, com declarações nas mídias locais e a união com o grupo de Porto nas eleições de 2018. Contudo, os correligionários do seu grupo seguiram a ideia de união entre as lideranças que fortaleceria a candidatura de Nogueira e aumentaria a possibilidade de êxito nas eleições.

A cidade nesse período já se encontrava num palco de disputas, de articulações e negociações que convergia diversos grupos com pontos de vista distintos. Ainda que Macarani estivesse em crise de liderança política e de representatividade, a ação do eleitor obtinha visibilidade quando introduzidas novas maneiras de sociabilidade em procura da conquista do apoio e do voto, elementos que revelam como as alianças realizadas na esfera da política preparam as circunstâncias de constituir a relação entre os estímulos e vínculos de confiança.

Após a convenção dos Progressistas (PP), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), liderado pelo pecuarista Dete Bahia, realizou sua convenção no dia 14 de setembro de 2020, mas até então estava incerto quem iria fazer a composição da sua chapa como a pré-candidatura a vice-prefeito. Houve especulações e a tentativa do empresário Roberto Botelho (PL) de cooptar o presidente do seu partido, Abraão Lacerda, que já tinha definido o posicionamento do PL em apoio à candidatura de Selma Souto (PSD) e a indicação de Elson Evangelista à candidatura de vice-prefeito da ampla coalizão partidária.

No final da convenção foi debatida e decidida a escolha de Nilton Paixão (PTB), ex-vereador pela mesma sigla em 2009-2012, que se encontrava afastado da política desde então, no entanto, retornou para o grupo que ainda estava em formação com algumas

lideranças locais, sem capacidade de aglutinação da grande massa. Com efeito, o PTB teve o registro de nove candidaturas para a Câmara Municipal, com lideranças como Sérgio Enfermeiro e o policial militar Yedo, que já no decorrer da campanha, declarou apoio à candidatura de Selma.

Figura 20: Convenção do PTB, Dete Bahia, Paixão e direção municipal do partido



Fonte: Blog Revista Geral Bahia – Antônio Araújo

Após alguns meses de indecisão do MDB sobre a formação da chapa majoritária que iria disputar as eleições em 2020, o veto feito pelo ex-prefeito Carlinhos à candidatura à reeleição do prefeito Miller Ferraz, algo que fragilizou a estrutura que fazia parte da gestão atual, causando uma ruptura na coalizão do grupo situacionista.

A convenção realizada na Câmara de Vereadores no dia 15 de setembro foi recebida como surpresa pela população, visto que as pré-candidaturas de Marlon (MDB) e Glauber (PDT) foram lançadas na semana das convenções, pelo imbróglie político-partidário no MDB, que era presidido pelo ex-prefeito Carlinhos e era um grupo governista com ampla maioria na Câmara em pleno mandato do prefeito Miller (MDB).

Também transmitido pela plataforma digital do YouTube, a cerimônia de lançamentos das candidaturas foi marcada por um discurso inflamado do pré-candidato a vice-prefeito Glauber e do ex-prefeito Carlinhos, conforme Figura 21, em falas muito direcionadas ao passado popular e humilde de Marlon, às suas conquistas como a eleição e reeleição para vereador e à presidência da Câmara de vereadores. A Glauber coube resgatar o nome de familiares que já foram ligados à política local em meados de 1980.

Figura 21: Carlinhos, ao lado esquerdo Marlon, do lado direito Glauber e prefeito Miller Ferraz, nas convenções do MDB e Republicanos - Eleições 2020



Fonte: Fotografia cedida por interlocutor.

O discurso acanhado de Marlon seguiu a mesma narrativa de enfatizar em sua biografia de origem humilde a busca da condição necessária para a identificação do perfil de eleitor mais simples, que representa a grande maioria do eleitorado local. Mas ficam claras as suas limitações por não ter uma fala mais eloquente ou uma retórica mais carismática que garantisse o desfecho que o grupo buscava com a sua candidatura, num contexto bastante desfavorável às suas lideranças.

O anúncio de um acordo quase acertado com o grupo de Nogueira, com a indicação de Marlon e Glauber, teve baixa adesão por parte da população, inviabilizando a continuidade da candidatura. Em meio aos boatos e fofocas espalhadas em grupos de WhatsApp, circulou em toda a cidade um áudio gravado por Marlon, no qual ele retira a sua pré-candidatura a prefeito, colocando-se como candidato à reeleição para vereador.

No dia posterior ocorreu a convenção do grupo liderado pelo MDB. No dia 16 de setembro foram realizadas as da coligação Nossa Força é o Trabalho (PSD, PT, PL, Rede), no Parque de Exposições Zé Caixeiro, oficializando a candidatura da professora Selma Souto (PSD), do comerciante e pastor Elson Evangelista (PL) como vice-prefeito e as candidaturas dos vereadores e vereadoras do grupo PSD, PT e PL.

O encontro foi realizado durante manhã e tarde de uma quarta-feira ensolarada, com uma estrutura mais robusta que as demais convenções, com toldos, banners, ornamentação, buffet, equipes de comunicação, além de profissionais da saúde na verificação dos protocolos indicados como aferir temperatura, exigir o uso de máscara e de álcool em gel e manter o distanciamento social para a realização de eventos de até 200 pessoas.

A parte inicial do evento contou com o discurso breve dos presidentes dos partidos que fazem parte da coligação: o ex-prefeito Porto (PSD), a professora Rosângela (PT), o comerciante Abraão Lacerda (PL) e Manfrine (Rede). O ex-deputado estadual Heraldo Rocha⁴ (DEM), que no início de 2020 teve seu nome até especulado⁵ como pré-candidato a prefeito de Macarani, também fez parte do palanque ao lado dos presidentes partidários, conforme Figura 22.

Ele fez uma fala em apoio à candidata Selma e relembrou a sua relação com a cidade, com Porto e com os pecuaristas Zeneldo (PL) e Adilson Passos. Adversário histórico do PT, criticou a gestão do governador petista Rui Costa, fazendo referência à estrada que liga Macarani a Itapetinga (BA-130), que se encontra em condições ruins.

As contradições das lideranças, que originariamente surgiram do Carlismo, e as lideranças do PT se convergem em interesses políticos que parecem ser maiores, o equilíbrio do jogo político em Macarani se revela em situações como essa descrita. A narrativa do “Juntos somos mais fortes” em meio à maioria das falas demonstra a união de agremiações até então “antagônicas” em perspectiva de construção política.

A convenção contou com a participação de lideranças partidárias, comerciantes, pecuaristas e pessoas de mais visibilidade como médicos, artistas, advogados, professores e os possíveis eleitores. A maioria tinha vínculos permanentes com as agremiações políticas, sobretudo, os provedores da prefeitura ou os que já faziam parte da estrutura social de ocupação de cargos políticos.

4 Médico, formado pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, natural de Itaperuna – RJ, mudou-se para a capital baiana no início dos anos de 1960 e se ingressou na política como deputado estadual em 1990 pelo Partido da Frente Liberal - PFL, atual DEM. Foi reeleito por mais quatro mandatos, sendo que em 1995 licenciou-se para assumir o cargo de Secretário de Estado de Trabalho e Ação Social no governo de ACM. Ele sempre teve uma relação política e de amizade muito próxima com Porto, sempre apoiado e apoiando as suas candidaturas. Após a vitória de Jaques Wagner (PT) em 2006 para governo do Estado, Heraldo Rocha foi líder do DEM na Assembleia Legislativa da Bahia – ALBA.

5 Isso se deve à sua saída da presidência municipal do DEM de Salvador, cargo que ocupava desde 2012. A sua relação com Macarani e as suas lideranças tiveram início nos anos de 1990. Em declarações a sites regionais, Rocha diz que colocou o nome à disposição e vai atuar mais fortemente na cidade. Disponível em: <https://politicalivre.com.br/2020/02/heraldo-rocha-deixa-presidencia-municipal-do-dem-para-disputar-prefeitura-de-macarani/#gsc.tab=0>. Acesso em 21 de agosto de 2021..

Figura 22: Heraldo Rocha e presidentes dos partidos da coligação nas eleições de 2020



Fonte: Fotógrafo André Nascimento

Tinha-se, portanto, um cenário em que o poder das oligarquias locais em aliança, a influência de lideranças estaduais como Heraldo Rocha (DEM), foi providencial para a manutenção do mandonismo local. Da mesma maneira, a união das três lideranças que se articularam em torno da candidatura de Nogueira (PP), que repetiu o cenário das eleições de 2016, mudando-se pouco em relação a algumas lideranças políticas locais que sempre migram de agremiação a depender da conjuntura que se apresenta.

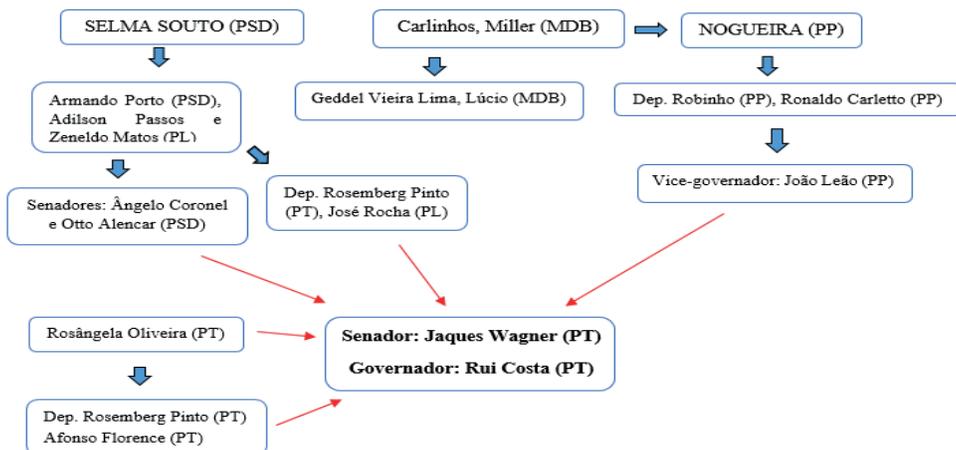
Além disso, as “feridas” entre os partidos e lideranças que se uniram em torno da candidatura de Selma não pareciam ter sido curadas. Como Ferraz (2018) destaca nos conflitos históricos do início dos anos 2000 do PT, com essas lideranças de origens ligadas ao *Carlismo*, a exemplo de uma denúncia feita pela direção do PT contra o então prefeito Porto em 2003, na época filiado do PFL (atual DEM):

Quando Jaques Wagner assumiu o ministério do Trabalho e Emprego, em uma visita à cidade de Itororó foi entregue a ele pela direção do PT, a denúncia em dossiê de que os garis em Macarani recebiam meio salário mínimo. Mas esta situação foi resolvida a partir de formalização de denúncia por liderança do partido, ao Ministério Público Estadual da Bahia. O prefeito se afastou e o vice-prefeito Paulo Lacerda assumiu (FERRAZ, 2018, p. 40).

Nesse sentido, a relação que sempre foi de embates políticos iniciou uma aliança em 2016, que teve uma maior aproximação nas eleições de 2018, conforme capítulo anterior. Podemos perceber que a política em Macarani é feita através de grandes acordos, especialmente depois da chegada do PT ao poder estadual e a sua hegemonia há 15 anos.

Essa elite política local busca uma relação mais harmônica com as lideranças petistas em prol de uma articulação no plano estadual mais vinculada aos interesses de seu grupo político, como demonstra a Figura 23.

Figura 23: Rede social parcial da elite política local e suas vinculações estaduais



Fonte: Elaborada por Gabriel de Oliveira Ferraz a partir de trabalho de campo, 2020.

Assim, as convenções partidárias deliberam o registro das candidaturas, a união dos grupos que participarão das eleições e dão início à transição para os tempos da política. Todas as convenções tiveram bastante queima de fogos de artifício e alguns jingles. Mas devido à mudança na legislação eleitoral não foi permitida a exibição dos jingles ou de material que divulgasse os números das candidaturas. A lei nº 13.165/2015, conhecida como reforma eleitoral 2015, diminuiu o tempo de campanha de 90 para 45 dias, o período de propaganda no rádio e na TV também diminuiu de 45 para 35 dias, começando apenas no dia 26 de setembro a ampla divulgação.

Figura 24: Direção do PT, e ao centro Selma e Porto nas convenções partidárias



Fonte: Fotografia - André Nascimento

A coalizão que houve entre os partidos PSD, PL, PT e Rede foram confirmadas nas convenções partidárias. Na Figura 24 está a direção do PT com a candidata a vereadora Lidiane Nascimento e a minha participação como candidato a vereador e pesquisador, ao centro da imagem a candidata a prefeita Selma (PSD) e o ex-prefeito Porto.

Quando o termômetro da corrida eleitoral deu início, cada facção demonstrava o nível de adesão de lideranças e grupos políticos importantes no seu ponto de partida. Em um áudio gravado para grupos de WhatsApp, uma eleitora expressou a sua animosidade nos *tempos da política*:

Sinceramente o pior cego é aquele que tá vendo e não quer enxergar, vamos focar na visibilidade aí, não adianta se enganar. A convenção dela alguém passou lá, vota em Nogueira e me falou aqui em casa, estava superlotado, tinha muita gente, vamos ser franco e ser real, ela cresceu muito, as coisas deles lá vocês sabem que são tudo organizado, diz que tá até fazendo transmissão ao vivo e trouxe produtor de fora, o pau tá quebrando.

Áudio gravado por eleitora e reproduzido em grupos de WhatsApp, dia 16 de setembro de 2020, 21h54min.

Dado o início da campanha, o ambiente da política vai ocupando o cotidiano da cidade, logo, a população vai se habituando até alcançar uma conjuntura em que a política já mudou a sua dinâmica social. A partir de então, o comércio local, bares, lojas, templos religiosos e as agremiações políticas de um candidato se reúnem para confidenciar informações, entretanto, outros candidatos são desconsiderados e afrontados. Os eleitores começam a visitar os comitês em busca de propagandas, adesivos e “santinhos” para manifestarem o seu apoio, enquanto os donos de empresas começam a pressionar os seus empregados para seguir com o candidato que é compatível com seus interesses.

Os grupos políticos dispuseram de uma grande participação através das mídias sociais, principalmente o Facebook, Instagram e o WhatsApp, que se tornaram vias de manifestações de vários eleitores, constituindo um grande espaço paralelo que retrata e influencia os acontecimentos vivenciados na rua. Essas mídias intensificaram as focos, o acirramento dos conflitos e insultos e impulsionou as pessoas que tinham a função de verificar e combater as publicações dos adversários, potencializando, assim, uma maneira de envolvimento da população que sempre teve uma atuação mais limitada na internet.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM MACARANI 2020: A CONFIGURAÇÃO DO PODER EM DISPUTA

Num contexto diferente, alguns arranjos permearam as eleições municipais de 2020, especialmente pelo impacto do avanço da pandemia da COVID-19, que inviabilizou as grandes aglomerações, comuns no *tempo da política*, e foi um dos desafios postos para esse período de trabalho de campo.

Para apreender propriamente o sentido de uma eleição, é indispensável transpor o exame das trajetórias individuais dos candidatos, procurar mapear as redes sociais que os rodeiam e os sustentam, é necessário, ainda, buscar no sentido simbólico como se alicerçam as relações de apoio e solidariedade.

Para além da escolha entre um candidato progressista ou conservador, ou de direita ou de esquerda, se trata de buscar suas microrrelações, suas relações com lideranças, os contatos que estabelecem com autoridades, o modo como se fazem circular representantes da intelectualidade, do meio artístico até chegar ao cidadão comum.

Esses aspectos, mais do que qualquer outros, são os que “têm permitido discutir a multiplicidade de percepções e valores associados à prática política” (KUSCHNIR, 2007, p. 36), considerando que “os parlamentares atuam também como mediadores fundamentais entre diferentes níveis de cultura, servindo como tradutores e agentes entre os valores, projetos e dramas da população, de um modo geral, e as esferas constituídas do poder público” (KUSCHNIR, 2007, p. 37-38).

Dessa forma o candidato atualiza, por uma relação de reciprocidade, seu compromisso com a população que o retribui pelos favores pessoais com o voto para que ele se mantenha no cargo público. Para Queiroz (1976), em seu estudo sobre mandonismo local,

a importância das relações pessoais comprova que o eleitorado (que não é um eleitorado subordinado a alguém, do ponto de vista do trabalho, e sim um eleitorado livre economicamente) tem possibilidade de escolha. Por outro lado, ficou também patente que além das qualidades pessoais, todo um sistema de dom e contra-dom (para empregar a expressão de Marcel Mauss) estava em jogo. Enquanto as relações pessoais envolvem a afetividade na determinação do voto, o sistema de dom e contra-dom implica já o raciocínio, o peso de vantagens e desvantagens, a escolha (QUEIROZ, 1976, p. 168).

Importante ressaltar a vinculação local com os líderes regionais no caso de Nogueira, o presidente estadual do seu partido, João Leão (PP), vice-governador do estado. No caso de Selma Souto, a relação próxima com o senador e presidente estadual do PSD, Otto Alencar que também faz parte da base aliada do governo Rui Costa (PT).

As mudanças mais perceptíveis constatadas nessa eleição dizem respeito à atuação das instituições nesse período. Há planos diferentes de autonomia para as instituições federais, estaduais e municipais, assim como quando vinculadas ao poder legislativo ou poder executivo em paralelo ao judiciário.

O ensino municipal, a exemplo das creches e escolas, é propício a ser contagiado pela atmosfera eleitoral, uma vez que as direções estão ligadas propriamente ao prefeito Miller Ferraz (MDB) que é uma importante liderança política, apesar do contexto de sua gestão em baixa popularidade.

Por certo, nas eleições um ambiente de “hostilidade” se instaura entre os professores, funcionários e a diretoria que são vinculados ao grupo opositor. Como se verificou em 2020, a maioria das direções que são do grupo da situação viraram “correligionários” do candidato Nogueira (PP), fazendo campanha junto a outros funcionários nas visitas às famílias dos alunos e no envolvimento das atribuições de campanha, sendo mecanismos de controle e manutenção de poder e *status quo*.

O Promotor de Justiça, a Juíza da Comarca de Macarani, Dra. Giselle de Fátima, os partidos e as coligações se reuniram para estabelecer os limites da propaganda no período eleitoral. Os participantes dos termos de ajustamento de conduta eleitoral (TAC) definiram a divisão e o sorteio de três carreatas a serem realizadas em dias diferentes por cada grupo, seguindo as normas de segurança, ficando limitados o corpo a corpo, as carreatas, a propaganda em rádio/TV e mídias digitais.

O acordo vigorou no decorrer da campanha com registro de algumas ocorrências, como na primeira carreata de Selma Souto, que teve seu tráfego impedido por apoiadores do grupo de Nogueira, como relatado por interlocutores:

Reunião com Ministério Público, presidentes de partidos, jornalistas, eleitores e quem quisesse participar também. O que praticamente foi vedado nessa campanha, os comícios, e também tudo que fosse presencial, foi permitida a carreata porque aparentemente as pessoas estavam nos carros e saiam com a distância social permitida. Só que não foi bem assim que estava acontecendo, porque as pessoas antes e depois da carreata acabavam se reunindo, mas de qualquer forma nós fizemos aqui um acordo entre as partes, entre o Ministério Público e justamente o que sempre acontece nas eleições, o TSE foi muito brando, o TRE também, deixando muito a cargo do Juiz,

Depoimento concedido pela Juíza Eleitoral da Comarca de Macarani: Dra. Giselle de Fátima. Em 19 de agosto de 2021, às 15h.

No dia seguinte, a equipe jurídica da coligação de Selma entregou o relatório com o pedido de cancelamento da carreata de Nogueira, que já estava preparada para sair do local de concentração. Em momento oportuno de trabalho de campo, a juíza da zona eleitoral Dra. Giselle de Fátima falou sobre o acontecimento:

Realmente tiveram alguns incidentes, a primeira carreata de Selma, o outro grupo, de Nogueira, alguns simpatizantes dele, fizeram um movimento paralelo com paredão e tudo, no dia em que tinha combinado em que ele não poderia fazer, isso nunca tinha acontecido aqui, inclusive com violência, pulava na frente dos carros, tirava bandeiras, faziam gestos obscenos. Então foi um pouco complicado essa primeira carreata da candidata Selma.

No outro dia então seria a do Nogueira, e o advogado me trouxe todos esses fatos, eram quatro horas da tarde, eu terminei às seis horas a decisão vedando a carreata de Nogueira, mas eu pus uma multa muito baixa, de R\$ 20,000 mil reais, ele preferiu já em cima do carro, a carreata realmente já estava para sair, mas não foi minha demora, justamente de todo procedimento, o advogado demorou muito para trazer as provas, para comprovar que realmente teve agressões, e a violência não é tolerada de maneira nenhuma, violência a bens e a pessoas, isso é uma das vedações, a segurança pública em primeiro lugar. Daí eu vedei a carreata, o candidato a prefeito e a vice desceram do carro, não participaram, mas falaram que eles não se responsabilizariam pela carreata, o que eles quiseram dizer que eles entregaram para o grupo fazer, e eles fizeram, aquilo foi uma violação a decisão judicial, uma ofensa a dignidade da justiça.

Aí a próxima carreata foi vedada aí eles teriam que pagar a multa de R\$ 50.000 mil reais, então ele ficou com uma carreata a menos. Mas o restante da campanha foi toda igualmente entre os candidatos.

A judicialização da política no Brasil nos últimos anos também se refletiu nas eleições locais em Macarani, a exemplo de alguns procedimentos que nortearam a campanha. As carreatas no início do trajeto, local de concentração dos veículos, conforme Figura 25, e no final do circuito reuniam centenas de pessoas, até dispersá-las no horário de 22h00min, limite permitido às manifestações.

Figura 25: Concentração antes da saída da primeira carreta de Selma



Fonte: Fotografia - André Nascimento

Nessas eleições de 2020 as carreatas ocuparam um dos pilares da campanha, o que já revelava o nível de força dos candidatos. As agremiações políticas buscam mobilizar o maior número de pessoas e veículos, os grupos distribuem combustível, bebidas e dinheiro até para pessoas que residem em cidades vizinhas para participarem. A distribuição de gasolina é ilícita, assim os coordenadores da campanha utilizam de um esquema de senhas e de notas, e os opositores tentam fiscalizar para fazer denúncias e desconstruir as carreatas.

Elas envolvem um aparato complexo de muitos detalhes: as motos, geralmente sem escapamento da descarga, ocupam a parte inicial do “desfile” fazendo alvoroço para amedrontar os grupos adversários. Logo depois, um paredão em formato de minitrio leva o locutor, que faz os anúncios e a animação da população, seguido de um veículo com os candidatos aos cargos de prefeito(a) e vice-prefeito(a) e, muitas vezes, grandes lideranças regionais estão presentes. Os ônibus, caminhões e máquinas agrícolas acabam sendo os últimos da fileira. A Figura 26 apresenta o trajeto das primeiras carreatas da candidata Selma e do candidato Nogueira no dia 18 de outubro.

Figura 26: Trajeto das primeiras carreatas das eleições de 2020 (Nogueira e Selma)



Fonte: Elaborada por Gabriel de Oliveira Ferraz a partir de trabalho de campo, 2020.

Assim, as carreatas são grandes fenômenos que mobilizam quase toda a população local. Em 2020, foram realizadas em dias diferentes, permitindo a observação dos moradores. Os eleitores se colocavam pelas ruas de Macarani para assisti-las e elaborar suas análises e comparações, para contar os veículos que participaram, buscando identificar carros de outras cidades da região e também para verificar a animação e influência dos participantes.

As carreatas foram instrumentos fundamentais da disputa emocional que é a eleição local. Após elas, permanecem os boatos no decorrer da semana, além de palpites e apostas. Os palpites e apostas são mecanismos para manifestar a força que cada eleitor tem no seu candidato e grupo político, portanto, o que está em xeque é a “coerção” sobre o rival e a persuasão sobre a população indecisa. Geralmente, os grupos e simpatizantes próximos deles instigam essa disputa.

Outro aspecto que toma notoriedade é o programa eleitoral no rádio que se encarrega de atingir a população em suas residências, locais de trabalho e em pequenas mercearias. Com isso, os políticos pretendem utilizar do seu tempo com uma informação mais assertiva com seus principais propósitos e projetos, ao menos no início da campanha até que a tensão da disputa eleitoral se intensifique.

A fase da eleição que apreende também a intensidade é a abertura dos comitês, espaços fundamentais para divulgação de informações que atingem o impulso dos grupos

políticos e os seus simpatizantes. Nogueira iniciou a abertura do seu no dia 28 de setembro, logo após a confirmação da candidatura, próximo a uma das principais praças de Macarani, que é caminho para o largo de São Pedro, marco inicial de povoamento da cidade e do centro comercial local.

A candidata Selma inaugurou o seu comitê quase duas semanas depois, no dia 10 de outubro, a dois quarteirões do grupo adversário, na região central da cidade. Assim, as regiões onde estão situados se tornaram espaços pertencentes a cada agremiação política. Até o caminhar de um membro do grupo adversário ao comitê de outro agrupamento em situação de grande movimentação era visto como afronta.

O comitê é um local com uma estrutura para atendimento à população em geral que se identifica e que dá suporte aos atos de campanha, é um espaço bem amplo com o intuito de apresentar um cenário em que o eleitor se sinta deslumbrado. Nele se desenvolve o planejamento das organizações locais e se preparam as ações das pessoas que são contratadas e das voluntárias para trabalharem na campanha, usando determinados adesivos, bandeiras e material que auxiliam na comunicação visual.

Uma estratégia atípica na campanha foi a utilização da mesma cor azul pelos dois grupos políticos que polarizaram a eleição. As cores são introduzidas exatamente para serem um recurso peculiar no embate e na conquista do eleitor, por sua simbologia que passa pela rotina mais trivial das pessoas durante o período da campanha e demonstram também a disputa presente entre os grupos e partidos políticos, como menciona Barreira (2006) sobre o “corpo a corpo” e o caminhar:

A caminhada com objetivos políticos típicos de uma campanha eleitoral é exemplo contundente de uma enunciação que faz do trajeto um espaço de afirmação e invenção - pano de fundo de uma apresentação de propostas. É um ritual de caráter extraordinário, na medida em que opera como contra fluxo, subvertendo os espaços em sua organização anterior. Os caminhantes, portadores de uma mensagem a ser publicizada, alteram os sons habituais, andam na contramão, incitam a adesão de outros, afirmando a força do coletivo (BARREIRA, 2006, p. 02).

Ainda em setembro, no dia 25, circulou nos grupos de WhatsApp a desistência da chapa do MDB, que tinha como pré-candidato a prefeito Marlon Sousa (MDB) e Glauber Costa (PDT) a vice-prefeito, como foi dito no áudio:

Tive que desistir, fui obrigado a não continuar a pré-candidatura a prefeito, mas vou voltar a ser pré-candidato a vereador e conto com seu apoio e principalmente com a sua compreensão por tudo que fizeram para eu chegar a essa renúncia... Não vou colocar nomes, mas sei que você sabe do que tô falando por tudo que aconteceu nesses últimos 25 dias... Mas coloco tudo nas mãos de Deus e o que ele reservar pra mim, vou aceitar de todo coração.

Áudio gravado por Marlon Sousa, e amplamente divulgado nas redes sociais em 25 de setembro de 2020, 10h25min.

Em outubro de 2020, as especulações da população se confirmaram e a aliança entre os partidos da base do governo de Miller consolidou-se, declarando o apoio dos partidos MDB, Republicanos e PDT à candidatura de Nogueira (PP) e Jaiminho, tendo a grande maioria dos vereadores, nove ao todo, e o apoio do ex-prefeito Carlinhos. Na Figura 27, o encontro que estabeleceu a coalizão dessas lideranças.

Figura 27: Nogueira, prefeito Miller e vereadores da base aliada



Fonte: Perfil de Rede Social de Nogueira - Instagram

O padrão de distância social também emerge na disputa eleitoral, uma vez que o apoio da elite econômica local é determinante no processo da campanha, pois garante a contratação de profissionais da comunicação, de institutos de pesquisas, marqueteiros, bem como minitrios em modelo de “paredões” de som. A tônica da política local se dá através dos altos custos da campanha eleitoral, ainda que essas eleições de 2020 tenham diminuído pela limitação dos grandes eventos como comícios e passeatas.

Outro instrumento fortemente utilizado foi a live, que é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo feita através de mídias sociais a exemplo do Facebook, Instagram e YouTube. Realizada pelos grupos de Nogueira (PP), Selma (PSD) e Dete Bahia (PTB), cada uma foi conduzida em formatos distintos. A coligação encabeçada por Nogueira configurou a sua live em torno de seus feitos em gestões anteriores e da perspectiva do futuro, por vezes em situação embaraçosa pela presença do atual prefeito Miller Ferraz (MDB) em seu grupo, participando da mesa principal, assim como o ex-prefeito Carlinhos.

Já o aspecto da *live* do grupo de Selma foi como comício, diferenciando semanalmente a temática, mas sempre com a participação de todos os candidatos a vereadores da coligação “Nossa força é o trabalho” (PSD, PL, PT e Rede), assim como lideranças das respectivas áreas de domínio semanal. A exemplo da *live* do Agronegócio, a da Educação que coincidiu com o dia dos professores, a da Saúde que procurou trazer a temática da pandemia e do SUS, assim como da Juventude e Cultura, e do Esporte, que também exibiam vídeos em telão com recados de lideranças, como o ex-deputado estadual Heraldo Rocha (DEM), o deputado estadual Rosemberg Pinto (PT), o deputado federal José Rocha (PL) e os senadores Otto Alencar e Ângelo Coronel, ambos do PSD.

Dete Bahia foi o candidato que fez a campanha com uma estrutura mais modesta, criou menos *lives* e limitou suas transmissões ao YouTube. Seu formato também foi de comício, mas sem temática pré-definida, contando apenas com a participação do seu partido e de algumas lideranças locais. Rubens (PSOL) foi o único candidato que não realizou *lives*, teve a sua participação na campanha despretensiosa, de modo geral sem maior progressão eleitoral.

Algo que revelou o caráter da dimensão política na realidade local foi quando uma mãe de Santo falou do pedido aos orixás para proteção espiritual de um candidato a vereador, ao colocar um “santinho” no altar referente a um arquétipo de determinada entidade espiritual, em um ritual que parece comum nesse período para membros da comunidade, adeptos e simpatizantes das religiões afro-brasileiras.

A confluência religiosa e política mistura-se e reinventa-se nos *tempos da política*, com presença nas instituições religiosas dos candidatos que polarizaram a maioria do eleitorado. Nogueira (PP) e Selma (PSD) intensificaram as suas visitas aos bairros, distritos, zonas rurais e reuniões com lideranças religiosas que tendiam a influenciar os membros da sua organização. É dentro desse contexto que regularmente o político atua como mediador e que a população o contata para tratar das suas demandas e dos interesses de seu grupo.

Uma novidade na eleição de 2020 em Macarani foi a realização de um encontro pela igreja católica, o qual o pároco padre Irineu mediou entre os candidatos ao executivo municipal, denominado “Diálogo Fraterno: Encontro Fé e Política”, que foi realizado no Centro Missionário São Pedro, em formato de *live*, no dia 16 de outubro de 2020, com presença de público limitado a 80 pessoas.

O objetivo foi a apresentação dos candidatos e das suas propostas referentes a algumas temáticas específicas (Educação, Saúde, Social) e a uma mais ampla que abarcava como secundário (Cultura, Esporte, Lazer e Segurança). Foram levantadas anteriormente questões por lideranças da comunidade, que foram sorteadas no momento do diálogo, e foi uma arguição desafiante para os que se depararam com perguntas feitas pela população.

O padre Irineu falou sobre a criação da casa do Bom Samaritano, que é uma associação que conta com a parceria de comerciantes locais, profissionais liberais, advogados, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais etc., que atendem de forma

voluntária, colaboram com cestas básicas e serviços jurídicos e de direitos sociais, como processo de aposentadoria⁶, também são realizados pela casa. Sobre este diálogo fraterno nas eleições de 2020:

A proposta do grande diálogo fraterno foi de unir os candidatos para apresentar a nossa comunidade, a população de Macarani, os projetos, propostas, sonhos. E eles aceitaram a proposta de apresentar, não sei se um ou outro apostou de forma concreta, ou não acreditava, outros acreditaram. Regras, no início a ideia era ter um debate, debater ideias, mas eu percebi que a comunidade não estava preparada ainda, poderia criar outros desafios.

Vamos apresentar propostas e responder as perguntas feitas.

Num segundo momento, se as coisas fossem mais tranquilas aí teria o debate, debate seria bom né?! Já fiz isso em outra Paróquia, em Planalto. Houve a proposta, mas como nunca teve no passado, foi um avanço, houve uma escuta atenta da comunidade. Eu não fiz opção partidária, acredito que o papel do líder religioso não é por aí, o papel do líder religioso é dá ao povo discernimento, que o povo seja o seu próprio agente de mudança. Daí o sonho continua, acho que a política vai mudando assim, politizando o povo, o povo politizado se liberta, o povo politizado transforma a sociedade, o povo politizado fiscaliza. Então isso vai mudar com o povo politizado. Não sei quem é que diz, acho que Paulo Freire, se você quer um povo politizado invista na educação, uma educação libertadora. É um povo indignado num bom sentido.

Depoimento concedido pelo Padre Irineu, dia 30 de julho de 2021, às 10h00min.

Assim, o processo de construção feito pelo padre foi de incentivo à participação política, com início na comunidade religiosa, trazendo referência de Paulo Freire em sua fala e sempre comentando sobre as ideias progressistas do Papa Francisco que orientam a igreja a assumir um papel de agente intermediário da transformação da realidade. Num sentido filosófico e político, em Macarani ainda é muito recente, iniciado há 3 anos, podemos notar avanços como a abertura para o diálogo entre os candidatos a prefeito e a comunidade.

A equipe de marketing do grupo de Selma foi liderada por uma jornalista com ampla experiência, Eliane Moitinho, que trabalha com formação de comunicação de mulheres e que impactou a percepção da população sobre o nível de profissionalização da campanha com profissionais da comunicação (rádio e TV) de Itapetinga, município vizinho, polo microrregional do médio sudoeste baiano. Os termos “mulher maravilha” e “agora é ela” foram bastante utilizados, por remeterem à força da mulher e da heroína. Apareceram em propagandas, adesivos, jingles e fantasia nas carreatas. Seguindo essa percepção, Eliane comenta sobre sua chegada em Macarani e como ocorreu esse processo:

⁶ O padre revela uma das práticas comuns em municípios do interior, do assistencialismo em troca da dependência política: “aposentar os pobres para mim foi uma grande libertação, porque o pobre dizia assim: padre eu fui aposentado, no primeiro mês que eu fui pegar o dinheiro da aposentadoria, ali eu descobria que a pessoa que me aposentou tomou empréstimo no banco, agora vou ter que pagar durante 24 meses. É horrível isso, e a pessoa não sabia que tinha feito isso. Outro exemplo: ele foi aposentado agora ele tem o dever de votar nessa pessoa, isso criou essa mentalidade, ainda isso é forte.”

Quando cheguei na cidade fiquei sabendo que surgiu das conversas populares a expressão: “agora é ela”, fazendo alusão de que tinha chegado a hora da candidata Selma Souto ganhar as eleições para prefeitura de Macarani, a fim de trabalhar pelo progresso da cidade.

Imediatamente criamos adesivos e artes gráficas com a hashtag (#) #agoraéela, que rapidamente se espalharam pelas redes sociais. Parte da comunidade também já tinha adotado essa ideia e estava criando por conta própria outros modelos de artes com a mesma hashtag, o que nos deu uma noção de estar no caminho certo

Durante as reuniões de pré-campanha eu notei que a candidata tinha um grupo de seguidores, admiradores e apoiadores muito dedicados e incansáveis, por isso, sugeri que o slogan da campanha deveria ser “Nossa força é o trabalho”, o que foi aprovado.

Utilizamos da linguagem de vídeos no formato de reportagem curtas, com no máximo 30 segundos, para denunciar o descaso do governo municipal da época. Foram vídeos com temáticas diversas, como lixo pelas ruas, esgoto a céu, cemitério em condições precárias, entre muitos outros. Além disso, utilizamos também dos vídeos para comunicar o “jeito Selma de ser”. Ou seja, apresentamos a história de vida da candidata com o objetivo de conquistar os eleitores que ainda não a conheciam ou estavam indecisos. Na ocasião aproveitamos o dia das crianças, 12 de outubro, para lançar um vídeo bastante emocionante contando um pouco sobre a infância de privações da candidata, o que provocou muita comoção na cidade. Foi um dos vídeos mais visualizados e compartilhados durante a campanha.

Depoimento concedido por Eliane Moitinho, em 20 de setembro de 2021, às 14h44min.

Enquanto isso, o marketing de Nogueira explorou o apelido mais afetivo que o chamavam: “Nôga”, e as obras realizadas no município durante os seus três mandatos. Os jingles buscaram resgatar a identidade da Bahia, termo conhecido popularmente como *baianidade*, as suas construções históricas e as relações com políticos como ACM e Paulo Souto, mas também serviu para atacar, visto que a letra retrata a venda de uma fazenda que pertencia a Armando Porto logo após a derrota nas eleições de 2016, conhecida como “fazenda maravilha”, fazendo paródia da música “Liga da Justiça” da banda de axé Leva Noiz. A música foi premiada como Hit do carnaval de Salvador de 2011 e os marqueteiros trabalharam o inconsciente coletivo da música no jingle, utilizando de um fenômeno que ocorria no mesmo período da “mulher maravilha”, conforme mencionado anteriormente.

Nas vésperas do dia da eleição, criou-se uma atmosfera “sombria” onde predominava uma condição de que “tudo” era permitido. Após o fim das mobilizações públicas, os grupos de Selma e Nogueira fizeram suas últimas carreatas/lives, na quarta e quinta-feira consecutiva, já encerrada a campanha de rádio, o *tempo da política* alcançou um novo patamar. Assim, aumentou a movimentação nos bairros periféricos, nos distritos e em toda a zona rural de Macarani. Foram desativados os comitês e retirados os adesivos que preenchiam os vidros traseiros e/ou laterais dos veículos. E intensificaram os boatos e denúncias de compras de votos, por toda a cidade ficaram carros e motos em constante

circulação em busca de intimidar os adversários e captar alguma imagem que pudesse comprovar as denúncias.

Um dos protagonistas nessa corrida eleitoral, o eleitor, assume nessa etapa final um papel diferenciado, com uma pluralidade que a política permite ter, os eleitores indecisos são os mais acionados e assediados, ele constrói a sua convicção sobre as práticas dos candidatos. A corrupção é uma das bandeiras mais levantadas pelos interlocutores, as percepções dos eleitores sobre o caráter imediato do voto e a sua compreensão sobre a troca, que busca beneficiar o eleitor de alguma maneira.

Assim, considera-se fundamental compreender que nos *tempos da política* a incorporação das redes de relações sociais contribuem ajudando a fortalecer ferramentas que cooperam na obtenção do voto e em medidas pensadas para atingir sujeitos que tenham acesso ao candidato, na busca de fornecer a condição de auxiliar nas necessidades emergenciais de qualquer pessoa, que na conjuntura do período de campanha se torna posteriormente um possível eleitor cativado para as urnas.

As redes de convergência são construídas a partir dessa abertura de conseguir cooptar novos sujeitos aos campos decisivos pelo êxito do eleitor. A recompensa é algo importante e inerente na sociedade macaraniense, conforme seu cenário político e social. Entre o eleitor e o candidato coincidem interesses que são constituídos a partir da capacidade de concordar com diplomacias que se associam entre presente e negócio.

Contudo, se objetiva a relação, tornando-a limitada. Analisando as relações na política local, em peculiar a de Macarani, é fundamental compreender que a dádiva presume a retribuição, como na perspectiva de Mauss (1974, p. 112), quando pressuposto da dádiva, “abster-se de dar, como de receber e retribuir, é perder a dignidade”, assim na relação do eleitor e do candidato, o voto é posto como condição objetiva da relação, que se encerra no dia da eleição.

No entanto, o eleitor percebe que a oportunidade é propensa para adquirir vantagens e capitalizar seu maior tempo em busca de cumprir sua missão. Algumas falas ilustram que o povo tem entendimento de que nos tempos da política é mais fácil ter contato com políticos e criar a possibilidade de ter uma relação de combinação em que se torna possível a obtenção de recursos ou de algum benefício. Porém, não se confia absolutamente ao comprometimento de votar no candidato porque foi ajudado, por consequência tem a habilidade de se indispor contra qualquer tipo de exigência. Na fala do eleitor:

Os outros candidatos só aparecem na época da política para oferecer dinheiro em troca de apoio político, para comprar voto, distribuir ou pagar bebida. O povo é esperto e não recusa, diz que o que aparecer eles recebem, assim eles tentam ganhar proveito em época de eleição, quando aproveitam para ganhar benefícios que só é dado em época de política.

Depoimento concedido por interlocutor, em 30 de setembro de 2020, às 19h40min.

O voto, então, não pode ser entendido como uma ação apenas individual, uma vez que o eleitor produz relação de entrega e compromisso com os seus para adesão ao candidato estabelecido. A escolha sobre qual candidato apoiar passa por mediadores que projetam se utilizando das suas redes de relações pessoais, de modo que interpretar o voto a partir da subjetividade do eleitor que nos transporta sua escolha está diretamente relacionado aos fatos cotidianos, sendo, portanto, fundamental compreender os sinais manifestados na dinâmica das relações definidas no *tempo da política*.

Uma ação pode significar descobertas de intentos ocultos, mas revelados pela prática de quem requer um fim. Quando um eleitor decide usar um adesivo do candidato, pode ser reflexo de uma escolha em se posicionar a favor de um grupo no qual o eleitor se sente reconhecido, ou seja, uma decisão incorporada socialmente.

Essa concepção sobre o voto constrói uma possibilidade para refletir os seus sentidos, assim como as várias formas de entender sua ação. O voto é revelado em circunstâncias da sua intermediação coletiva e individual, em que pese ser fundamental analisar o desenvolvimento dos processos políticos que fazem com que as decisões percorram numa ou noutra condução, isto é, “cumpre em certo sentido, politizar a política, reconhecendo a existência de processos moleculares subjacentes a cada ação ou escolha individual e coletiva” (GOLDMAN & SANT’ANNA, 1996, p. 30).

Os eleitores, atentos em suas escolhas, estudam as variações que operam como auxílio para a definição de seu voto. Na prática, o processo político é presenciado pelo eleitor em uma esfera de escolha pessoal, mas se fortalece em âmbito coletivo, pois o voto é manifestação dos múltiplos arranjos de grupos sociais que se estruturam em constante busca para alcançarem a vitória de seu candidato.

Contudo, a política local e o espaço do agente político estão desgastados, uma vez que o poder de domínio na escolha do eleitor advém da estrutura política, por isso, para maioria da população, o capital econômico do grupo e do candidato são um dos elementos fundamentais para que consiga ser eleito. Levando os eleitores a acreditarem que apenas a compra de voto é a única possibilidade de atingir o sucesso eleitoral.

Nessa perspectiva, os correligionários percebem, ainda, que a política é uma possibilidade de se ter bons rendimentos, embora também possa se tornar o motivo de muitas perdas, como o de “perseguição” de várias formas pelo grupo vitorioso, caso não seja o candidato que aderiu à campanha.

Em suma, também teve destaque em vários momentos a maneira como os eleitores, sobretudo nos bairros mais periféricos e na zona rural, se referenciavam ao ex-presidente Lula, nesse sentido o depoimento de um eleitor é revelador:

Eu só voto em Lula, ele sim olhava para o pobre, aqui em Macarani esses políticos não gostam da gente, só nos usa e some, por isso voto só pra presidente e pra quem Lula falar, com ele nós teve oportunidade, as dificuldades acabaram. Agora olha como tá aí, tudo caro, povo passando fome, mas ele vai voltar.

Depoimento concedido por interlocutora. Em 07 de novembro de 2020, às 17h.

A atribuição de uma praça importante para a população de Macarani, anteriormente nomeada Clério Correria de Melo na primeira gestão de Nogueira, que foi alterada para Dr. Paulo Lacerda, contribuiu para alterar a geografia social da cidade e para pesar no decorrer da campanha e nos resultados das eleições.

A praça Dr. Paulo Lacerda, reinaugurada em 2019 durante o mandato de Miller, foi palco de concentração da maioria dos simpatizantes e correligionários do grupo de Nogueira, tanto que ficou reconhecida nesse período como a “praça do 11”, devido à ocupação nos quiosques e bares por centenas de pessoas.

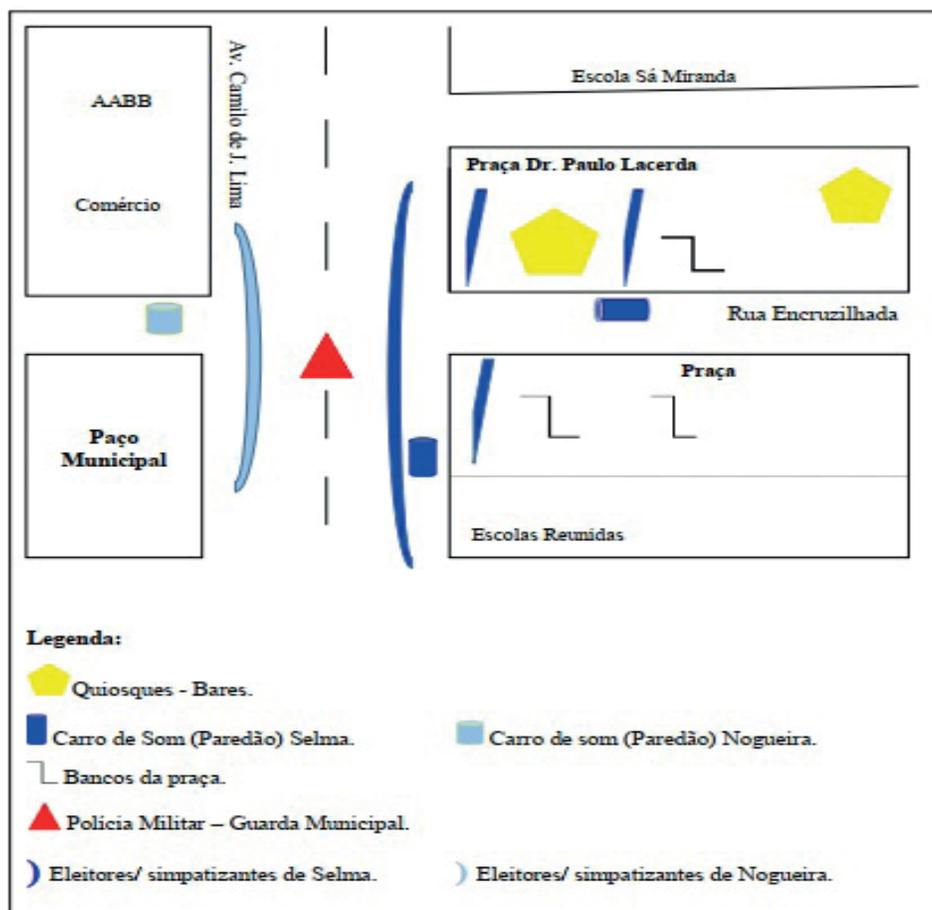
Logo no início da manhã de 15 de novembro, a cidade se encontrava em seu ápice de efervescência coletiva, nesse dia, a praça Dr. Paulo Lacerda foi estrategicamente ocupada por eleitores, cabos eleitorais e lideranças do grupo de Selma. Já no começo da manhã a frente da prefeitura foi ocupada pela população em geral, no período da tarde a avenida já estava lotada. A Figura 28 mostra um croqui com as linhas de fluxos, que revela na cidade onde se dão os combates e reconciliações dos eleitores e dos agrupamentos políticos que polarizaram nas eleições de 2020.

Michel de Certeau (2009), em sua obra “Invenção do Cotidiano: Artes de fazer”, considera que as práticas cotidianas estão no cerne da constituição do social. O estudo das práticas ou das “artes de fazer” implica compreender as operações e artimanhas da população, buscando analisar os usos que fazem dos espaços urbanos a partir de suas próprias lógicas.

Nesse sentido, retorno à perspectiva analítica de Gluckman (2010, p. 228): “a partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições etc. daquela sociedade”.

Em Macarani há as influências desses conflitos, principalmente no dia da campanha. Entretanto, a imprensa local, de uma forma geral se posiciona a favor de determinada classe social, esconde os fatos para não difamar a imagem do seu agrupamento político ou “altera” notícias na tentativa de desqualificar o grupo ou lideranças vinculadas à esquerda, isso ocorre mais forte no período eleitoral, com a intensificação das relações nas quais os grupos políticos se estabelecem.

Figura 28: Croqui de localização: Dia 15 de novembro, eleições municipais 2020.



Fonte: Elaborada por Gabriel de Oliveira Ferraz a partir de trabalho de campo, 2020.

O dia 15 de novembro de 2020 foi marcado pela peculiaridade de envolvimento e participação da população no âmbito da campanha. O grupo de Selma utilizou do marketing de centenas de pessoas em locais de maior movimento na cidade, maiores colégios eleitorais e avenidas centrais, com bandeira azul marcada pelo número 55 e bastante adesivo. A estratégia funcionou bem com aqueles eleitores indecisos. Em um áudio publicado pelo ex-prefeito Carlinhos (MDB), um dos apoiadores da campanha de Nogueira expôs a sua aflição:

Senhores vereadores, candidatos a vereadores. Cadê o pessoal que nós combinamos? Cadê o pessoal que tinha que sair seis horas da manhã e está na rua, cadê esse pessoal? Gente, vamos acelerar isso aí oh, veja aí o que está acontecendo, vamos ver isso aí, que isso?

Áudio gravado por Carlinhos e reproduzido em grupos de WhatsApp, dia 15 de novembro de 2020, 08h19min.

Aqui, já se revelou a preocupação do grupo de Nogueira, que tinha pouca força de mobilização no dia da eleição. Numericamente a ocupação da cidade foi feita pelo grupo de Selma que, segundo interlocutores, haviam sido contratados, totalizando 1.200 pessoas para ficarem nas ruas principais e em lugares estratégicos para a validação da vitória. Ao se aproximar das 17h, uma multidão tomou as ruas da cidade, ocupando a avenida e a praça principal de Macarani, onde tinha duas equipes da mídia local, os sites/blogs Revista Geral e o Responsável, transmitindo ao vivo pela rádio e pela internet os resultados das apurações dos boletins de urna e propagando em dois paredões de som, conforme ilustração do Croquí, na página anterior. Contava também com vendedores ambulantes que comercializavam água e bebidas.

Após o início da contagem dos votos, cada seção que era divulgada com o resultado favorável aos grupos de sua escolha, os eleitores se manifestavam com gritos de guerra. A polícia militar e a guarda municipal faziam a linha imaginária para separar as duas “torcidas”. Ali foi o ápice da campanha, mesmo com as restrições determinadas pelas autoridades judiciais e pelos órgãos de saúde, a multidão ocupou a rua e se aglomerou no calor da comemoração.

Com a sequência de grandes seções abertas e as vitórias consecutivas de Selma Souto, os apoiadores e eleitores de Nogueira começaram a deixar a praça e a avenida, até que antes de encerrar a apuração dos votos já não se faziam mais presentes. E os eleitores e correligionários comemoravam a vitória da então prefeita Selma (PSD), já eleita com 55,97% (5.557 votos), que venceu Nogueira (PP) com 40,71% (4.042 votos), em terceiro lugar ficou o pecuarista Dete Bahia (PTB) com 3,14% (312 votos) seguido pelo professor Rubens (PSOL), com 0,18% (18 votos).

Já de noite, com uma chuva forte, a multidão que se encontrava na praça seguiu um paredão de som em passeata até o comitê da coligação “Nossa força é o trabalho”, tocando os jingles do grupo derrotado em tom de ironia. Também tinha várias mulheres fantasiadas de mulher maravilha em alusão à prefeita. Selma e as lideranças do grupo comemoraram no comitê a vitória, receberam os eleitores e depois seguiram em direção ao bairro mais populoso de Macarani, Marjorie Parque, fazendo o mesmo circuito que foi feito na maioria das carreatas.

Na semana pós-eleições, na terça-feira, a chapa vitoriosa junto ao seu grupo realizou uma *live*, “*Live da Vitória*”, de agradecimentos à população e com a apresentação de perspectivas sobre o seu mandato. No grupo foram eleitas as vereadoras professora Dila (PSD) e a advogada Pauline Porto (PSD), o vereador desportista Titanic (PL) e reeleitos os vereadores: Nilton Alves (PL), representante do distrito Vila Isabel e Jucilande (PL), representante do distrito de Itabaí, todos pertencentes ao grupo de Porto, Zeneldo e Adilson. Também se fizeram presentes os apoiadores, lideranças, presidentes dos partidos da coligação, as equipes da campanha e ex-candidatos a vereadores.

O grupo dos ex-prefeitos Nogueira (PP), Miller e Carlinhos (MDB) elegeu a maioria na câmara de vereadores: a reeleição, o irmão de Miller, o enfermeiro André Ferraz (MDB), o presidente da câmara Marlon Sousa (MDB), o primo de Magno Malta (ex-senador ES) Edmilson Lima (Republicanos), o mais antigo da casa com sete mandatos, Rubenaldo (PP) e os vereadores com primeiro mandato: o gaúcho e empresário Márcio Cim (MDB) e o produtor rural Néo de Amália (PP).

Após esse contexto de mudança na política local, com a vitória da primeira prefeita mulher, Macarani manteve o elo com as oligarquias rurais, pertencentes à estrutura da elite política e econômica do poder. Os diferentes níveis de mudança, as práticas políticas no período eleitoral bem como a reinvenção dos candidatos a cargos eletivos permitiram compreender alguns elementos centrais que compõem as redes sociais do *tempo da política*.

A ADAPTAÇÃO DA ELITE POLÍTICA MACARANIENSE

Já nos primeiros meses de gestão de Selma Souto, a estratégia da aparente divisão política entre as famílias nos *tempos da política* foi exposta em uma outra faceta da política local. A adaptação da elite local em mesclar a sua influência no jogo político indicando apoio de diferentes lideranças às duas principais candidaturas, de Selma e Nogueira, centraliza os interesses naquela candidatura que apresenta maior possibilidade de obter êxito, visando à permanência na estrutura do poder local.

Frente a um candidato forte, como Nogueira, que já foi prefeito por três mandatos e que mantinha um eleitorado fiel, as famílias Costa e Fernandes vincularam alguém ligado à família para o legislativo. Assim demonstram seu mando e sua estratégia de demarcação de território político de várias formas, como na ocupação de conselhos municipais, sindicato etc.

Com a vitória de Selma, e chegando ao fim da gestão de Miller (MDB), teve início, já em meados do mês de dezembro de 2020, a escolha da equipe de transição na gestão do município. Foram indicados e nomeados 12 membros, sete da prefeita Selma e cinco de Miller, processo que seria para compartilhar maiores informações sobre a administração pública.

Já no encerramento do ano, no dia 31 de dezembro, último dia útil, o prefeito ainda não tinha pago o 13º salário dos servidores públicos municipais e nem o salário do mês de dezembro. Professores, agentes comunitários de saúde e garis foram protestar em frente à prefeitura (Figura 29), na praça Dr. Paulo Fernandes Lacerda com a queima de pneus e de um boneco de pano com uma máscara do rosto do prefeito, um ato com simbolismo referente à queima do personagem Judas. Sendo pago no fim da tarde apenas o 13º salário do quadro dos funcionários públicos concursados. O salário de dezembro foi pago já na gestão Selma, no início de março.

Figura 29: Manifestação dos servidores públicos municipais de Macarani



Fonte: Fotografias concedidas por interlocutora em trabalho de campo, 2021.

A ascensão das mulheres na política local, assim como a questão de gênero, raça e classe na política contemporânea, é resultado de mobilizações por todo o mundo, em especial o movimento feminista e a centralidade do debate de políticas públicas voltadas para a igualdade de direitos identitários, direitos das mulheres e direitos sociais etc. No Brasil, essas conquistas tiveram um processo mais tardio, assim como outras temáticas caras aos países com um índice de desenvolvimento humano diferenciado.

Em Macarani, a jornalista Eliane Moitinho, explicita como foi a realização de seu trabalho na campanha:

Comecei um trabalho de Oratória voltado para mulheres no ano de 2019, com o objetivo de empoderamento feminino. Pois, particularmente, acredito que a Oratória está intimamente ligada ao amor próprio e autoestima, o que influencia diretamente na boa condição de comunicação verbal e expressão das ideias. O que é tolhido das mulheres diariamente, como presenciamos nos Telejornais, fruto de uma sociedade ainda machista.

Diante do período eleitoral para Prefeitura de Macarani 2020, notei a oportunidade de construir um exemplo de figura feminina ocupando o cargo máximo no Executivo de um município, com a candidatura de Selma Souto. Dessa forma mais mulheres se sentiriam representadas e fortalecidas.

Na época pensei que poderia passar uma mensagem “de mulher para mulher, alcançando outras mulheres”. A ideologia da mulher na política é forte e pensei em usar dela para alcançar a confiança da população feminina do município e também conquistar e influenciar os homens que convivem com essas mulheres. Já que, em Macarani, como no restante do país, pouquíssimas mulheres tiveram a oportunidade de estar em cargos políticos e muitos dos eleitores estavam insatisfeitos com a administração pública municipal até aquele momento.

Depoimento concedido por Eliane Moitinho, em 20 de setembro de 2021, às 14h44min.

A advogada Pauline Porto, que residia em Vitória da Conquista, filha do ex-prefeito Porto e da ex-vice-prefeita (2009-2015) Elza Soares, ingressou na política após o julgamento das contas de seu pai, em junho de 2020, evento que segundo ela foi determinante:

Inclusive logo quando cheguei fui convidada a participar da mulher advogada da OAB, e é um setor dentro da OAB, que se envolvia também muito com política, foi onde tive meu primeiro contato com políticas públicas femininas, direitos da mulher, vítimas de violência doméstica que a gente fazia atendimento, e fui despertando essa paixão de lidar com pessoas, com um objetivo mais direcionado a mulher.

Quando meu pai teve as contas reprovadas, nós fomos acompanhá-lo e ele foi fazer sua defesa oral, a gente não pôde entrar porque já estávamos em pandemia, e eu escutei os discursos dos vereadores e percebi que muitos deles não conseguiam entender o porquê que estavam ali, mas como se fosse uma leitura do seu líder.

Depoimento concedido por Pauline Porto, em 20 de agosto de 2021, às 10h.

Outra mulher eleita vereadora foi a professora Edilene (PSD), popularmente conhecida como Dila. Mesmo usando a sua profissão no nome político teve pouca adesão da categoria da educação municipal, a direção ficou em torno dos bairros mais populosos e as relações de parentesco, assim como a maioria das candidaturas consolidadas na corrida eleitoral.

A prefeita Selma nasceu numa zona rural, Corguinhos, de família humilde, mudou-se ainda criança para Macarani, onde residiu até a juventude no Sobral Bentes, bairro periférico que historicamente confere um estigma aos seus moradores, por ser conhecida por sua insegurança e problemas sociais. Selma teve sua formação como professora no início dos anos 2000, com uma parceria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) com a prefeitura de Macarani, que foi carro-chefe da campanha de reeleição de Porto em 2000.

Segundo relatos, a sua relação com Porto se deu a partir do fim do seu casamento com Elza Soares. Após o seu afastamento da prefeitura em 2003, Porto saiu dos holofotes da política local, apenas declarou apoio ao seu vice Paulo Lacerda (PFL), em 2004, ao ex-prefeito Carlinhos (MDB), em 2008 e 2012, inclusive com a indicação de sua ex-esposa Elza Soares a vice-prefeita. O seu retorno na arena política foi apenas em 2015, como candidato a prefeito vitorioso, conforme análise das eleições locais em 2015 e 2016 no capítulo anterior.

A entrada de Selma como protagonista no jogo político local se deu muito pela construção da narrativa messiânica que ainda é recorrente em municípios do interior, com uma base forte de Porto e dos agrupamentos que são vinculados a essa estrutura de poder. A vitória da candidata Selma Souto e seu vice foi apertada.

Atribuo ao desgaste natural de Nogueira, do trabalho realizado pelos profissionais em toda a campanha. As peças publicitárias e vídeos alcançaram a realidade da população e conquistaram os eleitores. Esse novo momento político com uma mulher pela primeira

vez à frente da prefeitura faz Macarani viver uma possibilidade ímpar da conquista para outras mulheres, com efeito ainda que ao longo dos últimos meses tenham aumentado as críticas, permanece um maior “equilíbrio” entre as instituições e as elites locais.

O impasse entre a prefeita e a direção do PT prolongou durante o primeiro semestre de sua gestão, com efeito, foi perceptível o afastamento de lideranças importantes que fizeram parte da construção de sua campanha. Uma observação relevante é a não participação do vice-prefeito Elson Evangelista (PL) em eventos oficiais da prefeitura, como foi no aniversário da cidade, bem como na inauguração do complexo da Macarani Agro⁷. Os questionamentos por parte da população sobre a escolha dos cargos de primeiro escalão da gestão foram contundentes e no decorrer desse primeiro ano de mandato intensificaram as críticas e movimentações no campo político local.

Uma situação excepcional que pude acompanhar durante período em trabalho de campo, foi a exibição e divulgação de uma canção feita por uma artista local, no dia 03 de abril, em frente à prefeitura a canção foi utilizada pela assessoria de comunicação da prefeita como hino municipal de Macarani.

Contudo, pesquisa realizada na câmara de vereadores, em busca da constituição do hino municipal local, não encontrou o registro oficial. A canção escrita por Adriana Reis apresenta aspectos culturais, geográficos e territoriais de Macarani, porém, em vídeo divulgado pela assessoria de comunicação da prefeitura, a compositora indica um pedido da gestão municipal do ano de 1994: “a secretária de educação (...) me pediu para escrever uma música que contasse a história da nossa cidade”.

Dessa maneira, outro ponto relevante que elucida o contexto em que foi escrito a música, fazendo menção ao slogan do prefeito no período acima citado no vídeo “A cidade mais fácil de ser amada”, a suposta narrativa conduzida por integrantes da gestão reifica as limitações historiográficas que Macarani tem, e, em determinados contextos são utilizadas e construídas a partir de uma tradição inventada.

As expectativas da população na gestão de Selma foram supracitadas em período de trabalho de campo, as menções à regularidade da data de pagamento dos funcionários públicos, sem distinção, de concursados, contratados e prestadores de serviços. Outro ponto bastante mencionado foi o das limpezas das ruas e das reformas na estrutura das escolas e creches municipais, que não tiveram essa possibilidade na gestão anterior, de Miller (MDB).

A professora, que foi candidata a vereadora suplente da câmara, faz uma avaliação:

7 Inaugurada a nova sede da Agência de Defesa da Agropecuária da Bahia - ADAB, junto à Secretaria Municipal de Agricultura de Macarani e o Sindicato Rural de Macarani também, evento realizado no dia 30 de abril de 2021, que teve a presença do deputado Rosemberg Pinto (PT), e o Secretário Estadual da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura – SEAGRI.

A Câmara mesmo é toda formada por pessoas que de alguma forma foram beneficiadas economicamente, patrocinadas financeiramente para estar ali. Bem, em relação a Selma, primeiro ela pegou um grande desafio, vindo de uma gestão desastrosa que Macarani tinha passado, salário inclusive atrasado, com pessoas que trabalhavam e não recebiam.

Depoimento concedido por Lucineide Sousa, em 19 de abril de 2021, às 10h.

Historicamente, Porto e as lideranças de seu grupo mudam de partido de acordo com a influência estadual e o contexto nacional. Logo, o conhecido “troca-troca” de partido é comum ser debatido nas ciências sociais como uma evidência da instabilidade do sistema partidário brasileiro (MELO, 2007; LAMOUNIER, 2005). Confirmando a falta de identidade dos partidos brasileiros, que são ausentes de aspectos formativos e ideológicos próprios, tornando-se um pouco distintos entre si, além de incapazes de gerar identidades sólidas com o eleitorado (KINZO, 2005).

A eleição municipal de 2020 em Macarani agregou práticas tradicionais com subsídios da atualidade, ou seja, combinou conservadorismo e transformação em relação à cultura política local. Ainda que a cultura política eleitoral permaneça com seus costumes, o que fica mais perceptível nas eleições municipais são os conflitos entre os polos políticos tradicionais da política local, costumes em diversas maneiras de corrupção eleitoral, a exemplo da compra de votos, o uso do poder simbólico e a violência física.

Ainda a respeito da violência política, a senhora juíza completa sobre o dia da eleição:

Eu começo a solicitar o reforço policial logo no início da campanha, então 45 dias, e todas as vezes eu consigo também com a CAESG, que todo mundo teme a CAESG, é uma força policial muito violenta, não é que quero que tenha medo, mas que tenha respeito às normas judiciais e tudo mais.

Mas não tenho a menor dúvida que não ocorre do jeito que você quer, tipo os dísticos de cada candidato, no final da tarde já estava muito cheio a cidade inteira, e ainda tinha gente votando, o que acontece você pode ter uma manifestação silenciosa do seu candidato sozinho, mas se já tem duas ou três pessoas com uma bandeira, aquilo ali já não é mais manifestação silenciosa. Mas naquele momento que já tem os eleitores quase todos na rua, ficando ali próximo a prefeitura, aquela praça da avenida.

Mas o que acontece é cultural no Brasil nas noites anteriores ao dia da eleição, acontece a compra de voto, então aquela parcela da população mais carente, os candidatos já distribuem dinheiro, é sabido isso, é notório, e eles já saem dando de casa em casa, e isso o policiamento não consegue segurar, então fica um partido fiscalizando o outro, mas eles não dão conta, tiveram com certeza durante todo o pleito, ligaram para o cartório eleitoral, assim como se fossem dois times de futebol brigando, e eles sabem que Macarani é pequeno, mas não é tão pequeno e acabam se encontrando quando vão fazer o corpo a corpo. Realmente as eleições municipais é muito complicado, em cidades pequenas são muito conflituosas.

Depoimento concedido pela Juíza Eleitoral da Comarca de Macarani: Dra. Giselle de Fátima. Em 19 de agosto de 2021, às 15h.

No entanto, as eleições de 2020 foram influenciadas pelo movimento de transformações sociais e culturais em curso, sendo a tecnologia uma das bases fundamentais para os candidatos e profissionais que prestam serviços em campanhas políticas. Com a configuração da campanha mais profissional e dinâmica, a população mudou o seu comportamento eleitoral, com uma pluralidade maior, ou seja, diminuindo a submissão de redes de parentescos ligadas às agremiações.

Essa influência das lideranças políticas regionais sobre a política local foi uma condição do período do *Carlismo*, que era segmentado entre agremiações internas e estas agremiações disputavam mutuamente os municípios. No caso de Macarani, a agremiação formada pelo PFL/DEM esteve sob a interferência do deputado Heraldo Rocha, enquanto a agremiação estabelecida pelo PP tinha empatia pelo ex-governador Paulo Souto.

As vinculações das lideranças locais com a política estadual e nacional se confluem e divergem conforme os seus interesses, assim como citado no capítulo anterior e o contexto em que tem se apresentado nesses primeiros meses de 2021, assim como as possíveis alianças para próximas eleições em 2022, numa perspectiva da eleição municipal de 2024.

Um interlocutor comenta sobre as eleições de 2022 e manifesta a contradição entre o populismo na política brasileira, os fenômenos do *Carlismo* e do *Lulismo*, que se revela no cotidiano da política local:

Ano que vem mesmo, com essa confusão toda, se Lula for candidato eu votar nele, já para governador do estado eu vou votar em ACM Neto e os deputados são os de Selma”.

Depoimento concedido por Interlocutor em 21/07/2021, 14h30min.

Nota-se um conflito entre a ideia da política partidária e das relações afetivas, posta a controvérsia, o espaço e a situação em que o eleitor está demonstram o contraste da política local e o sentido da mudança e reinvenção do *Carlismo* e do *Lulismo* em Macarani.

O deputado estadual Rosemberg fala sobre a sua aliança com o grupo de Porto, a participação do PT e as lideranças políticas locais advindas do *Carlismo*:

Nas eleições de 2020, se dá então a candidatura de Selma, a esposa de Armando, ou seja, mantendo um pouco essa aglutinação política, vinculada a esse segmento originariamente do *Carlismo*, e uma aliança com o Partido dos Trabalhadores, e vem participar da aliança, apresentamos candidatura para a câmara de vereadores, não tivemos o sucesso que nós esperávamos e com isso fortalece esse grupo ligado a Armando Porto, Adilson. E a ascensão de Selma à prefeitura garante também para mim essa manutenção da relação política, que até então, mantendo o meu nome como candidato a deputado estadual do grupo político que governa a cidade.

Ou seja, a minha relação de volta com a cidade, que 2018 e 2020, de uma forma mais efetiva, levando o PT a uma aliança com esse segmento, a gente não conseguiu fazer com que o PT tivesse o protagonismo numa disputa local, que é natural, Macarani é realmente uma cidade é originária desse segmento, que até hoje ele vem muito forte, que agora que havia uma perspectiva de alteração geracional, Nogueira e Armando, mas isso não acontece porque

a esposa de Armando passa a ser candidata, jovem, mulher, mas uma vez já com esse grupo se afastando do *Carlismo*, e se aproximando do governo do Estado, Rui Costa (PT), muito através do senador Otto Alencar (PSD), que também é originariamente ligado a esse grupo de Antônio Carlos Magalhães, eles se aproximam da base do governo do PT, no plano estadual.

No plano federal, ainda os dois grupos políticos da cidade têm uma resistência muito grande ao *Lulismo*, é uma resistência muito forte, e nós estamos tentando a partir de repente, de minha candidatura, e de candidaturas que tenham relações no quanto diferenciadas possam influenciar no sentido que na próxima eleição a gente divida esse espaço na cidade.

Depoimento concedido por Rosemberg Pinto (PT), em 27 de junho de 2021, às 08h40min.

A realidade política de Macarani é marcada por conflitos desde seu processo de emancipação, como pude verificar, nem sempre estão de acordo com os valores políticos e partidários. As personalidades políticas remetem ao passado como marco significativo das suas principais lideranças a reedição das concepções do *Carlismo*.

Portanto, compuseram durante décadas relações próximas com permanente representações e vinculações, mas que, paradoxalmente, se encarna, em um elemento “oposto”, o do fenômeno do *Lulismo*. A exemplo dos seus líderes regionais Otto Alencar (PSD) e João Leão (PP), que foram base dos governos ACM.

Do ponto de vista da política, houve alguns avanços na produção contínua de informação, apesar da estrutura de compra e venda de votos permanecer sólida, sobretudo nas campanhas para vereadores. A população continua desorganizada e dividida e essa falta de organização política revela um aumento significativo de manifestações conservadoras em âmbito local, seguindo as pautas do então presidente da república Jair Bolsonaro (sem partido).

Alguns setores da elite empresarial local organizaram no dia 07 de setembro carreatas em defesa do presidente, como ocorreu em várias cidades do Brasil, pautas como a derrubada do STF e do Congresso Nacional foram as principais levantas por esses grupos, que tinham lideranças como o ex-prefeito Nogueira, vereadores e apoiadores da gestão de Selma.

O que nos permite considerar que nesse processo os eventos políticos apresentados e interpretados a partir das suas contradições e complexas redes relacionais se expressam como uma metodologia eficiente para a interpretação dos fenômenos sociais e políticos que ocorrem em Macarani, compreendendo as relações e as dinâmicas que transformam as concepções e práticas na política local.

Nessa perspectiva, o processo eleitoral é assimilado pela população como um caminho para o eleitor se tornar importante na vida pública. A política local possui aspectos que sobrepõem as correntes de transformação e o desenvolvimento da política. Nessa organização social, especialmente em território rural que tem costumes de domínio da oligarquia, a construção de uma gestão pública independente e de uma sociedade civil organizada são impossibilitadas. E práticas de exercer os direitos e deveres civis, assim como a participação popular, são incomuns à rotina da maior parte da população macaraniense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno do ex-presidente Lula à arena política com a sua elegibilidade, garantida pela decisão do STF que lhe devolveu os direitos políticos, mexeu com o tabuleiro no plano nacional, que teve mudanças no posicionamento de lideranças importantes da esquerda brasileira, a exemplo da migração do deputado federal Marcelo Freixo (RJ) do PSOL para o PSB e do governador do Maranhão Flávio Dino (PCdoB) para o PSB.

A complexidade da disputa eleitoral pela reinvenção das direitas no Brasil se mostra na história mais recente, com a ascensão e chegada do ex-militar e deputado federal Jair Bolsonaro à presidência da república em 2018. Contudo, com a explosão de vários escândalos o envolvendo na gestão da pandemia, instaurou-se a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI da Covid) no Senado Federal, que tem investigado desde 27 de abril de 2021 até o presente momento as suspeitas de irregularidades na compra de vacinas e de participação de um gabinete paralelo etc.

Os partidos de esquerda e centro esquerda (PT, PCdoB, PSOL, PSB, Rede, PCO, PDT), movimentos sociais e centrais sindicais, no decorrer do presente ano de 2021 organizaram grandes manifestações. Já encontrando um campo mais amplo de setores da classe média ocupando as ruas a favor do *impeachment* do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), seguiam as pautas que estavam em xeque na CPI, de mais vacinas para população, e críticas à política econômica do governo.

Alguns partidos e movimentos da direita brasileira se posicionaram e foram às ruas em movimento “independente”, representados por lideranças do MBL e do PSDB, que tiveram baixa adesão da população pela não participação da frente ampla de esquerda que organizaram as outras manifestações.

Com a pré-candidatura de ACM Neto ao governo do estado da Bahia, o atual presidente nacional do DEM representa o pós-*Carlismo* numa nova roupagem, mas com aspectos da política tradicional brasileira. Entre as suas estratégias, a aliança com lideranças historicamente ligadas à tradição carlista, principalmente PSDB, e a nível regional, constituiu uma renovação nos quadros do DEM, a exemplo do seu sucessor na prefeitura de Salvador, Bruno Reis, que foi vice-prefeito nos seus dois mandatos à frente da capital baiana.

ACM Neto já no início de outubro de 2021, articula nesse contexto de um ano das eleições de 2022, a fusão de seu partido com o PSL, que terá o nome União Brasil, assim o processo de homologação do partido já está avançado, numa tentativa de alavancar uma candidatura à terceira via. Diante das pesquisas, o contexto nacional apresenta uma polarização entre o ex-presidente Lula (PT) com ampla vantagem sobre o segundo lugar ocupado pelo atual presidente Jair Bolsonaro (sem partido).

No cenário político baiano, a polarização entre ACM Neto (DEM/União Brasil) e o senador Jaques Wagner (PT) ganhará um novo elemento, com a possibilidade da

candidatura de João Roma (Republicanos) representando o *Bolsonarismo*. Ele ocupa o ministério da cidadania no governo Bolsonaro e tem assumido a responsabilidade do Auxílio Brasil, programa que visa substituir o Bolsa Família e que pretendem utilizar como uma alavancada na candidatura à reeleição do presidente Bolsonaro, uma entrada importante na Bahia, maior colégio eleitoral da região do Nordeste.

Já a base do atual governador da Bahia, Rui Costa (PT), até o momento se encontra sólida no projeto que se aproxima dos 16 anos do PT no poder, os partidos que compõem essa base são o PSD, PP, PCdoB, PSB, Podemos, PR, Avante, PROS, PMN e PTC. Embora haja indícios de ruptura do vice-governador João Leão (PP), a conjuntura que se apresentava a um ano das eleições de 2022 serão determinadas pela esfera nacional, que terá um grande peso a candidatura do ex-presidente Lula.

As lideranças locais têm essa capacidade de ressignificar a sua posição diante de disparidades internas, como foram desveladas na dissertação a partir das etnografias realizadas nas eleições de 2018 e 2020 as estratégias da elite política e econômica para se ganhar as eleições mesmo que situacionalmente se conciliem a adversários históricos agregando um conjunto de símbolos, num arranjo conservador que estabelece várias relações assimétricas com lideranças dos seus partidos no plano estadual e nacional.

Um dos desafios mais interessantes que se coloca à análise das vinculações das lideranças locais com a política estadual e nacional é a sua articulação com outras linhas de ação que procuram reproduzir as concepções estruturais da política baiana. As dinâmicas sociais e a relação dos processos políticos se apresentaram como fator determinante na reinvenção da política em Macarani, que fragmenta e dinamiza a construção de lideranças a partir de conflitos impostos pelos interesses da elite política local.

O uso dos instrumentos da mídia digital da forma que ocorreu nas eleições de 2018 e, principalmente, nas eleições municipais de 2020 não mudou a importância da disputa dos espaços públicos. As carreatas, as visitas e as manifestações coletivas permaneceram como elemento essencial dos *tempos da política*. As características da política em Macarani de uma forma geral se expressa por meio de especificidades vinculadas ao passado da comunidade, dada a sua tradição e pela vivência cultural construída para viabilizar a produção e reprodução material e social da sua coletividade.

Considero a relação da compra de votos como fundamento para dominação política. O dinheiro como a essência da troca prejudica de forma decisiva a política em nível local, mesmo que a troca de favor seja considerada crime eleitoral, na perspectiva da “população” é vista como um agrado ao eleitor. Já a compra do voto pelo dinheiro evidencia a relação na esfera política como uma estrutura eleitoral determinada pela relação comercial, coisificando o eleitor.

Dessa forma, pude observar que a política em Macarani se vale de um amplo comércio e que o período eleitoral é posto em xeque. Os candidatos montam suas estruturas eleitorais com comboio de veículos, assessorias jurídicas, equipe de marketing,

e principalmente pessoas mobilizadas para compra de votos e para ocupar a linha de frente de embate com os grupos opositores. Assim, o poder econômico tem um papel determinante nos rumos da política da cidade.

Nesta análise abordei as práticas cotidianas, as manifestações coletivas vigentes no *tempo da política*, bem como a memória coletiva atualizada através dos relatos. Essas abordagens propiciaram interpretar a política local em suas concepções e práticas revestidas por uma dominação do tipo mandonismo local como discutido por Pereira de Queiroz (1976), assim foi possível compreender a existência de uma realidade social peculiar com uma dimensão da vida local que possibilitou interpretar a constituição das múltiplas redes complexas e heterogêneas que compõem a dinâmica social de Macarani.

Sendo assim, os aspectos aqui analisados apontam caminhos suscetíveis de discussão em novas pesquisas. Seria pertinente analisar o desenvolvimento dos fenômenos *Carlismo* e *Lulismo* nas eleições de 2022, embora as dinâmicas sociais permaneçam e modifiquem as relações das lideranças locais e posicionamentos partidários conforme os interesses da elite política local.

Contudo, isso nos faz pensar sobre a importância das contribuições e contradições desses fenômenos, que se caracterizam com a organização de articulações e alianças, que constituem uma estrutura e um equilíbrio no jogo político, fundamentais nos processos de manutenção do poder da elite política local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Tales. **Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.

BARNES, John. Redes Sociais e processos políticos. Em FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) **Antropologia das Sociedades Contemporâneas, Métodos**. São Paulo: Editora Unesp, 2ª. Ed. Revisada. p. 171-204, 2010.

BARREIRA, Cesar. **Fraudes e corrupções eleitorais: entre dádivas e contravenções**. In: PALMEIRA, Moacir & BARREIRA, Cesar (org.). **Política no Brasil: visões de antropólogos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2006.

BOITO Jr. Armando. **O lulismo é um tipo de bonapartismo?** Uma crítica às teses de André Singer. In: *Crítica Marxista*. n.37, Unesp, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CHAVES, Christine de Alencar. **"Eleições em Buritis: a pessoa política"**, In: Moacir Palmeira & Marcio Goldman (org). *Antropologia, Voto e Representação política*. Rio de Janeiro: Contracapa. 1996.

CIGNACHI, Henrique. **Ascensão e crise do lulismo: compromisso de classes e acumulação capitalista no Brasil contemporâneo (1989-2016)**. Tese (doutorado) UFSC. Florianópolis, 2018.

CORDEIRO, Maria Consuelo Saphira. **ACM: uma história em andamento**. 1997 s/d.

COUTINHO, Carlos Nelson. **GRAMSCI: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. **"Surf" nas ondas do tempo: do carlismo histórico ao carlismo pró-carlista**. Caderno do CRH n.39. Salvador - Ba. jul/dez 2003.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Tradição, autocracia e carisma- A política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2006a.

_____. **O carlismo para além de ACM: estratégias adaptativas de uma elite política estadual**. in: Souza, Celina & Dantas Neto, Paulo Fábio (Orgs.): *Governo, políticas públicas e elites políticas nos estados brasileiros*. Rio: Revan. p. 247-286, 2006b.

_____. **Mudança política na Bahia: circulação, competição ou pluralismo de elites?** in: Hugo Cortez & José Antônio Spinelli (orgs.): *Nordeste 2006: os sentidos do voto: análises interpretativas dos resultados eleitorais nas capitais do Nordeste*. Natal, EDUFRN, 2010a.

_____. **Bahia, a paz dos vencedores: liderança, partido e elite política após as eleições de 2010** In: *Simpósio Fundaj/Observe Nordeste: Nordeste 2010: Os sentidos do voto*, 2010c.

_____. **Salvador: metrópole aquém da autonomia da cidade**. Veracidade. (Salvador. Impresso), v.1, p.81-95, 2012.

FERRAZ, Gabriel de Oliveira. **Redes Sociais e Processo político: Origem e trajetória do Partido dos Trabalhadores – PT em Macarani – Ba**. Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros, 2018.

- FERRAZ, Wadmillan de Oliveira. **“Etnografia da festa de São Pedro de Macarani”**. Monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. 2020.
- FIALHO, Joaquim & SILVA, Carlos Alberto da. **“Nós e os outros: análise das redes sociais”**, in: Actas das VIII Jornadas do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora, p. 370-380, 2008.
- FREHSE, Fraya. **Ô da rua. O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2011.
- GALVÃO, Andréia. **“O movimento sindical frente ao governo Lula: dilemas, desafios e paradoxos.”** Revista do Instituto de Estudos Socialistas, n. 14, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**; In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GOLDMAN, M. & SANT’ANNA, R. S. dos. Elementos para uma Análise Antropológica do voto. In: PALMEIRA, M. GOLDMAN, M. (org.). **Antropologia, Voto e Representação política**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1996.
- GUERRA, Isabel. **Participação e ação coletiva: interesses, conflitos e consensos**, Estoril: Principia Editora, 2006.
- GLUCKMAN, Max “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”. Em FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.) **Antropologia das Sociedades Contemporâneas, Métodos**. São Paulo: Editora Unesp, 2ª. Ed. Revisada. p. 227-344, 2010.
- GUIMARÃES, Murilo Rodrigues. **A “Festa da Política” e a criação de um “Bom Político” Etnografia das eleições locais de 2008 num município baiano**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Instituto de Ciências Sociais Universidade Lisboa, ICS/ UL – Portugal, 2013.
- KUSCHNIR, Karina & CARNEIRO, Leandro Piquet. **“As dimensões subjetivas da política: Cultura política e antropologia da política”**. In: Estudos Históricos, 1999 – 24. (p. 227-250) Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.fgv.br/.../1239>. Consulta em: 07 de maio de 2021.
- KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da Política**. Ciências Sociais – passo-a-passo; 79. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- KINZO, Maria D’Alva. **Os partidos no eleitorado: percepções públicas e laços partidários no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, nº 57, 2005.
- LAMOUNIER, Bolívar. **Da independência a Lula: dois séculos na política brasileira**. São Paulo: Augurium Ed. 2005.
- LAPA, Edina da Silva. **“Dia de enricar mais um e ser esquecido”: Concepção e práticas políticas no quilombo de Vereda Viana**. Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros, 2013.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. – 7ª Edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “**De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**”. Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N. 49, São Paulo, junho 2002.

_____. **Etnografia como prática e experiência**. *Horizontes. Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.*

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 2ª Ed., 1978.

MARQUES, Eduardo. **Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio**. Rio de Janeiro: Revan/Fapesp. 2000.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: Ensaios de Sociologia. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

MELO, Carlos. **Collor: o ator e suas circunstâncias**. São Paulo: Ed. Novo Conceito. 2004.

MERCADANTE, A. **O governo Lula e a construção de um Brasil mais justo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

MIGUEL, Luís Felipe. **A reemergência da direita brasileira**. Em GALLEGO, Esther Solano. (Org.) **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MOORE JR., Barrington. **As bases sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na gestação do mundo moderno – Lisboa: Cosmos; São Paulo. Martins Fontes, 1983.**

NUNES, Edson. **A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático – Rio de Janeiro. Zahar, 1997.**

OLIVEIRA, Francisco. **Hegemonia às avessas**. In: OLIVEIRA, Francisco; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele (Org.). **Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira**. São Paulo: Boitempo, p. 21-27, 2010.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia Para uma Re(li)gião**. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PALMEIRA, Moacir. “Eleição municipal, política e cidadania”. In PALMEIRA, Moacir. & BARREIRA, César. [orgs.]. **Política no Brasil: visões de antropólogos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: NUAP/USRJ, (Coleção Antropologia da política; 24) p. 137-150, 2006.

PALMEIRA, Moacir. GOLDMAN, Marcio. (orgs.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 1996.

PEREIRA, Carla Galvão. **Continuidade ou Mudança? Análise comparativa entre os Governos de Antônio Carlos Magalhães em 1971-1975 e 1991-1995**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, 2007.

_____. **Renovação com Estratégia de preservação: ACM Neto e a tradição carlista**. Paper apresentado no 41º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu – MG. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Política, ascensão social e liderança num povoado baiano". In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros e ensaios**. O coronelismo numa interpretação sociológica. Ed. Alfa - Omega. São Paulo, 1976.

SANTOS, Fabiano. & AMORIM NETO, Octavio. **A Produção Legislativa no Congresso**. In: Luiz Werneck Vianna. (Org.). *A Democracia e os Três Poderes no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. , p. 91-139, 2002.

SINGER, André. "**Raízes sociais e ideológicas do Lulismo**". *Novos Estudos Cebrap*, vol. 85, p. 83-102, 2009.

_____. **Os sentidos do Lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOLER, Antônio. "**A crise do lulismo Ascensão e queda de um pacto social**". " <http://controversia.com.br/wp-content/uploads/2015/04/a-crise-do-lulismo.pdf>.

VIANNA, Luiz Werneck. "Caminhos e descaminhos *da revolução passiva* à brasileira». In: **A revolução passiva. Iberismo e americanismo no Brasil**. *Rio de Janeiro*. IUPERJ-Editora *Revan*, 1997.

WEBER, Max. 1978. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: ed. UnB, 1999.

WOLF, Eric. **Antropologia e Poder**. Org.: FIELDMAN-BIANCO, Bela. e RIBEIRO, Gustavo Lins. Brasília, DF. Editora da Universidade de Brasília; São Paulo, SP. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Campinas, SP. Editora Unicamp, 2003.

JORNAIS

Jornal "Dimensão", Itapetinga/BA – 12 outubro de 2002

Jornal "Dimensão", Itapetinga/ BA – 11 de outubro de 2003.

Outros Documentos

MACARANI (2014). **Lei Orgânica Municipal**. Macarani/ BA: [s.n], 2014.

6 - DIMENSÃO - Itapetinga, 29 de setembro de 2001

Macarani agora tem PT



Os petistas Wadmillan Ferraz e Rosângela Oliveira

Militantes do PT - Partido dos Trabalhadores, em Macarani, receberam a visita de petistas de Itapetinga e estão dispostos a levantar o partido naquela cidade. O primeiro encontro entre os militantes do PT das duas cidades ocorreu no dia 26 de agosto, e contou com as presenças dos presidentes do partido de Ilhéus, Itabuna, Itororó, além do presidente estadual Josias Gomes.

A idéia principal é criar o PT em Macarani para fazer oposição às duas facções políticas lá existentes, mas que são ligadas ao mesmo grupo político no Estado.

Para a montagem do Diretório Municipal, os militantes de Macarani organizaram uma

comissão e o passo seguinte é montar a sede do partido.

Rosângela de Oliveira, presidente do PT em Macarani, fez uma análise da atual administração daquela cidade: "Estamos na luta para criarmos o PT na cidade, porque a atual administração deixa muito a desejar, a população necessita muito de uma transformação

política, levando a uma transformação social" - comentou Rosângela.

Os petistas macaranienses têm procurado fazer um trabalho de conscientização maior junto à juventude, notando que há uma boa aceitação principalmente entre os estudantes, professores e pessoas da comunidade católica.

"Macarani vai dar um grande passo com a criação do PT, que é um partido sério e está aí para mostrar a esses governantes como administrar um município. Hoje estamos vendo que a questão social está em calamidade na cidade" - declarou Wadmillan Ferraz, um dos delegados do PT em Macarani.

Fonte: Acervo do Diretório Municipal do PT de Macarani.

18 - DIMENSÃO - Itapetinga, 11 de outubro de 2003

PT de Macarani se mobiliza para lançar candidatos



No último domingo, dia 5, foi realizada uma mobilização do Partido dos Trabalhadores em Macarani. Se fizeram presentes representantes de vários setores da sociedade, além de petistas e simpatizantes. A abertura foi feita pela presidente do PT, Rosângela de Oliveira.

Fizeram parte do palanque os mais novos filiados ao partido, os empresários e pecuaristas Nilson Almeida, Roberto Botelho, José Dias e Dilson Almeida. O presidente do PSDB, Elson Evangelista, a ambientalista e professora Dinorá Nogueira, o jovem petista Élio

Andrade e os componentes do Diretório do PT naquele município. Na cerimônia, foi empossado o tesoureiro do partido, Josué Guimarães.

Vários temas foram abordados durante o bate-papo, entre eles as possíveis alianças do PSB, PSDB e PMDB. De acordo com a resolução da Executiva Estadual do PT, em Macarani também será lançado um candidato a prefeito pela sigla, bem como candidatos a uma vaga no Legislativo em 2004. O PT estuda ainda a criação de um calendário para reuniões e debates com entidades, para a discussão de projetos.

Fonte: Acervo do Diretório Municipal do PT de Macarani.

ANEXO 3 – RELATO DE VIOLÊNCIA POLÍTICA NAS ELEIÇÕES DE 2002.



Fonte: Jornal Dimensão – Itapetinga Bahia.

ANEXO 4 - CHEFES DO EXECUTIVO MUNICIPAL DE MACARANI (1944 – 2021).

PERÍODO	NOME	PARTIDO	ASCENSÃO
ERA VARGAS – PREFEITOS			
1944	João Saliba		Nomeado
PERÍODO DEMOCRÁTICO – PREFEITOS			
1945 - 1950	Athánasio da Silva Neto	PSD	Eleito
1951 - 1954	Raimundo Bahia da Nova	PSD	Eleito
1955 - 1958	Clério Correia de Mello	PSD	Eleito
1959 – 1962	Oswaldo Coelho dos Santos	PSD	Eleito
1963	Wilson Vieira Dantas	PSD	Eleito
REGIME MILITAR – PREFEITOS			
1964 – 1966	Wilson Vieira Dantas	PSD	Eleito
1967 – 1970	Oswaldo Coelho dos Santos	ARENA	Eleito
1971 -1972	Lindolfo Fernandes de Souza	ARENA	Eleito
1973 – 1976	Juarez Fernandes de Souza	ARENA	Eleito
1977 – 1982	Lindolfo Fernandes de Souza	ARENA	Eleito
1983 – 1988	Olisandro Pinto Nogueira	PDS	Eleito
PERÍODO DEMOCRÁTICO – PREFEITOS			
1989 - 1991	Eujácio de Lima Brito	PFL	Eleito
1992	José Roberto Autran P. Sampaio	PSDB	Interino
1993 - 1996	Olisandro Pinto Nogueira	PTB	Eleito
1997 - 2002	Armando de Souza Porto	MDB - PTB	Eleito
2003 - 2004	Paulo Fernandes Lacerda	PFL	Interino
2005 - 2008	Olisandro Pinto Nogueira	PP	Eleito
2009 - 2015	Antônio Carlos Macedo Araújo	MDB	Eleito
---2015---	Paulo Jorge Souza Novato	PR	Interino
2015 – 2016	Armando de Souza Porto	PSD	Eleito
2017 – 2020	Miller Silva Ferraz	MDB	Eleito
2021 – 2024	Selma Rodrigues Souto	PSD	Eleita

Fonte: Elaborada por Gabriel de Oliveira Ferraz em abril de 2021 - Dados concedidos pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia - TRE BA, Seção de Biblioteca Informação e Memória - SEBLIM.

ANEXO 5 – RESULTADO DAS ELEIÇÕES DE 21 DE DEZEMBRO DE 1947 - CANDIDATOS E VOTOS OBTIDOS.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 21 DE DEZEMBRO DE 1947
Circunscrição da Bahia.

Zona 57a.

Municípios e Distritos	Seção	Legendas Partidárias (Vereadores)		TOTAL	Legendas Partidárias (Prefeitos)		TOTAL
		U.D.N.	P.S.D.		U.D.N.	P.S.D.	
		U	U.D.N.	P.S.D.		U.D.N.	P.S.D.
ITAMBÉ							
Itambé	10	892	1.412	2.304	946	1.368	2.314
Itapetinga	13	1.285	1.695	2.980	1.366	1.619	2.985
Votos válidos		2.177	3.107	5.284	2.312	2.987	5.299
" brancos				75			68
" nulos				37			29
VOTANTES				5.396			5.396
		U.D.N.	P.S.D.		U.D.N.	P.S.D.	
MACARANI							
Macarani	4	511	545	1.056	530	533	1.063
Campinarana	1	51	186	237	49	189	238
Encruzilhada	3	225	236	461	222	234	456
+ Ribeirão do Sal	01	44	133	177	45	127	172
Nova Esperança	2	166	516	682	168	510	678
Votos válidos		997	1.616	2.613	1.014	1.593	2.607
" brancos				20			26
" nulos				1			1
VOTANTES				2.634			2.634

Prefeitos eleitos:

Coriolano José Fagundes 2.987 votos (ITAMBÉ) P.S.D.

Atanazio da Silva Neto 1.593 votos (MACARANI) P.S.D.

TOTAL de votantes na Zona: 8.030

Fonte: Dados concedidos pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia - TRE BA, Seção de Biblioteca Informação e Memória - SEBLIM, em agosto de 2021.



GABRIEL DE OLIVEIRA FERRAZ: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (2018), mestrado (2021) em Desenvolvimento Social pela mesma Universidade. Tem experiência na área de Antropologia, e Ciência Política, com ênfase em Antropologia Social, e Antropologia da Política. Pesquisador bolsista de Apoio Técnico em Extensão do País, Categoria ATP-B (2016) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP - Unimontes. Atua como Cientista Político, e Produtor Cultural no médio sudoeste do estado da Bahia.

Este livro revela as transformações da cultura política no interior da sociedade brasileira, em um estudo de caso no interior do Estado da Bahia, que traz uma grande contribuição para entendimento dos fenômenos político-sociais do Carlismo e do Lulismo, que através de pesquisa etnográfica de eleições locais, explicam os aspectos da política brasileira. Nos arranjos e contradições que sob uma perspectiva inédita, apresenta fatos sobre as dinâmicas do poder e as estratégias de adaptação da elite local a partir de diferentes contextos.

Assim, a obra buscou analisar os efeitos evidenciados pelas polarizações que tem ocorrido na política brasileira. Com base em estudos abrangentes, o autor examina a política vivida no cotidiano, a partir das concepções e práticas da política baiana, marcada pela modernização conservadora no período do Carlismo de ACM, a ascensão do Lulismo baiano, que se tornou crucial para as eleições nacionais, considerado essencial para entender o Brasil.

A publicação deste livro foi possível pela aprovação do projeto na Lei Paulo Gustavo, do Ministério da Cultura do Brasil, em âmbito municipal. Os recursos financeiros do projeto contribuíram para cobrir os custos da editoração e impressão que será doado às escolas e biblioteca. E também disponibilizado o livro digital gratuito para estudos e pesquisas sobre Macarani.

Este livro revela as transformações da cultura política no interior da sociedade brasileira, em um estudo de caso no interior do Estado da Bahia, que traz uma grande contribuição para entendimento dos fenômenos político-sociais do Carlismo e do Lulismo, que através de pesquisa etnográfica de eleições locais, explicam os aspectos da política brasileira. Nos arranjos e contradições que sob uma perspectiva inédita, apresenta fatos sobre as dinâmicas do poder e as estratégias de adaptação da elite local a partir de diferentes contextos.

Assim, a obra buscou analisar os efeitos evidenciados pelas polarizações que tem ocorrido na política brasileira. Com base em estudos abrangentes, o autor examina a política vivida no cotidiano, a partir das concepções e práticas da política baiana, marcada pela modernização conservadora no período do Carlismo de ACM, a ascensão do Lulismo baiano, que se tornou crucial para as eleições nacionais, considerado essencial para entender o Brasil.

A publicação deste livro foi possível pela aprovação do projeto na Lei Paulo Gustavo, do Ministério da Cultura do Brasil, em âmbito municipal. Os recursos financeiros do projeto contribuíram para cobrir os custos da editoração e impressão que será doado às escolas e biblioteca. E também disponibilizado o livro digital gratuito para estudos e pesquisas sobre Macarani.